Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 30.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 682 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

"TODOS AO PARLAMENTO!" CHEGA CONVOCA POLÍCIAS PARA PROTESTO CONTRA O GOVERNO

DESAFIO Ventura quer aprovar na Assembleia da República proposta dos sindicatos da PSP e associações da GNR que o Ministério da Administração Interna tem recusado. Chega pede manifestação de "força" com polícias fora e dentro do Parlamento.

PÁG. 6

ARROIOS, O BAIRRO DE LISBOA QUE SE TORNOU O PREFERIDO DOS NÓMADAS DIGITAIS

PÁGS. 8-9

LACS Anjos: espaço de *coworking* recebe nómadas digitais de diversos países.

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

França
Eleições podem trazer uma "guerra civil" ou apenas caos político?

PÁGS. 4-5

Habitação
Fisco boicota indemnização de senhorios com rendas congeladas

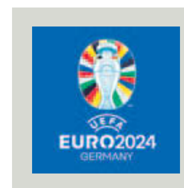
PÁG. 10

Brasil
Tarcisismo, o movimento que pode abalar os planos de Lula

PÁG. 14



HOJE GRÁTIS



ESLOVÉNIA Oblak, o "trabalhador incansável" que lidera desde a baliza

RESULTADOS Suíça 2 - Itália 0 | Alemanha 2 - Dinamarca 0 PÁGS. 18-21



Editorial

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Investigação criminal. O tempo e os meios necessários, seguindo os bons exemplos

Quando as polícias investigam organizações criminosas de elevada complexidade e capacidade de recursos, a desigualdade de meios raramente não é favorável aos que traficam, aos que matam e aos que corrompem. Esquecendo por instantes os políticos, como o ex-ministro João Galamba ou o antigo presidente do Sport Lisboa e Benfica Luís Filipe Vieira, cujas comunicações foram intercetadas durante quatro e três anos, respetivamente, no âmbito de inquéritos criminais, é preciso ter em conta que para conseguir recolher provas que possam levar a julgamento suspeitos de crimes graves e violentos o tempo pode ser um aliado precioso dos investigadores. É preciso esperar, por vezes, meses por um deslize, um desabafo, uma troca de mensagens, de nomes.

Lembro casos como o dos Hells Angels (86 condenados por associação criminosa, homicídio qualificado na forma tentada, extorsão, roubo, ofensa à integridade física qualificada, tráfico e/ou consumo de droga, crime de dano e posse de arma proibida); o dos 27 membros do Portugal Hammerskins (PHS), o mais violento e organizado grupo de extrema-direita, que responderam em tribunal por 77 crimes, entre os quais tentativa de homicídio, ofensa à integridade física qualificada, discriminação racial e sexual e detenção de arma proibida, cujas vítimas foram militantes comunistas e antifascistas, negros, muçulmanos e homossexuais, dos quais 22 foram condenados a penas de entre seis meses a nove anos de prisão; o dos dois irmãos iraquianos Ammar e Yaser Ameen, detidos em setembro de 2021 por suspeitas de pertencerem à organização terrorista Estado Islâmico, condenados a 16 e 10 anos de prisão, respetivamente, por crimes de adesão a organização terrorista e de guerra, ou casos de tráfico de seres humanos, de exploração de imigrantes.

Muitos mais há, mas são exemplos da necessidade de nas investigações as polícias poderem recorrer a todos os meios de obtenção de prova, sejam intrusivos ou não. Sempre com controlo de juízes.

Quando é o princípio da legalidade que dita a investigação criminal, perante qualquer denúncia de crime as autoridades estão obrigadas a investigar. A quem compete avaliar a proporcionalidade da utilização dos meios intrusivos é ao juiz de investigação criminal. No caso do inquérito Influencer, que atinge Galamba, por exemplo, terão sido 16 juízes a validar as escutas ao longo dos quatro anos. Não esquecer que os tribunais são órgãos de soberania. É tenebroso se assinam de olhos fechados. A questão é que, seja para os crimes que envolvem políticos ou outras figuras públicas, o Código de Processo Penal não diferencia quem pode ter mais ou menos escutas. A lei é igual para todos.

Pensar que é possível continuar a combater os crimes graves, como terrorismo, extremismos, crimes de ódio, tráfico de droga, armas e de seres humanos, entre outros, sem as polícias terem estes recursos é pura ilusão. A tal desigualdade de meios desequilibrou-se ainda mais desde que a investigação criminal deixou de ter acesso aos metadados das comunicações armazenados durante dois anos pelas operadoras, que permitiam em muitas investigações registar o percurso dos suspeitos em dias, meses, antes do crime, fazer a fita do tempo, relacioná-los ou inocentá-los. A isto junta-se a recente encriptação das comunicações cujos remetentes e destinatários as grandes operadoras se recusam a identificar.

Uma coisa é certa, boa parte da morosidade nas investigações se atenuaria muito se as polícias tivessem mais meios tecnológicos, mais peritos, mais capacidade de recursos humanos.

Também falta mais organização, designadamente em certos departamentos do Ministério Público (MP) por onde passam os processos mais complexos e mediáticos.

Não querendo insistir na ausência do poder de hierarquia que está previsto e do qual a atual procuradora-geral da República abdicou, é comentada no meio policial a diferença de método e gestão de trabalho entre o Departamento de Investigação e Ação Penal (DIAP) do Porto, com vários sucessos, e a do DIAP de Lisboa e do Departamento Central de Investigação e Ação Penal, sendo estes dois últimos alvo de críticas pelo arrastar de processos sem acusação há vários anos – recordo, por exemplo, o Montebranco, de 2012, relacionado com branqueamento de capitais e fraude fiscal, cujo principal suspeito, "Zé das Medalhas" (Francisco Canas), morreu em 2017 sem que o procurador titular, Rosário Teixeira, deduzisse acusação.

É também no DCIAP, que centraliza os processos de criminalidade mais complexa e violenta, que um procurador deitou a perder mais de 3277 *e-mails* fundamentais para a prova do caso EDP, em investigação há cerca de 12 anos, porque os abriu sem a autorização judicial e foram considerados prova proibida pelo Supremo Tribunal de Justiça. A responsabilização é imperativa.

Mais uma vez, a Operação Influencer, que levou à queda do governo de António Costa, em relação à qual o Tribunal da Relação não encontrou indícios de crimes, também é deste departamento, que depende diretamente da Procuradoria-Geral da República.

O diretor do DCIAP, Francisco Narciso, tem obrigação de saber o que fazem as suas equipas (tal como Lucília Gago) e de garantir que as investigações são bem feitas e intocáveis do ponto de vista da legalidade dos atos.

Pôr "ordem na casa", a que a ministra da Justiça se comprometeu, pode também passar por aqui: garantir que há recursos para produzir boas investigações e olhar para os bons modelos de organização no MP para os replicar.

OS NÚMEROS DO DIA

12.º

LUGAR
O piloto português Miguel Oliveira (Aprilia) terminou na 12.ª posição a corrida *sprint* do Grande Prémio dos Países Baixos de MotoGP, a 16,082 segundos do vencedor, o italiano Paco Bagnaia (Ducati).

10

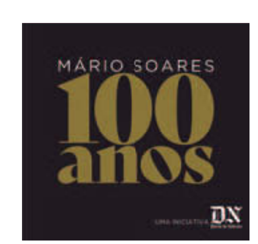
QUILÓMETROS
A nadadora portuguesa Angélica André conquistou a medalha de prata nos 10 quilómetros de águas abertas da Taça da Europa de Barcelona, competição na qual a também portuguesa Mariana Mendes foi sétima. Angélica ficou a 3,3 segundos da vencedora, Lisa Pou, do Mónaco.

444

DETIDOS
A GNR deteve, na última semana, 444 pessoas, detetou 6268 infrações e apreendeu várias doses de droga em operações de combate à criminalidade e aos sinistros na estrada.

11

MORTOS
Os ataques russos contra uma cidade da região de Zaporijia e aldeias da região de Donetsk, no Sul e Leste da Ucrânia, provocaram ontem 11 mortos, disse o governador regional, Ivan Fedorov. "Dois dos mortos são crianças", escreveu o dirigente numa rede social.





30.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.


JUNTE-SE AO CONTINENTE E TSF
E VENHA APOIAR OS
JOGOS DA SELEÇÃO.
ASSISTA AOS RELATOS NA GALERIA DO MINHO
CENTER E NO CENTRO COMERCIAL
CONTINENTE DE LOURES.
CONTINENTE
Sabor a
Receita
Camponesa
CONTINENTE
PATROCINADOR OFICIAL DE UMA SÓ SELEÇÃO
PORTUGAL
TSF
RÁDIO NOTÍCIAS
EURO 2024
Minho
Center
CENTRO
COMERCIAL
CONTINENTE
LOURES

FRANÇA

Eleições podem trazer uma "guerra civil" ou apenas caos político?

LEGISLATIVAS Primeira volta realiza-se hoje, com as sondagens a darem vantagem à extrema-direita e o partido de Macron a surgir em terceiro, atrás da aliança das esquerdas.

TEXTO **ANA MEIRELES**



Gabriel Attal e Emmanuel Macron têm como maiores rivais Jordan Bardella e Marine Le Pen, numas eleições que marcam o regresso à política do ex-presidente socialista François Hollande.



ALAIN JOCARD / AFP



A seis dias da primeira volta das eleições legislativas antecipadas de hoje, Emmanuel Macron deixava um aviso aos eleitores: os programas dos "dois extremos" do espectro político francês conduzem "à guerra civil", numa referência ao Reunião Nacional (RN), de extrema-direita, e à Nova Frente Popular (NFP), união de esquerdas que vai do Partido Socialista aos mais radicais da França Insubmissa. Um aviso que soa um pouco a desespero, tendo em conta que o RN lidera destacado nas sondagens, com 35% a 37% das intenções de votos, contra 27,5%-29% para a NFP e apenas 20%-21% para o campo centrista do presidente.

"Estamos preparados" para governar, garantira horas antes Jordan Bardella, 28 anos, o protegido de Marine Le Pen e candidato a primeiro-ministro do RN caso conquiste a maioria absoluta nestas que são as legislativas mais incertas da história recente de França, e cuja segunda volta está marcada para 7 de julho. "O RN não está preparado para governar", reagiu o primeiro-ministro, Gabriel Attal, 35 anos, para quem se trata de "um partido de oposição e não de governo". No que toca a candidatos à liderança do Executivo, falta saber quem será a cara da NFP, que continua dividida quanto a um nome, sabendo que a escolha do primeiro-ministro – por norma, na maioria de governo – é do presidente.

Mas, mais do que o hipotético cenário de "guerra civil" vaticinado por Macron, França parece estar à beira do caos político com um Parlamento ingerível, segundo afirma Mujtaba Rahman, chefe para a Europa da consultora de risco Eurasia Group. "Não há precedente na política francesa recente para tal impasse." Brice Teinturier, diretor da empresa de sondagens Ipsos, recorda que surgiram duas tendências nesta campanha, a mais curta da Quinta República francesa. "Uma é uma dinâmica de esperança", com apoiantes de esquerda e do RN a acreditar que "pode haver uma mudança". Outra é "a politização negativa, o medo causado pelo RN e numa parte do eleitorado pela França Insubmissa e a coligação de esquerda".

A par de tudo isto há a popularidade de Macron cada vez mais em queda, de tal forma que os seus aliados sugeriram que ficasse em segundo plano na campanha, dando o protagonismo a Attal. Para um dos apoiantes mais leais de Macron, parte do ressentimento decorre da sua ascensão à presidência. "Há um desejo de vingança por parte dos políticos que se ressentem do seu sucesso", disse François Patriat, líder do Renascimento, o partido de Macron, no Senado.

Outros aliados, como Édouard Philippe, o primeiro chefe de governo nomeado por Macron, não escondem o seu desconforto com a decisão de antecipar as legislativas como resposta aos maus resultados do partido e à vitória do RN nas europeias. "Foi o presidente quem matou a maioria presidencial", acusou Philippe. Já para o ex-presidente socialista François Hollande, de regresso à política como candidato pela NFP, o macronismo "acabou", uma afirmação acompanhada da garantia de que não tem "contas a ajustar" com o seu antigo ministro.

Macron planeia convocar para amanhã uma reunião de governo para decidir, já com os resultados da primeira volta conhecidos, o rumo a seguir, segundo disseram fontes do Executivo à AFP. E há vários cenários que o presidente francês terá de começar a ponderar, todos eles de incerteza política.

Se o RN e seus aliados conseguirem a maioria na Assembleia Nacional, Macron ficará numa situação de "coabitação", em que o presidente e o governo seriam de partidos opostos – embora a extrema-direita possa implementar parte do seu programa doméstico, por exemplo, reduzindo a imigração, só o presidente pode convocar um referendo ou desencadear uma votação sobre alterações constitucionais. Macron, que normalmente define a política externa e de defesa, também poderá ficar de mãos atadas se o RN nomear ministros nacionalistas da Defesa e dos Negócios Estrangeiros que se oponham à visão do Eliseu.

Desde que perdeu a maioria parlamentar em 2022, Macron tem procurado alianças no Parlamento, voto a voto, ou forçar a aprovação de legislação sem votação, em vez de formar um pacto com outro partido. O RN ou a esquerda poderão tentar fazer o mesmo se não obtiverem maioria, mas um governo minoritário de extrema-direita ou de esquerda provavelmente não

37%

Sondagens O Reunião Nacional lidera destacado nas sondagens, com 35 a 37% da intenção de votos, contra 27,5-29% da Nova Frente Popular, e 20-21% para o campo de Macron.


LUDOVIC MARIN / POOL / AFP


PASCAL LACHENAUD / AFP

conseguiria aprovar uma moção de censura. A equipa de Macron espera que, no caso de um Parlamento sem maiorias, possa formar uma coligação com moderados de esquerda e de direita.

Outra opção seria o presidente nomear um governo tecnocrático e apartidário que todos pudessem apoiar. Segundo Camille Bedock, cientista política do Centro Émile Durckheim da Universidade de Bordéus, Macron também pode decidir deixar o atual governo de Attal como interino por um ano, convocando depois novas eleições. Mas é quase certo que nem o RN nem a NFP apoiariam tal decisão.

O cenário mais extremo seria Macron apresentar a demissão, algo que o presidente francês já garantiu que não acontecerá seja qual for o resultado das eleições.

ana.meireles@dn.pt

Laurent Goater. "Esta é a primeira eleição francesa em que a cerca sanitária não funciona"

ENTREVISTA Representante eleito dos franceses em Portugal, Laurent Goater analisa as legislativas e olha já para as presidenciais.

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

Depois da derrota nas eleições europeias, ao convocar legislativas antecipadas Macron tentou um golpe de génio que acabou por se virar contra ele?
É isso. Os votos das europeias não foram diferentes do que as sondagens indicavam e, portanto, a única justificação que eu encontro à forma como o presidente Macron decidiu dissolver a Assembleia foi para cortar aos outros partidos a possibilidade de se estruturarem e reagir. Ele achou que procedendo desta maneira praticamente só os deputados que estavam em funções teriam condições para concorrer, mas não foi o que aconteceu. Por exemplo, na nossa circunscrição, mesmo assim, há 13 candidaturas. Mostra que, apesar de termos tido só uma semana para fazer o ato de candidatura, Macron não conseguiu reduzir significativamente a oferta alternativa aos seus candidatos.

Em bom português, saiu-lhe o tiro pela culatra.
Saiu-lhe, claramente, o tiro pela culatra. O que é muito interessante também é ver que muito poucos candidatos do partido dele se apoiam na imagem do presidente. Ele era omnipresente até às europeias, mas nas legislativas já não é. Macron conseguiu perder o apoio popular que tinha. Sempre fui bastante crítico, acho que ele é mais um problema do que uma solução para a França. Mas, fazendo alguma análise objetiva, o que se verifica é que os candidatos que se dizem da maioria presidencial já não querem a imagem de Macron, ao contrário da do primeiro-ministro Attal, que tem melhor imagem do que o presidente.

Olhando para a extrema-direita, para o Reunião Nacional (RN), depois da vitória nas europeias, todas as sondagens indicam que vencerá as legislativas. Parece-lhe inevitável neste momento?
Parece-me inevitável, o que não se sabe é se vão ter uma maioria absoluta sozinhos ou se vão ter de fazer algum acordo com outros partidos. Acho que a única dúvida é esta. Não vejo de todo a possibilidade de uma maioria de esquerda. Claro que se os deputados macronistas ainda forem uma centena, e algumas sondagens dizem isso, já é possível imaginar que se juntem à esquerda para tentar governar. Mas mesmo assim eu acho que há forte probabilidade de o RN ter quase a maioria absoluta e haver um número suficiente de deputados de Os Republicanos – sejam os que seguiram Éric Ciotti [o líder do partido que propôs unir-se ao RN], sejam os da minha área, que não o seguiram – que estarão dispostos a negociar uma solução de governo.

Essa hipótese existe apesar da rebelião que houve dentro do seu partido depois de Ciotti dizer que defendia a aliança com o RN? É possível haver um acordo pós-eleitoral para um governo?
É possível porque o poder dos partidos enfraqueceu brutalmente, ou seja, estamos a votar para deputados individuais. Por exemplo, o candidato que eu apoio não usa a imagem de Os Republicanos, criámos uma imagem que é da direita republicana, que não é um partido. Por isso acredito que os deputados que forem eleitos são craques, são pessoas que conseguem trazer, com o seu nome, alguma ordem a esta confusão. Mesmo os macronistas. Os que ultrapassarem isto são os que têm uma solidez pessoal bastante superior à média. Portanto acredito que estas pessoas vão chegar à Assembleia com alguma capacidade em fazer acordos de regime individuais. E vão querer que haja algum grau de estabilidade em França para os três anos que aí vêm.

Sem uma maioria clara e com uma possível coabitação entre o presidente e um primeiro-ministro de outra cor política arriscamo-nos a ter uma França ingovernável durante três anos?
Se eu fosse o candidato neste momento – e não sou eu – e fosse eleito, mesmo com uma cultura de direita firmada, neste período as pessoas de direita acabam por ficar um pouco mais à direita. Portanto o meu primeiro objetivo seria conseguir alguma solução para o país ser governado à direita, e não à esquerda. O outro raciocínio é que, apoiando essa maioria assente no RN, mas tendo uma palavra a dizer, poderia ter algum peso para impedir as ideias mais brutais e inadmissíveis que o RN possa querer trazer se tiver maioria absoluta.


Laurent Goater
Representante eleito dos franceses em Portugal

Olhando para os resultados das europeias, vemos que o RN ganhou em quase toda a França...
Menos em Paris.

Menos em Paris, é verdade...
Isto é altamente preocupante, porque temos uma elite intelectual que vive em Paris e que pensa de forma oposta ao resto do país. Não é bom para uma sociedade que a sua elite e a sua capital tenham uma opinião que está excessivamente fora daquilo que seria admissível para o país profundo. Portanto, o RN ganhou, o RN está muito à frente em quase todo o país, vai estar na segunda volta em quase todas as circunscrições, com a exceção de algumas muito privilegiadas de Paris.

Pode-se dizer que é o sucesso da normalização que Marine Le Pen iniciou e que Jordan Bardella agora continua?
Eu não diria isso. Durante muitos anos a lógica foi criar à volta do RN uma cerca sanitária e não permitir uma presença mediática e uma normalização do partido. Isto acabou, neste momento muita gente prefere fazer uma barragem à esquerda, à extrema-esquerda, do que continuar nesta ideia da barragem à extrema-direita. Porquê? Porque houve uma radicalização de todos, menos do RN, quase. No momento em que o RN fez algum trabalho, talvez meramente cosmético, de tornar mais aceitáveis as suas ideias, temos uma esquerda que é cada vez mais radical. Os socialistas foram atrás da esquerda mais radical. Estamos a ver François Hollande e Raphaël Glucksmann a seguirem a bitola mais radical e o próprio macronismo deixou de ter credibilidade. O que estamos a ver é a primeira eleição legislativa francesa na qual a cerca sanitária não funciona e na qual as pessoas já não têm medo de votar no RN.

À esquerda, a Frente Popular junta partidos completamente diferentes. Há alguma hipótese de se manterem unidos, de acordarem num nome para primeiro-ministro, mesmo que ganhassem?
Quem vai decidir o primeiro-ministro é Macron. E se encontrar uma situação em que tem que escolher um primeiro-ministro à esquerda, irá procurar a personalidade que, sendo minimamente aceitável para a esquerda, consiga trabalhar com ele. Não é uma decisão que a esquerda vai assumir sozinha. Eu acho que a Frente Popular é completamente incompatível com os vários pensamentos que nela existem. No dia em que tiverem que decidir sobre temas que metam a UE ou obriguem a algum rigor financeiro para evitar que o país vá à bancarrota esta aliança vai-se desfazer.

Durante estes anos, Macron não conseguiu criar um delfim. Este pode ser o fim do macronismo?
Foi trágico porque até tinha – Gabriel Attal. Um dos grandes erros do macronismo foi, constatando que a primeira-ministra Élisabeth Borne não estava a aguentar o barco, em vez de deixar o Attal no Ministério da Educação continuar a criar uma imagem positiva e construir ali um delfim, puseram-lhe logo a pressão de ser primeiro-ministro. E a seguir fizeram essa dissolução, o que mostra que Macron não é capaz de gerir nada, não é capaz de fazer uma escolha para o futuro. É excessivamente impulsivo e é por isso que a minha postura é: tudo menos Macron neste momento. Porque este homem tornou-se perigoso.

Estamos a falar de legislativas, mas todos os olhares começam a virar-se para as presidenciais de 2027. Neste cenário, com Macron incapaz de formar um delfim, Marine Le Pen parece-lhe inevitável?
Neste momento sim. Ela é a única líder que consegue construir uma imagem presidencial com um partido forte a apoiá-la. Neste momento, o meu partido não consegue identificar uma pessoa dessas, nem a esquerda, que neste momento está numa encruzilhada de pessoas. Nunca vai ser um [Jean-Luc] Mélenchon o presidente da República. Isso é impossível. É excessivamente confrontacional, é um revolucionário puro. E um revolucionário não preside, manda bombas. Portanto, a única pessoa que tem alguma história e alguma capacidade neste momento de construir isso é Marine Le Pen, e é com muita pena que o digo.

"Todos ao Parlamento!" Chega convoca polícias para protesto contra o governo

DESAFIO Ventura quer aprovar na AR proposta dos sindicatos da PSP e associações da GNR que o Ministério da Administração Interna tem recusado. Chega pede manifestação de "força" com polícias fora e dentro do Parlamento.

TEXTO **ARTUR CASSIANO E VÍTOR MOITA CORDEIRO**

André Ventura quer pressionar o governo, na próxima quinta-feira, dia 4, enchendo as galerias da Assembleia da República de polícias e guardas no dia em que apresenta uma proposta praticamente igual à da plataforma dos sindicatos da PSP e associações da GNR.

O apelo tem-se repetido nos últimos dias, e em particular nas últimas horas, em mensagens nas redes sociais: "Forças de segurança: todos ao Parlamento dia 4 de julho às 15 horas (...) Polícias convocados para debate de projetos-lei do Chega no Parlamento."

"Preciso que venham para o Parlamento, nas galerias e fora do Parlamento, mostrar a força [...] venham do país inteiro"", desafia Ventura.

O Chega propõe, tal como os sindicatos da PSP e associações da GNR, um aumento de 200 euros entre 1 de julho e 31 de dezembro de 2024, mais 100 euros entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2025 e outros 100 euros entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2026 – um total de 400 euros.

O Ministério da Administração Interna defende um aumento total de 300 euros no subsídio de risco [o chamado suplemento de missão] para PSP e GNR, e não os 400 reivindicados, sendo que 200 seriam já pagos em julho e os restantes 100 repartidos em duas tranches, em 2025 e 2026.

Feitas as contas, o que o Chega e os sindicatos e associações destas forças de segurança pedem [400 euros em vez de 300] representa um acréscimo de 4,4 milhões de despesa fixa que o governo não parece estar disposto a pagar.

E vai o apelo encher as galerias do Parlamento? Bruno Pereira, porta-voz da plataforma, confirma a existência de "alguma movimentação e agremiação de esforços para haver uma concentração de polícias nas galerias", mas assegura que "não é nada formal e organizativo". Paulo Santos, presidente da ASPP, garante ao DN que não estará presente. O Chega, apurou o DN, acredita que "as galerias vão estar compostas".

Apesar do desafio, os representantes das forças de segurança dizem preferir dar oportunidade ao governo de levar as negociações a bom porto, em vez de deixar que saia da Assembleia da República uma mera recomendação ou um chumbo. "Os sindicatos e as associações da GNR, tendo em conta que estão num processo negocial", entendem que "cabe ao governo que está em funções resolver este problema", afirma Paulo Jorge Santos. "E estou a falar enquanto presidente da ASPP, que por acaso é o maior sindicato da PSP", sublinha.

"Percebemos a dinâmica parlamentar, percebemos que os próprios partidos políticos façam esses projetos de lei", continua, destacando que a proposta do Chega não é a primeira. "Outros partidos também já o fizeram. O PCP, o Bloco de Esquerda, o PAN, para a mesma matéria. Mas consideramos que neste momento temos que esgotar – e é essa a responsabilidade dos sindicatos – o processo negocial com o governo", conclui.

A mesma premissa é defendida por Bruno Pereira, que diz entender a importância de ser o governo a assumir o lugar cimeiro das negociações. "Não me parece razoável é que tenha que ser um grupo parlamentar, ou até a Assembleia, a substituir-se ao governo naquilo que são as suas responsabilidades executivas", afirma.

O deputado social-democrata António Rodrigues, para quem é fundamental o equilíbrio entre o que o governo quer e o que as forças de segurança exigem, considera "preferível uma plataforma negociada do que qualquer solução política, e muito menos de imposição". E diz também compreender "os argumentos das forças de segurança, que precisam de ter condições atrativas para os novos recrutamentos" e que "são muitas vezes a primeira linha daquilo que é exigível para salvaguardar a ordem pública", mas pede-lhes que "façam esforços com o governo". "Não se põe em causa o direito ao subsídio", explica, mas "não se pode tomar decisões que imponham um valor que seja incomportável para o Estado e que tem consequências financeiras desastrosas".


LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Chega leva a debate proposta de suplemento de missão para PSP e GNR.



"O governo é que tem a possibilidade legal, política, para resolver este problema. E a orçamental."

Paulo Jorge Santos
Presidente da ASPP

"Já ouvi dizer que havia alguma movimentação e agremiação de esforços para haver uma concentração de polícias nas galerias."

Bruno Pereira
Porta-voz da plataforma PSP/GNR

"Não se podem tomar decisões que imponham um valor incomportável para o Estado e que tenham consequências financeiras desastrosas."

António Rodrigues
Deputado do PSD

O PS, questionado pelo DN sobre o debate que vai acontecer na próxima quinta-feira, guarda silêncio sobre a sua posição. A 3 de maio, o líder socialista, Pedro Nuno Santos, alegando que "é importante que o governo e as forças de segurança cheguem a acordo", garantiu que o PS não iria viabilizar a proposta do Chega. A 9 de maio, o PS votou contra a proposta do BE para equiparar o subsídio de risco da PSP e GNR ao da PJ.

Na proposta do partido de André Ventura há um detalhe que é recusado pela plataforma dos sindicatos da PSP e associações da GNR – que "a partir de 1 de janeiro de 2027 o aumento do suplemento de risco" seja "indexado ao aumento do vencimento do diretor Nacional da Polícia Judiciária". "É um atentado contra a dignidade dos profissionais" das forças de segurança, disse ao DN o presidente da Associação Sindical dos Profissionais da Polícia (ASPP), Paulo Jorge Santos.

O porta-voz da plataforma dos sindicatos e associações da PSP e GNR, Bruno Pereira, não concorda com este ponto da proposta do Chega "por uma questão simbólica". "O próprio diretor Nacional da PJ tem o seu valor salarial indexado ao valor salarial do 5.º escalão de juízes desembargadores", lembra, considerando que este ponto "não é inédito e não seria criativo ou inovador".

"Parece-me que ele [o suplemento de missão] deve estar indexado institucionalmente àquilo que é o vencimento do mais alto dirigente da instituição [PSP ou GNR]", defende Bruno Pereira.

E já vão dois. PCP também aceita reunir com Livre sobre autárquicas

PROPOSTA Desafio para debater acordos à esquerda para as eleições autárquicas 2025 também já foi aceite pelo BE. PS ficou desagradado.

O secretário-geral do PCP confirmou ontem que o partido aceitou o pedido de reunião do Livre para pensar acordos à esquerda para as autárquicas, mas sublinhou que os comunistas têm um projeto autárquico "distinto de todos os outros".

"Já respondemos afirmativamente no sentido de fazer essa reunião, uma reunião normal, até no seguimento das próprias eleições do Parlamento Europeu é uma reunião normal, vamos aceitar, estamos ainda em fase de agendamento de data, porque estes calendários às vezes não permitem mais cedo", declarou o líder do PCP.

Paulo Raimundo evitou dar uma resposta definitiva sobre a possibilidade de vir a existir uma aliança à esquerda nas próximas autárquicas, reiterando apenas as diferenças das propostas comunistas para as restantes forças e que esta é uma questão que depende dos projetos políticos que forem apresentados.

"Vocês conhecem-nos, tenho reafirmado isto várias vezes, a questão não é a pessoa A, B ou C, não é o objetivo numérico este ou aquele, a questão é os conteúdos, as propostas, as soluções para as populações e um projeto que responda aos problemas das populações", afirmou.



MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

Após a reunião do comité central, PCP confirmou reunião com Livre.

E defendeu ainda que o histórico comunista nas autarquias tem "provas dadas" e mostra um "trabalho diferenciado, com um caminho de construção, de envolvimento de outras pessoas, muitas independentes, gente que se associa à CDU pelo projeto que tem e pela resposta que dá aos problemas".

O Livre anunciou no passado dia 23 que pediu reuniões com as lideranças do PS (que ficou incomodado), Bloco de Esquerda (que já aceitou o convite), PCP (que aceitou ontem) e PAN para analisar a situação política atual na sequência das últimas eleições para o Parlamento Europeu e pensar já nas autárquicas.

Para o Livre, é "imprescindível que o diálogo entre forças progressistas e de esquerda ocorra numa altura de grandes desafios para a democracia nacional e europeia" como os que se estão a enfrentar.

DN/LUSA

Racismo é um "falhanço" do 25 de Abril

ACUSAÇÃO A líder do BE afirma que Portugal foi "determinante" na formação das estruturas do racismo que existem "internacionalmente".

"É preciso reconhecer que Portugal teve um papel importante e determinante na formação das estruturas do racismo atualmente, histórica e internacionalmente. O papel que Portugal teve no tráfico de pessoas escravizadas não é uma vírgula na nossa história. Não é uma vírgula, não é um ponto, não é uma exceção, não é um comentário ou uma nota de rodapé", afirmou Mariana Mortágua na abertura do primeiro encontro antirracista do Bloco de Esquerda.

"A estrutura do racismo, enquanto uma estrutura de poder, de desigualdade, é uma invenção para desumanizar e justificar a escravatura e o tráfico de pessoas escravizadas, e Portugal teve um papel fundador original nesse processo", sustentou a líder do BE, para quem "Portugal foi um dos grandes agentes mundiais não só na criação do tráfico, como de todas as estruturas sociais que permitiram justificar essa escravatura e colonialismo com a desumanização das pessoas. A desumanização é a ideia de raças superiores e inferiores".

Mariana Mortágua condenou o papel que o país teve "no tráfico de pessoas escravizadas", afirmando que "não é uma vírgula" na história do país e que a "estrutura racista" não foi ultrapassada com o 25 de Abril.

"Um dos grandes falhanços dos 50 anos da Revolução em Portugal é precisamente reconhecer esse passado. Uma das coisas importantes para o futuro é reconhecer esta história e reconhecer esta história quer dizer pedir desculpa às vítimas, porque houve violência, porque houve massacres, porque se condenaram países, populações e comunidades a uma violência e à negação dos seus direitos e porque o Estado português [...] tem uma responsabilidade para reconhecer e pedir desculpa às vítimas", afirmou.

DN/LUSA



Opinião
José Mendes

Costa europeu e Montenegro de Estado

Portugal exporta talento diplomático. É um facto. Os séculos a descobrir e a ligar o mundo, em que a nossa nação foi pioneira da globalização, deixaram marca no ADN lusitano. Sabemos fazer pontes, dar e receber, encontrar os equilíbrios no respeito pela diversidade cultural. A eleição de António Costa para presidente do Conselho Europeu é talvez o maior um exemplo desta nossa predestinação. Por três razões, que hoje partilho com os leitores.

A primeira é a forma como António Costa chega ao cargo. Não resulta de uma bem-sucedida operação de *marketing* nem da suposição de um talento escondido. O caminho de Costa fez-se nas trincheiras, uma vez que, enquanto primeiro-ministro, participou e expôs-se no Conselho Europeu, mostrou no terreno de jogo as suas qualidades perante os pares, muitos dos quais agora o premiaram com o seu voto. Foram quase nove anos em que o coletivo dos líderes dos governos europeus enfrentou uma extraordinária sequência de crises, como a pandemia, a escalada dos custos da energia, a inflação e a guerra. Período em que o mosaico da governação dos Estados-membros se espartilhou, com a emergência de partidos extremistas. Foi justamente no calor das piores crises que se começou a falar do nome de Costa para a liderança do Conselho!

A forma como o agora presidente escolhido reagiu ao voto contra de Giorgia Meloni reflete bem o seu talento, ao declarar que compreende bem o voto de Itália e que irá trabalhar com todos, incluindo Itália, com grande proximidade.

A segunda razão está no próprio António Costa. Embora tenha nascido em Lisboa, tem origem goesa do lado paterno. Este é um português que traz no sangue a fusão de culturas, que coloca no exercício da política a compreensão do mundo e a tolerância perante a diversidade. A sua liderança da 'geringonça', que conheci de perto, deveria ir para os grandes manuais da ciência política. Apesar da gritaria da direita, a mentira não se transforma em verdade e, não, Portugal não se rendeu ao comunismo nem ao bloquismo. Pelo contrário, cresceu acima da média europeia, respeitou e cumpriu os compromissos europeus, retirou o país do procedimento de défice excessivo e endireitou as contas públicas. Sejamos claros, este percurso foi validado e aplaudido por toda a Europa.

Por fim, a terceira razão de mais este prestigiante sucesso da nossa diplomacia é o facto de, no momento certo e a despeito da rivalidade política interna – mais estratégica do que ideológica –, os blocos democráticos dominantes se terem entendido. Ao apoiar a nomeação de António Costa, o primeiro-ministro social-democrata, Luís Montenegro, deu um exemplo de grandeza de Estado que deve ser aplaudido. Dos outros, os extremos que se deixam tentar pelo ódio político, não reza a história.



Ao apoiar a nomeação de António Costa, o primeiro-ministro social-democrata, Luís Montenegro, deu um exemplo de grandeza de Estado que deve ser aplaudido.

Professor catedrático.

Arroios, o bairro de Lisboa que se tornou o preferido dos nómadas digitais

NA MODA Cafetarias e cervejarias artesanais, *brunches* e espaços de *coworking* acolhem a comunidade nómada que escolheu a capital para trabalhar. Segundo dados obtidos pelo DN, desde novembro de 2022 já foram emitidos 4279 vistos para essa comunidade: americanos, brasileiros e ingleses são os que mais beneficiam.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ,** FOTOS **RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS**



LACS Anjos: espaço de *coworking* recebe nómadas digitais de diversos países.

Cool, *good vibes* e *trendy* são alguns dos adjetivos escolhidos por estrangeiros que descrevem a freguesia de Arroios, em Lisboa. Com a presença de diferentes culturas no bairro, com estabelecimentos da Ásia Meridional (Bangladesh, Índia, Nepal e Paquistão), Arroios tem-se notabilizado também por abrir portas para a comunidade dos nómadas digitais em Lisboa.

Espaços de *coworking*, cafetarias e cervejarias artesanais e restaurantes que servem *brunches* passaram a ser lugares maioritariamente frequentados por estrangeiros que escolheram a capital como base para trabalhar remotamente. Eleito pela revista *Time Out* como o bairro mais *cool* do mundo em 2019, numa lista que contava com 50 bairros de diferentes países, a fama de Arroios parece ter chegado a esta comunidade.

Em caminhada pelas proximidades da Avenida Almirante Reis, é possível encontrar lugares como o Thank You Mama Specialty Coffee, na Rua do Forno do Tijolo. "No começo, não era nossa ideia ser um espaço de *coworking*, mas sabíamos que o nosso público-alvo seriam os estrangeiros e a região dos Anjos e Arroios acabou por tornar-se um polo para essa comunidade. Foi ótimo para nós. As nossas portas estão abertas para todos, mas sabemos que os portugueses têm café muito bom e estão acostumados a estabelecimentos mais tradicionais", conta Anna Santos, proprietária do café.

Originária da Rússia, Anna casou-se com um português e abriu a porta do empreendimento há três anos. Com o conceito de "cafetaria artesanal" que descobriu nos EUA, conta que usa uma das assoalhadas do espaço como uma sala de exposições para artistas portugueses. A ideia é ter uma mistura entre a cultura portuguesa e os estrangeiros no local, embora reconheça que entre os clientes o fator económico acaba por trazer mais turistas e nómadas digitais para o espaço.

"O governo ajuda muito com os vistos para nómadas e, querendo ou não, o poder de compra em Portugal, infelizmente, não é tão bom. De forma geral, acaba por ser um espaço mais acessível para os estrangeiros. É uma cafetaria artesanal, não podemos vender o café pelo mesmo preço que a Delta, por exemplo", afirma a empreendedora. O preço de uma bica é de 2 euros e o galão de 3,50 euros. Se o cliente quiser leite vegetal, o acréscimo é de 50 cêntimos.

Nicolas Block, realizador de cinema francês e estabelecido em Lisboa há quase dois anos, é um dos nómadas digitais que frequenta o café de Anna e outros da zona para trabalhar. "É um lugar que me dá boas vibrações, tem muitos cafés e esplanadas agradáveis. Lisboa como um todo é muito boa. Trabalho aqui remotamente e só saio quando tenho rodagens, normalmente em Inglaterra ou Estados Unidos. De resto, fico por aqui. Eu nasci em Marselha, mas estudei e trabalhei em Paris. E em Lisboa sinto a mistura cultural de Paris com a proximidade do mar e o modo de vida relaxante de Marselha. É perfeito", conta Nicolas.

Na Rua Febo Moniz, o Fauna Flora é outro lugar onde as mesas são tomadas por estrangeiros com *notebook* em horário de trabalho, mesmo que o espaço não seja destinado a esse fim. "Somos um lugar que serve *brunches*, o objetivo não é ser para *coworking*. Isso é ao lado", disse uma das funcionárias referindo-se ao LACS, que o DN também visitou.

Ainda no Fauna e Flora, um americano natural de Boston que não quis identificar-se, falou ao DN sobre a experiência enquanto nómada na cidade. Engenheiro de *software*, apaixonou-se por Lisboa após uma escala de 24 horas na cidade. Mudou-se para a capital portuguesa logo após os primeiros vistos para nómadas digitais serem emitidos, em novembro de 2022. A única reclamação foi pela demora para emissão do documento. Escolheu Arroios para viver e os cafés da região para trabalhar.

"A zona tem toda uma magia que é difícil descrever. Nos EUA, a me-



D.R.

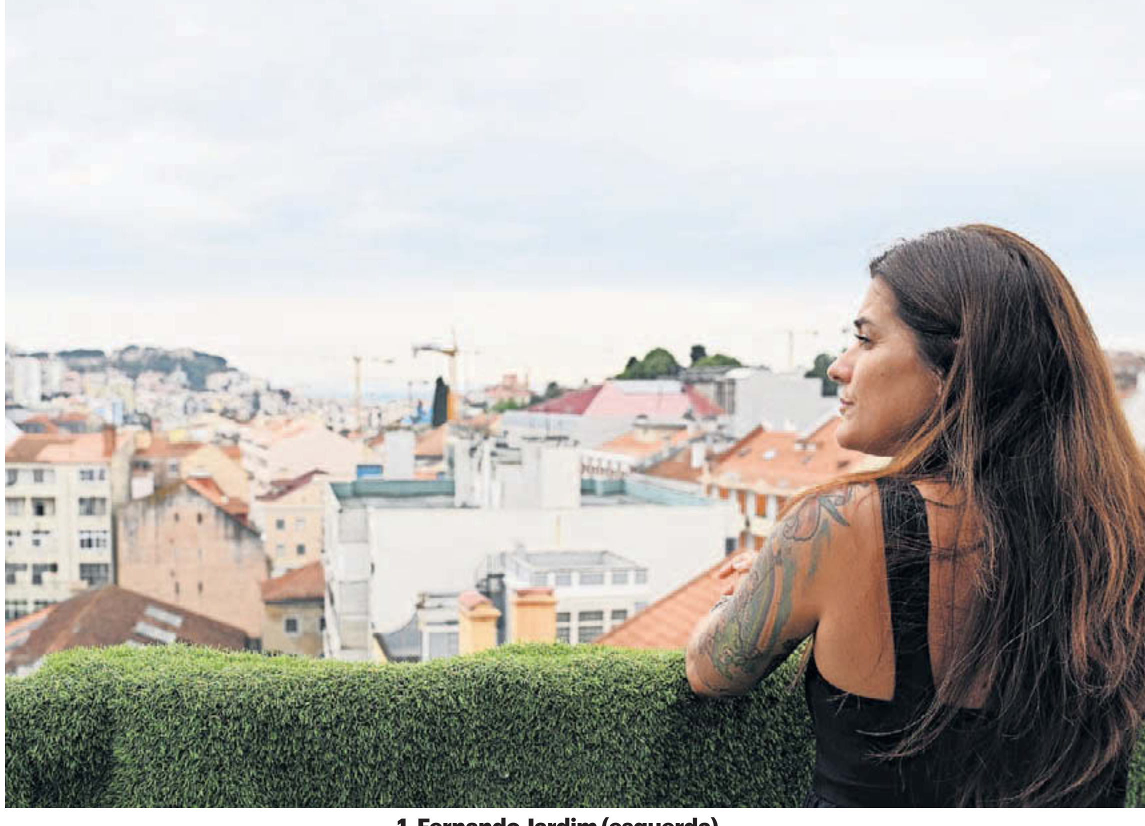
nos que você esteja no interior, as cidades são muito esmagadoras. Aqui tudo me encanta, a geometria, as igrejas, os *graffiti*. Consigo ter uma independência financeira boa, visto que não é tão cara como o centro de outras cidades da Europa. O único problema aqui é a demora em algumas coisas, nomeadamente a documentação. Não é um país muito moderno nesse sentido", diz o americano, que prefere "deixar as suas pegadas fora de rasto".

Segundo dados obtidos pelo DN junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), desde novembro de 2022 foram emitidos 4279 vistos para nómadas digitais. Destes, 684 foram emitidos pelos postos consulares portugueses no Brasil, sendo o segundo país onde são pedidos mais vistos desta tipologia (16%), atrás apenas dos Estados Unidos. O Reino Unido completa o pódio.

O LACS Anjos é uma das quatro unidades de Lisboa da empresa que oferece espaços para *coworking*. A gerente da unidade, Joana Gouveia, conta que a afluência de culturas na freguesia de Arroios é um dos motivos para o sucesso dos escritórios. Para promover a integração dos nómadas digitais, o LACS Anjos propõe iniciativas para os frequentadores do espaço se conectarem.

"Fazemos uma *happy hour* todos os meses, sempre a uma quinta-feira, e também iniciativas como o *pancake day*, que é um pequeno-almoço entre os nossos clientes na primeira segunda-feira do mês. Então, além desses eventos de integração para quem vem de fora, a zona também ajuda muito, tem de tudo, bares, restaurantes, transportes públicos e toda uma programação cultural", conta Joana.

Um dos responsáveis por uma dessas iniciativas é o brasileiro Fernando Jardim. Em Lisboa há cinco anos, criou as *coworking thursdays*, que funcionam como ponto de encontro entre os residentes do LACS e possíveis interessados no espaço. "Trazemos para cá uma comunidade de empreendedores e nómadas digitais para conhecer o LACS e, assim, se conectarem com algumas empresas que já estão estabelecidas aqui. É uma iniciativa que acontece há uns três anos, quando a gente notou que tinham muitas pessoas estrangeiras fazendo trabalho remoto em Lisboa e muitos espaços de *coworking* vazios. Tem sido muito positivo desde então", diz o imigrante.



1. Fernando Jardim (esquerda), responsável pelas *coworking thursdays*. 2. Anna Santos (direita), no Thank you Mama. 3. Joana Gouveia (abaixo), gerente do LACS Anjos.

Gentrificação e aumento das rendas

Em espaços como o LACS os preços acompanham o alto poder de compra dos clientes. De acordo com Joana Gouveia, o LACS Anjos conta atualmente com 40 gabinetes. O menor deles, para cinco pessoas, tem o valor de 1250 euros por mês. O custo de vida no bairro reflete a gentrificação da zona, especialmente nas rendas.

Segundo o portal imobiliário Idealista, entre 2019 e 2022 o valor do metro quadrado dos apartamentos para arrendamento na região de Arroios variou entre os 13 e os 15 euros. A partir de novembro de 2022, quando foram emitidos os primeiros vistos para nómadas digitais, esse valor aumentou para os 19 euros. Atualmente, cerca de um ano e meio depois, encontra-se na faixa dos 23 euros. "Apesar de ser uma cidade cara para nós e com um valor bem acima dos nossos ordenados, para quem vem de fora ainda é bastante acessível", completa Joana Gouveia.

Se para os próprios portugueses a zona não é acessível, é menos ainda para outros imigrantes que escolhem Portugal para viver. Nos últimos anos, os arredores da Igreja dos Anjos, por exemplo, têm sido um dos principais redutos de pessoas sem-abrigo em Lisboa. Ali estão dezenas de pessoas que chegaram a Portugal e não possuem condições de pagar por um teto ou por um café a 2 euros, especialmente os requerentes de asilo vindos de África. É o reflexo da gentrificação no coração de Lisboa.

Fisco boicota indemnização de senhorios com rendas congeladas

HABITAÇÃO. Lei de Governo PS atribuiu a senhorios com rendas "antigas" uma compensação financeira que pode ser pedida a partir de 1 de julho. Mas um dos documentos necessários não é "passado" pelo Fisco, que não responde aos pedidos. Atual executivo não dá explicações.

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**



Trata-se de uma das últimas leis aprovadas pelo Governo do PS, na sequência do Programa Mais Habitação: para "compensar" os proprietários de imóveis com contratos de arrendamento habitacional anteriores a 1990, que não puderam aumentar as rendas durante décadas, foi concedida a possibilidade de, a partir de 1 de julho, aqueles requererem ao Estado, através do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU), uma "indemnização" mensal. Para tal, como determina o Decreto-Lei 132/2023, têm de apresentar vários documentos, incluindo o comprovativo de pedido de isenção do IMI relativo a 2024.

Porém a Autoridade Tributária (AT) não está a fornecer esse documento, e até esta sexta-feira o ministério das Finanças não deu qualquer esclarecimento sobre tal recusa. Inquirido pelo DN a 21 de junho, o ministério disse apenas ter pedido informação à AT, que ainda não teria chegado. Também no ministério das Infraestruturas e Habitação, confrontado pelo jornal com a impossibilidade de os proprietários com direito à compensação poderem requerê-la se não possuem um dos documentos que a lei impõe como necessários, não houve resposta.

De resto, até às 17 horas desta sexta-feira, nem na página do IHRU nem no Portal da Habitação havia qualquer referência à compensação e aos passos necessários para a solicitar – segundo informou nesse mesmo dia o ministério da tutela, perante uma pergunta do DN, o formulário necessário só estará disponível exatamente no primeiro dia de julho.

Fisco diz que é cedo para pedir o documento

Sucede que, como já dito, a AT não está a responder aos pedidos dos proprietários para "passar" o comprovativo necessário em relação à isenção de IMI – o que os impedirá de submeter o requerimento de indemnização.

Uma vez que o direito àquela só se inicia a partir do momento em que o pedido dê entrada no IHRU, a impossibilidade de obter o documento da AT determina que a compensação não será paga, e que o Estado pode assim poupar o valor correspondente.

A justificação alegada pela AT para não disponibilizar o comprovativo do pedido de isenção é de que o IMI em causa diz respeito ao ano corrente – a isenção referida está consagrada no Orçamento de Estado de 2024 – pelo que só será sujeito a liquidação em 2025. Ou seja, a AT acha cedo para disponibilizar a funcionalidade que permite requerer a isenção.

Isto apesar de haver senhorios que estão a tentar obter informações sobre o referido documento desde o primeiro trimestre deste ano. Numa troca de mensagens, através do e-balcão, iniciada em março, e à qual o DN teve acesso, uma proprietária pergunta o que deve fazer para solicitar a isenção do IMI relativo a 2024, frisando que sem a apresentação de prova do pedido dessa isenção não lhe será possível efetuar o requerimento da compensação, e que o direito à mesma se inicia em julho.

A resposta da AT, de 22 de março, foi: "Cumpre informar que iremos re-analisar o seu pedido. Será informada por esta mesma via. Deve aguardar conclusão." Até esta sexta-feira a AT não informara de qualquer "conclusão".

> 78% das rendas anteriores a 1990 – 119 640 contratos – estão abaixo de 200 euros; 12% correspondem a menos de 20 euros. Mas a compensação não se aplica a todas.

Maioria das rendas congeladas abaixo de 200 euros

Segundo o Censo 2021, 78% das rendas correspondentes a contratos habitacionais anteriores a 1990 estavam abaixo de 200 euros, correspondendo a 119.640 arrendamentos. Destes, quase 12% tinham rendas de menos de 20 euros; para mais de 60% os valores não excediam 99,99 euros. De acordo com um relatório do IHRU de 2023, a diferença média entre o valor da renda nesses contratos e o valor mediano praticado pelo mercado é de 439 euros mensais.

Porém a compensação prevista para os proprietários com rendas congeladas não diz respeito à diferença entre o que agora recebem e o valor médio de "mercado livre" (caso em que o Estado poderia despender até 650 milhões /ano), mas sim à que exista entre a renda atual e a que corresponda a 1/15 do Valor Patrimonial Tributário (VPT) do imóvel em causa, dividido por 12 meses. Para dar um exemplo simples, a um VPT de 100 mil euros corresponde, neste cálculo, uma renda mensal de 555 euros.

Ora, como demonstra o relatório referido, os imóveis com rendas "congeladas" têm maioritariamente VPT baixos. As rendas mensais calculadas "de acordo com mediana do VPT" vão de um mínimo de 64,06 euros em Cuba (Alentejo), até um máximo de 528,93 euros em Oleiros, Amieira (onde a mediana do VPT é a mais alta: 95 mil euros).

Mesmo na área metropolitana de Lisboa e na própria capital, em zonas nas quais o valor mediano das "rendas de mercado livre" é a mais elevada do país, os VPT relativos aos contratos de arrendamento anteriores a 1990 são tão baixos que a renda mensal calculada nos termos do decreto-lei que decide as compensações se manteria, em média, abaixo de 400 euros. Até na freguesia lisboeta de Santo António, a mais cara da capital, o valor não ultrapassaria 337 euros.

Razão pela qual a compensação prevista na lei só será devida a uma pequena parte dos proprietários em causa. Em muitos – ou mesmo na maioria – dos casos, a renda resultante do VPT será igual, ou inferior, à existente. Caso de um senhorio de Coimbra ouvido pelo DN: "A inquilina paga 161,30 euros de renda mensal e o VPT do apartamento, de 80 metros quadrados, é 26.439,32 euros. Ora 1/15 disso é 1760 euros, o que dá uma renda de 146,88], inferior à que estou a receber. Logo, nada farei!"

Acresce que mais de metade dos senhorios em causa – ainda segundo o relatório do IHRU – tem mais de 70 anos. É pouco provável que se aprestem a solicitar uma indemnização que, ao invés de ser "automática", como pensava o proprietário de Coimbra, implica submissão de documentos por via eletrónica e renovação anual do pedido – e que ninguém até ao momento sabe como submeter.

Senhorios já tinham alertado

O alerta para esta situação – ausência de orientações no Portal da Habitação sobre como requerer a compensação e a não resposta do fisco em relação aos pedidos de isenção de IMI – fora já dado pela Associação Lisbonense de Proprietários (ALP).

Num comunicado enviado a 19 de junho à Lusa, a ALP insurgia-se contra a falta de respostas do Governo, adiantando ter-lhe pedido, sem sucesso, uma reunião. "A ausência de qualquer informação sobre como vai decorrer o processo e se este vai mesmo avançar levou a ALP a questionar o IHRU", lê-se no documento, que a seguir adianta que aquela entidade se limitou a confirmar que "a partir de julho de 2024, os senhorios poderão apresentar eletronicamente ao IHRU o pedido de atribuição da compensação", e que devem aguardar "por mais informação, que estará disponível no Portal da Habitação".

A ALP também alertou, no mesmo comunicado, para o facto de a Autoridade Tributária estar a recusar passar o comprovativo do pedido de isenção de IMI. Para concluir, pela voz da sua porta-voz, Diana Ralha, em declarações à Lusa: "Os senhorios com rendas antigas desesperam, pois não sabem como vão ou se vão ter de instruir todo um processo burocrático, que não se sabe qual é".

A representante dos senhorios também advertiu para o facto de, como já referido, a requisição da indemnização não ter efeitos retroativos: "Quem o pedir em agosto perde o valor relativo a julho". De acordo com o relatório do IHRU já citado, o valor global da compensação mensal, se todos os senhorios com direito a ela a requererem, andará nos dois milhões de euros.

PUBLICIDADE

Reembolsos de IRC aos bancos provocam quebra da receita fiscal do Estado

ORÇAMENTO Arrecadação de impostos caiu nos primeiros cinco meses do ano, o que não acontecia desde 2021. Novo Banco e CGD já receberam benesse de mais de mil milhões de euros. Este ano Estado reembolsou mais 117 milhões.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

Os reembolsos de impostos a vários bancos sediados em Portugal no âmbito do chamado "regime de ativos por impostos diferidos", uma lei de 2014 do governo PSD-CDS, do então primeiro-ministro Pedro Passos Coelho, provocaram uma redução da coleta fiscal líquida na ordem de 117 milhões de euros no período de janeiro a maio deste ano, o suficiente para colocar a receita fiscal global a cair 0,5% face aos primeiros cinco meses do ano passado.

Não fosse esse acerto a favor dos bancos, a referida receita fiscal total teria aumentado, mostram cálculos do DN/Dinheiro Vivo com base nos novos dados do Ministério das Finanças, tutelado por Joaquim Miranda Sarmento, sobre a execução orçamental até maio.

Segundo o novo boletim publicado esta sexta-feira pela Direção-Geral do Orçamento (DGO), "o efeito dos pagamentos relativos ao regime de ativos por impostos diferidos de IRC – Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas foi de 117 milhões de euros", tendo acontecido em fevereiro último.

A DGO diz ainda que a receita fiscal também cai por causa da "prorrogação do pagamento de IVA", mas as respetivas verbas serão mais tarde recuperadas, ao contrário dos referidos benefícios em sede de IRC.

No passado recente, os bancos que mais conseguiram receber do Fisco ao abrigo do referido regime dos impostos diferidos foram o Novo Banco e a Caixa Geral de Depósitos (CGD).

De acordo com as séries cronológicas da execução publicadas pela DGO, na sequência dos reembolsos requeridos pelos bancos ao abrigo daquela lei, é a primeira vez, desde o pior momento da pandemia (início de 2021), que a receita fiscal cai nesta altura do ano, tendo sido decisiva para essa degradação os referidos reembolsos feitos em 2024 sobre os quais ainda não existem detalhes.

A Autoridade Tributária e Aduaneira (AT), através da Unidade dos Grandes Contribuintes, faz relatórios semestrais sobre o Regime Especial Aplicável aos Ativos por Impostos Diferidos (REAID), que entrega ao governo (Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais), que depois o transmite à Comissão de Orçamento e Finanças (COF) do Parlamento.

No entanto, o último balanço só vai até ao final de 2022. Segundo o jornal digital *ECO*, que noticiou a existência deste documento em abril, o relatório sobre o REAID foi entregue ao governo apenas este ano, a 11 de março, um dia depois das eleições legislativas que deram a vitória ao governo PSD-CDS de Luís Montenegro.

Os 117 milhões de euros entretanto pagos no início deste ano não constam deste relatório da AT. As Finanças dizem apenas que "a conversão de ativos por impostos diferidos em crédito tributário reembolsável é registada em contas nacionais como despesa efetiva em transferências de capital no momento em que a Autoridade Tributária valida o crédito, neste caso em dezembro 2023", e que no caso desta execução orçamental, "em contabilidade pública, é registada no momento do pagamento através de reembolsos de IRC, que apenas ocorreu em fevereiro 2024".

Este regime de benesses foi criado no tempo da *troika* e permite aos bancos transformar ativos por impostos diferidos – ativos afetados por prejuízos na sequência de imparidades de créditos, como empréstimos incobráveis, total ou parcialmente, ou de problemas nos fundos de pensões dos empregados – em créditos fiscais a receber no futuro.

Até ao final de 2022 a AT mostra que os bancos não se fizeram rogados no recurso a este quadro de benefícios fiscais. Criado em 2014, todos os anos de 2015 a 2021 várias instituições bancárias solicitaram reembolsos de impostos – a serem suportados por todos os contribuintes – alegando aquele tipo de prejuízos.

"Em termos acumulados, até 31 de dezembro de 2022 sete instituições de crédito solicitaram [...] um montante de crédito tributário total de 1,425 mil milhões de euros, correspondente a 30 pedidos", diz a AT.

> Desde 2015, sete bancos fizeram 30 pedidos ao Estado de créditos tributários, num total de 1,425 mil milhões de euros. Os contribuintes já desembolsaram 1,062 mil milhões.

Bancos pedem, Fisco concorda

Depois de analisados, o Fisco concordou em devolver 1,067 mil milhões de euros, dos quais já tinham sido reembolsados 1,062 mil milhões até ao final de 2022, havendo ainda processos sob análise.

O banco que mais recebeu foi o Novo Banco (que ficou com os restos do BES e que ainda é controlado pelo fundo Lone Star), que logrou que o Fisco lhe pagasse benefícios que ascendem já a 615,8 milhões de euros. O Novo Banco tem ainda mais um pedido de reembolso fiscal (no valor de 125 milhões de euros), mas este ainda está por certificar pela AT.

O segundo maior beneficiário foi o banco público, a Caixa Geral de Depósitos, que fez um único pedido de benefício em 2019 no valor de 420,6 milhões de euros, verba que recebeu na totalidade por altura do Natal de 2022, indica o documento das Finanças.

Além destes dois grandes, outras instituições bancárias submeteram pedidos ao Fisco e obtiveram uma resposta favorável, tendo sido reembolsadas. É o caso do Haitong Bank (que ficou com o BES Investimento), do Banco Efisa (do antigo universo BPN), que foi liquidado, do Banif Investimento (liquidado e comprado pelo Bison Bank, outro beneficiário nesta lista do Fisco).

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt


ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

Ministério das Finanças, tutelado por Miranda Sarmento, apresentou um défice orçamental de 2,6 mil milhões de euros até maio.

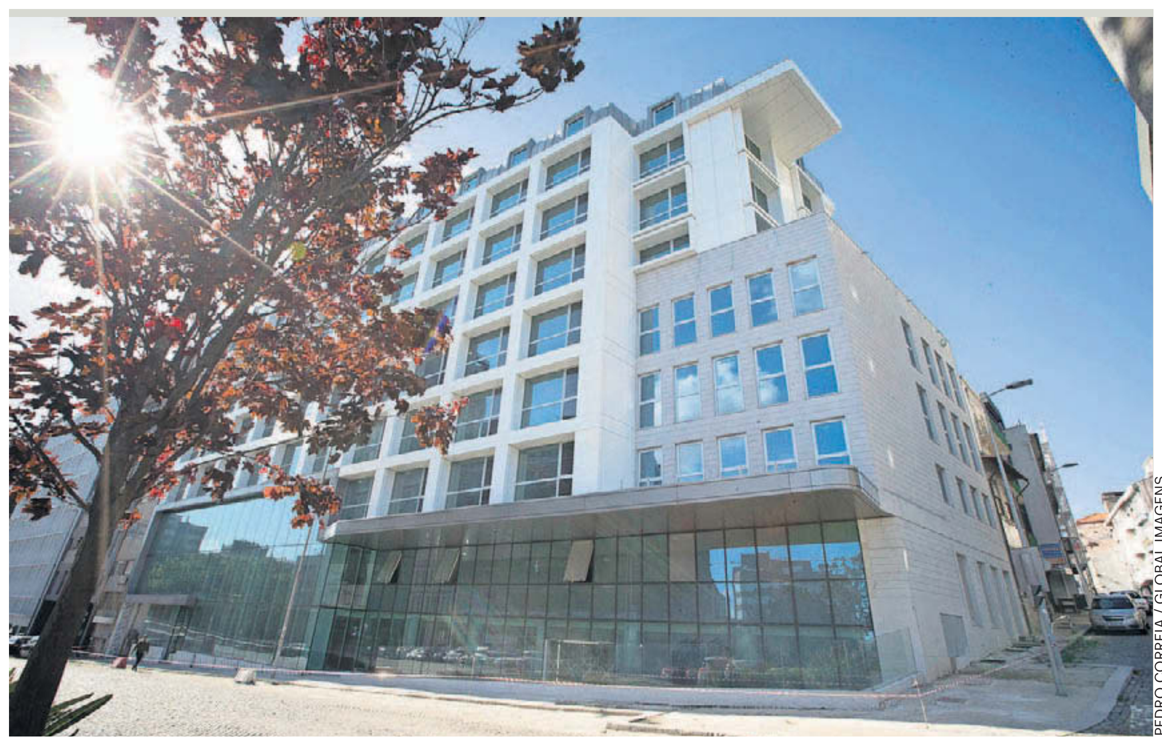
Hotelaria capta investimento recorde de 260 milhões de euros até maio

IMOBILIÁRIO Estrangeiros são responsáveis por dois terços do investimento em ativos turísticos. Inflação empurra preços médios das transações para valores históricos.

TEXTO **RUTE SIMÃO**

O ano começou quente no mercado imobiliário e o investimento em ativos turísticos ocupa o topo dos negócios mais apetecíveis em território nacional, sobretudo junto dos estrangeiros que querem comprar no país. Até maio, o volume total de investimento hoteleiro ascendeu aos 260 milhões de euros, revela a consultora imobiliária CBRE ao DN/Dinheiro Vivo. Este é um valor recorde para os cinco primeiros meses do ano e que compara com os 25 milhões de euros registados no mesmo período de 2023.

As perspetivas para a segunda metade de 2024 são otimistas, com a consultora a admitir que este ano seja ultrapassado o investimento total de 2023, que superou a fasquia dos 600 milhões de euros, tendo sido o segundo melhor resultado de sempre do ponto de vista de volume transacionado neste segmento. Este é um cenário pouco usual para o período entre janeiro e maio, uma vez que a maioria dos negócios se costuma concretizar, habitualmente, no segundo semestre.



PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

O Oporto Story Hotel, na Invicta, foi um dos negócios concluídos até maio deste ano.

O cenário é corroborado pela Cushman & Wakefield. "Os primeiros cinco meses registaram um movimento superior ao observado nos últimos anos, resultado de operações iniciadas no último trimestre de 2023, tendo-se efetivado os negócios já no decorrer de 2024. O arranque do ano reforça a hotelaria como classe de ativo central nas opções de investimento", aponta o diretor de hotelaria da consultora, Gonçalo Garcia.

O mercado está a ganhar gás também à boleia do aumento dos preços, que têm assumido um peso extra no bolso dos investidores. "O valor médio por transação registado até maio de 2024 é bastante elevado, comparativamente com as operações médias registadas até este ano, que variam entre os 15 e os 30 milhões de euros. Em termos médios, observa-se um valor de cerca de 36 milhões de euros por transação, reflexo dos negócios com alguma escala ou posicionamento superior, como é o caso do Oitavos, Praia del Rey ou Oporto Story Hotel", adianta. O porta-voz da Cushman & Wakefield destaca um "agravamento das perspetivas de valor entre compradores e vendedores", com a inflação a impactar diretamente o preço médio praticado pelos estabelecimentos hoteleiros, e, por conseguinte, as receitas geradas e resultados obtidos, "tendo projetado as *performances* dos hotéis para níveis históricos". "Em contrapartida, o aumento da taxa de juro como mecanismo de combate à inflação impacta diretamente o custo de capital e a capacidade do investidor em materializar investimentos dentro de critérios de retorno justificáveis", indica.

Estrangeiros são os principais investidores

Ainda assim, a pressão dos preços não tem arrefecido o apetite dos investidores no país, pelo contrário, e são os mercados internacionais que mais olham para as oportunidades em Portugal. O investimento estrangeiro em território nacional representa já dois terços do volume total, com os norte-americanos, brasileiros e espanhóis a assumir a linha da frente no negócio. "O mercado nacional, os *family offices* e institucionais estrangeiros são os que mais procuram soluções de investimento, sendo elas imobiliárias ou plataformas operativas", enquadra Gonçalo Garcia.

A *performance* sólida e resiliência dos ativos hoteleiros são dois dos argumentos que têm sustentado as operações. Olhando para o panorama europeu, os investidores estão confiantes na aposta em ativos hoteleiros, com cerca de 90% a considerarem manter ou aumentar o volume investido no setor turístico no próximo ano, revela o *2024 European Hotel Investor Intentions Survey*. O mais recente estudo da CBRE indica que Portugal é o sétimo país da Europa mais atrativo para investir em hotelaria, num *ranking* liderado pela vizinha Espanha. A diversidade de destinos oferecidos – *short city break* em Lisboa e Porto, praia no Algarve e Comporta, natureza na Madeira, Açores e Alentejo – e a qualidade do serviço reforçam este posicionamento.

> Os investidores norte-americanos, brasileiros e espanhóis são os que mais estão a investir no imobiliário turístico em Portugal.

Analisando a primeira metade do ano, onde foram realizadas seis transações, foi na região de Lisboa que se concentrou o maior volume de investimento. "Acaba por ser a região com mais procura por parte dos diferentes investidores. Adicionalmente, as transações registadas têm um pendor *value-add*", explica Duarte Morais Santos, *hotels director* na CBRE. Mas há outras geografias do país a dar cartas. "As regiões com maior procura continuam a ser Lisboa, Porto e Algarve. Dito isto, o eixo Troia-Melides, Douro e ilhas continuam com a tendência de crescimento dos últimos anos", acrescenta o responsável.

rute.simao@dinheirovivo.pt

Prazo para entregar o IRS termina hoje

O prazo para entregar a declaração anual do IRS termina este domingo, dia 30. Até ao final da tarde de ontem tinham sido submetidas pouco mais de seis milhões de declarações. Segundo os dados disponíveis no Portal das Finanças, este valor é inferior a 2023 em 267 mil declarações.

A campanha para a submissão dos rendimentos obtidos em 2023 arrancou a 1 de abril e, apesar de o último dia para a entrega coincidir com um domingo, não haverá prolongamento do prazo, o que significa que os contribuintes que não cumprirem a data e não fizerem a entrega do IRS através do *site* do Portal das Finanças poderão ter de pagar uma multa que oscila entre os 25 euros e os 22.500 euros, segundo o artigo 116.º do Regime Geral das Infrações Tributárias (RGIT), que considera como contraordenação a não entrega das declarações dentro do prazo legal.

O valor das coimas aplicadas varia de acordo com o atraso verificado. No mês seguinte ao limite imposto, ou seja, até 30 de julho, a penalização mínima é de 25 euros. O montante aumenta depois deste tempo e em casos mais graves, em que sejam detetadas pela Autoridade Tributária erros e omissões nas declarações.

Excluídos ficam os trabalhadores dependentes, independentes e pensionistas abrangidos pelo IRS automático, que, caso não confirmem a declaração até ao final do dia de hoje, a mesma será considerada aceite e submetida. Depois de submetida, a declaração do imposto fica disponível para consulta no Portal das Finanças, onde é possível consultar o seu estado.

Até à primeira semana de junho o governo tinha reembolsado mais de 2 mil milhões de euros aos contribuintes, segundo os últimos dados do Ministério das Finanças. A Autoridade Tributária tem até 31 de agosto para liquidar todos os reembolsos.

Tarcisismo, o movimento que pode abalar os planos de Lula

BRASIL Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo e bolsonarista com "verniz", tem capacidade para atrair o centro político nas próximas presidenciais para inquietação do atual presidente. Eleição municipal na cidade, em outubro, servirá como primária.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

Com Jair Bolsonaro inelegível e Tarcísio de Freitas na calha para concorrer às próximas presidenciais, o bolsonarismo pode ser um fenómeno político do passado e o tarcisismo a corrente do futuro. Erguido em torno do atual governador do Estado de São Paulo – e ex-ministro de Jair Bolsonaro –, o tarcisismo vem sendo descrito como um bolsonarismo maquilhado ou um bolsonarismo que sabe comer de garfo e faca e por isso capaz de atrair o decisivo centro político brasileiro – e dessa forma colocar em risco a reeleição anunciada de Lula da Silva.

"Tarcísio seduz o eleitor centrista da cidade de São Paulo que em certa medida deu a vitória à esquerda, já que Bolsonaro ganhara lá em 2018 e Lula ganhou em 2022, talvez não tenha penetração no Nordeste, mas na cidade de São Paulo, fiel da balança, tem", diz ao DN o politólogo Vinícius Vieira, que cunhou o termo "tarcisismo" em artigo no *site* Jota.

Se Tarcísio, na qualidade de herdeiro de Bolsonaro, já conquista o Brasil dos cinco B, referência a bife (latifundiários e pecuaristas), a bala (militares e polícias), a Bíblia (evangélicos e católicos mais fervorosos), a branquitude (o Sul descendente de europeus) e a boçalidade (radicais que perpetraram, por exemplo, o 8 de janeiro), "atrai ainda a base do PSDB, que sempre resistiu a que o partido de Fernando Henrique Cardoso fosse de esquerda e os órfãos do malufismo", neologismo em torno de Paulo Maluf, ex-prefeito de São Paulo que queria a polícia ostensiva na rua, entre outras medidas. Segundo o professor da Fundação Armando Álvares Penteado, "pode captar, portanto, o eleitorado de Simone Tebet, não ela, que é ministra do Lula, mas os 4% que ela obteve em 2022".

Lula, entretanto, não acredita que Tarcísio, ainda em primeiro mandato no governo paulista, seja candidato à presidência da República em 2026, segundo Paulo Capelli, colunista do jornal *Metrópoles*. "O entorno do presidente avalia que o caminho natural do governador de São Paulo seja tentar a recondução ao cargo, evitando o risco maior que correria numa acirrada disputa ao Planalto sem a máquina federal a seu favor." Mas, adverte Capelli, Tarcísio pode arriscar "caso o cenário lhe seja favorável. E é justamente por causa disso que o governo Lula acendeu o alerta após recentes pesquisas, como Datafolha e Quaest, sobre o cenário político", completa.

Nessas sondagens, o Datafolha mostrou que a taxa de aprovação do governo Tarcísio vem crescendo na cidade de São Paulo: era de 36% em maio, contra 30% em agosto de 2023. No mesmo período e no mesmo local a taxa de aprovação do governo Lula recuou de 45% para 35%, segundo o levantamento que ouviu 1092 paulistanos de todas as classes sociais e de todas as regiões da cidade. Para 46% dos entrevistados na pesquisa Genial/Quaest, que entrevistou 2045 brasileiros no início de maio, o voto na eleição de 2026 será em Lula. Mas 40% já dizem escolher Tarcísio caso ele opte por concorrer.

Nos últimos dias, Lula reagiu: em entrevista à rádio CBN disse que será "candidato em 2026 se for para impedir que os trogloditas que governaram este país voltem. Nesse caso, os meus 80 anos de idade transformam-se logo em 40 e avanço". E ainda se reuniu com Fernando Henrique Cardoso, presidente da República com quem travou – e perdeu – duas eleições presidenciais e a quem sucedeu em 2003. "Lula parece ter compreendido que precisa dos órfãos do PSDB, de centro-esquerda, para combater a direita", escreveu Merval Pereira, articulista de *O Globo*.



Lula e Tarcísio vêm mantendo boa relação institucional.

Lula, presidente da República e líder espiritual do PT, e Tarcísio, governador do Estado mais populoso e mais rico pelo republicanos, mas supostamente em trânsito para o PL, de Bolsonaro, vêm mantendo boa relação institucional – fotografia do segundo a rir-se de piadas do primeiro num evento até caíram mal no bolsonarismo profundo. Nos últimos dias, porém, a presença de Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central, num jantar em sua honra na casa de Tarcísio irritou Lula. "O que é importante é saber a quem esse rapaz [Campos Neto] é submetido, como é que ele vai numa festa em São Paulo quase que assumindo a candidatura a um cargo do governo de São Paulo? Cadê a autonomia dele?", questionou Lula, enquanto na imprensa se especulou que Campos Neto seria o ministro da Economia em eventual governo de Tarcísio.

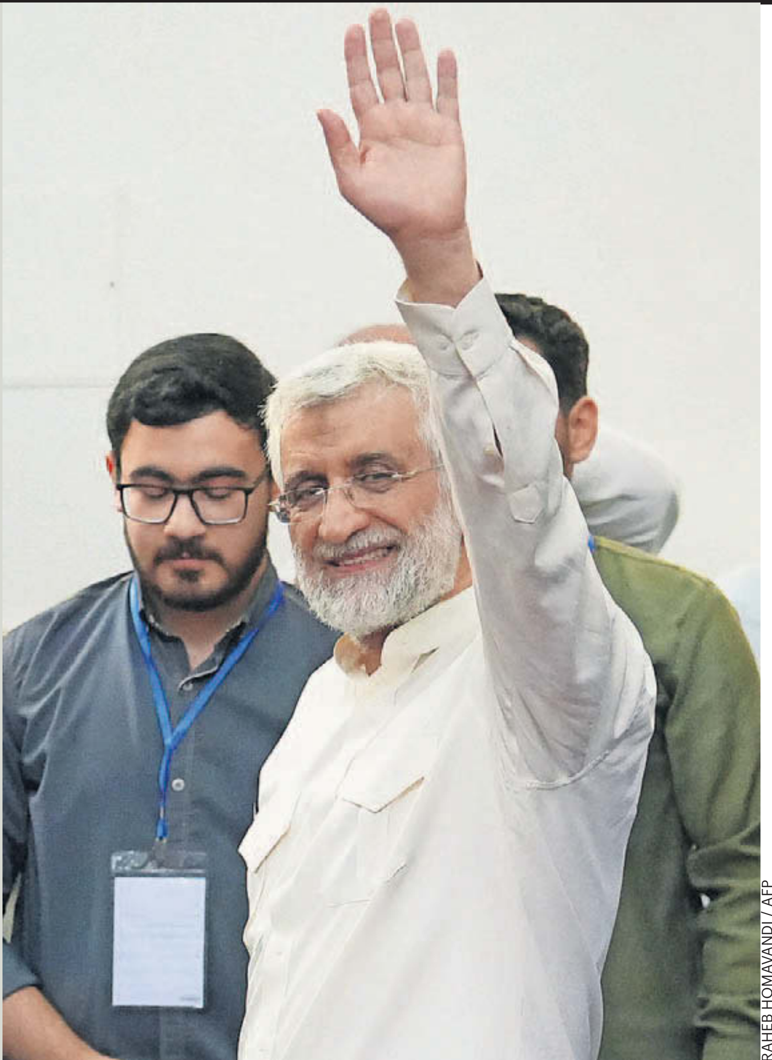
Tarcísio, de 49 anos, engenheiro, capitão do Exército e funcionário público de carreira, foi diretor-geral do departamento de infraestrutura de transportes durante o governo Dilma Rousseff. Em 2016 passou a secretário do programa de privatizações, concessões e desestatizações, já no governo de Michel Temer. E em novembro de 2018 foi anunciado como ministro da Infraestrutura de Bolsonaro. Elogiado pelo então presidente, acabou escolhido como candidato da extrema-direita ao governo de São Paulo contra Fernando Haddad, o protegido de Lula – e ganhou.

"Mas é a mais perigosa expressão do bolsonarismo", escreveu Luís Nassif no *site* de esquerda Brasil 247, "e no governo de São Paulo tem colocado em prática o que aprendeu com o bolsonarismo". Para Ricardo Noblat, colunista do *Metrópoles*, Tarcísio "é um bolsonarista com uma tinturazinha de direita civilizada". "Com Tarcísio, que deve a sua eleição a Bolsonaro, a quem serviu como ministro, a Polícia Militar de São Paulo passou a matar livremente sem ter que dar satisfação a ninguém. No primeiro trimestre de 2024 o número de mortes por ação policial aumentou de 75 para 179, 180% a mais do que no primeiro trimestre de 2023. O que disse Tarcísio a respeito: 'O pessoal pode ir queixar-se à ONU, à Liga da Justiça ou ao raio que o parta que eu não estou nem aí'."

Segundo Vinícius Vieira, "as eleições municipais em São Paulo, marcadas para outubro, serão uma espécie de primárias". De um lado está Ricardo Nunes (MDB), o atual prefeito, apoiado pelo governador Tarcísio e pelo ex-presidente Bolsonaro, que indicou como candidato a vice um ex-comandante da polícia, e, do outro, Guilherme Boulos (PSOL), deputado federal, ex-candidato presidencial, considerado eventual sucessor de Lula como liderança à esquerda, e com uma vice do PT.


ATTA KENARE / AFP

O reformista Masoud Pezeshkian ficou à frente na primeira volta.


RAHEB HOMAVANDI / AFP

O ultraconservador Saeed Jalili conseguiu 38,6% dos votos.

Irão obrigado a uma quase inédita segunda volta nas presidenciais

ELEIÇÕES Os dois candidatos mais votados foram o reformista Masoud Pezeshkian e o ultraconservador Saeed Jalili. Participação dos iranianos não foi além dos 39,9%.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O único candidato reformista, Masoud Pezeshkian, vai enfrentar o ultraconservador Saeed Jalili na segunda volta das presidenciais antecipadas do Irão, segundo anunciaram ontem as autoridades eleitorais com base nos resultados da votação de sexta-feira, que registou uma histórica baixa participação. Olhando para as 13 anteriores eleições presidenciais realizadas no Irão desde a Revolução Islâmica de 1979, só em 2005 tinha havido uma segunda volta, quando Mahmoud Ahmadinejad derrotou o ex-presidente Akbar Hashemi Rafsanjani.

Pezeshkian, antigo ministro da Saúde, de 69 anos, conseguiu obter 42,4% dos votos, enquanto Jalili, 58 anos, conhecido por ser um antigo negociador nuclear, não foi além dos 38,6%. O presidente do Parlamento, Mohammad Bagher, ficou em terceiro, com 13,8%, e o quarto candidato constante dos boletins, Mostafa Pourmohammadi, um antigo ministro do Interior, recebeu menos de 1% das preferências.

Apenas 39,9% dos 61 milhões de eleitores iranianos votaram nas presidenciais de sexta-feira, o número mais baixo de sempre em eleições no Irão. As eleições parlamentares de março tiveram uma participação de 40,6%, enquanto as presidenciais de 2021, que elegeram Ebrahim Raisi, chegaram aos 48,8%. De recordar que inicialmente as presidenciais estavam apenas previstas para o próximo ano, mas foram antecipadas devido à morte de Raisi, em maio, num acidente de helicóptero.

Na sexta-feira, o *ayatollah* Ali Khamenei, Líder Supremo do Irão, tinha sublinhado que uma alta participação era uma "necessidade absoluta" e que a "durabilidade, estabilidade, honra e dignidade" do país dependia do voto dos iranianos. "Vamos encarar isto como um protesto por direito próprio: uma escolha muito generalizada de rejeitar o que está em oferta – tanto os candidatos como o sistema", disse à AP Sanam Vakil, diretora do programa da Chatham House para o Médio Oriente e Norte de África. "A pergunta a fazer agora é: será que as pessoas que ficaram em casa irão votar para evitar uma vitória de Jalili? Saberemos o resultado final dentro de uma semana", acrescentou a mesma especialista na rede social X.

Estas eleições realizam-se numa altura de grandes tensões regionais por causa da guerra em Gaza, de uma disputa com o Ocidente por causa do programa nuclear iraniano e de um descontentamento interno devido ao estado da economia do país por causa das sanções.

Pezeshkian – que recebeu o apoio do antigo presidente Mohammad Khatami, de quem foi ministro da Saúde – acusou o governo de Raisi de falta de transparência durante os protestos que assolaram o país na sequência da morte de Mahsa Amini, em setembro de 2022. Durante a campanha, apelou a existência de "relações construtivas" com os Estados Unidos e a Europa, de forma "a sair do isolamento".

Jalili, por seu turno, manteve o seu discurso anti-Ocidente, coerente com as suas várias posições dentro do regime. Foi negociador nuclear e é atualmente um dos representantes do *ayatollah* Khamenei no Conselho Supremo de Segurança Nacional, o mais alto organismo de segurança do país.

Independentemente que quem seja, o vencedor da segunda volta terá de aplicar as políticas delineadas por Khamenei, que, como Líder Supremo, tem a última palavra.

ana.meireles@dn.pt

Teerão diz que retaliará ataque ao Líbano

O Irão prometeu ontem retaliar contra Israel caso o país avance com uma ofensiva de "grande escala" contra o Hezbollah no Líbano. Numa publicação na rede social X, a missão iraniana junto da ONU afirmou que se Israel "embarcar numa agressão militar de grande escala" no Líbano, seguir-se-á "uma guerra aniquiladora", e avisou que todas as opções estão agora em cima da mesa, incluindo o envolvimento de todos os membros do eixo de resistência, que inclui o Irão e os seus aliados.

Desde o ataque do Hamas contra Israel a 7 de outubro, o Hezbollah abriu uma frente no Norte de Israel, com combates quase diários nas zonas fronteiriças.

Na quarta-feira, o ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, declarou que Israel não quer uma guerra com o Hezbollah no Líbano, mas vincou que o seu país tem "capacidade de devolver o Líbano à Idade da Pedra" em caso de conflito.

A nível doméstico, o governo de Benjamin Netanyahu recebeu também ontem um aviso, através de uma sondagem do Canal 12, que diz que cerca de dois terços dos israelitas consideram que o primeiro-ministro deve abandonar a política e não tentar a reeleição. Os dados mostram que 66% dos inquiridos não querem que o líder israelita se candidate em futuras eleições, em comparação com 27% que aprovam e 7% que não sabem.

A popularidade de Netanyahu entre a sociedade israelita caiu a pique após o início da guerra em Gaza – nos quase nove meses de ofensiva todos os fins de semana se realizam protestos pedindo a sua demissão e eleições antecipadas.

A sondagem revela ainda que 85% dos israelitas querem a criação de uma comissão de inquérito estatal para analisar as falhas que permitiram ao Hamas levar a cabo os ataques de 7 de outubro. **DN/LUSA**



Análise
Germano Almeida

Biden caiu – ainda pode levantar-se?

O desempenho de Joe Biden no debate presidencial foi um desastre. O presidente tinha a oportunidade de mostrar que a idade não devia ser um tema e acabou por agravar dramaticamente essa perceção: teve sérias dificuldades em acabar frases, não conseguiu mostrar agilidade no raciocínio, chegou a haver momentos penosos de ver.

Biden ficou uma semana a preparar-se para o debate e, embora tenha dito algumas frases que mostraram preparação prévia, foi um caso claro em que a forma desastrada comprometeu o conteúdo. Se Biden queria provar que Trump é uma ameaça à democracia, falhou.

Foi uma oportunidade desastradamente perdida e o maior drama é que isso fez esquecer várias coisas inacreditáveis e extremamente perigosas que Trump atirou no mesmo debate.

Daí até saltarmos para a conclusões que Biden tem de desistir vai uma grande distância.

Barack Obama, o último presidente democrata antes de Biden, seu n.º 1 na Casa Branca quando Joe era vice-presidente, alegou: "Noites infelizes de debate acontecem. Confiem em mim, eu sei disso. Mas esta eleição ainda é uma escolha entre alguém que lutou pelas pessoas comuns durante toda a sua vida e alguém que só se preocupa consigo mesmo. Entre alguém que diz a verdade, que distingue o certo do errado e o dirá diretamente ao povo americano e alguém que mente descaradamente para seu próprio benefício. É por isso que há tanta coisa em jogo em novembro."

Hillary Clinton, antecessora de Biden na nomeação presidencial democrata, também já foi clara a manter apoio em Joe após o debate.

Convém não esquecer: Biden foi o presidente mais votado da história das presidenciais americanas (81 milhões em 2020) e teve o melhor resultado em intercalares de um presidente democrata em 40 anos (2022); obteve em 2020 uma nomeação clara e alargou-a em 2024 com resultados acima do esperado. Isto ajuda-nos a compreender como foi possível só agora tantos democratas colocarem a possibilidade da desistência.

É um risco manter Biden na corrida depois do desastre de Atlanta? Certo. Mas fazê-lo desistir a 128 dias da eleição talvez seja risco maior. Não há tempo para consolidar uma alternativa – e a verdade é que, até agora, não houve quem se sentisse em melhores condições para bater Trump em novembro.

Biden não está como candidato democrata por favor: está porque não há outro democrata em melhores condições de derrotar Donald Trump.

No dia seguinte ao desastre de Atlanta, Joe surgiu transformado na Carolina do Norte: mais articulado, mais enérgico, com melhor aspeto. "Pessoal, posso não andar tão facilmente ou falar tão bem como antes. Posso não debater tão bem como antes. Mas o que sei é como dizer a verdade. Pretendo vencer esta eleição. Quando somos derrubados, não desistimos: levantamo-nos!"

Fará mesmo sentido pensar em desistência?

Os democratas estão tão em pânico com o desempenho vacilante do presidente no debate que alguns estão mesmo a discutir ativamente o que antes surgia impensável: substituí-lo no *ticket*.

A discussão não devia fazer sentido: Biden teve primárias com vitórias acima dos 90% e obteve cerca de 95% dos delegados à Convenção. A verdade é que o tema foi lançado ainda o debate decorria: há setores democratas a defender a desistência de Biden.

Temos de fixar estas datas: 19/22 de agosto, Convenção Democrata em Chicago. Embora o partido tenha tecnicamente um sistema para nomear um novo candidato na Convenção no caso de um candidato recusar a nomeação, todo o processo é complicado e não é considerado há décadas.

Não existe qualquer mecanismo pelo qual outros líderes partidários possam retirar Biden, de acordo com as regras do Comité Nacional Democrata. Em vez disso, se alguém no partido quiser substituí-lo, será através de uma "convenção aberta".

Biden conquistou cerca de 95% dos quase 4000 delegados nas primárias deste ano – que estão empenhados *(pledged)*, mas não comprometidos *(commited)* em apoiar Biden. Isso significa que não há exigência legal de que votem em Biden na votação nominal. Mas a campanha de Biden teve um papel na escolha destes delegados em convenções estaduais em todo o país – e pelo menos metade deles teria de rejeitá-lo para lhe negar a nomeação.

Desistência teria de partir de Biden: não vai acontecer

Ou seja, a desistência teria de partir do próprio Joe Biden. Tudo indica que isso, simplesmente, não irá acontecer.

Quem poderia avançar?

A vice-presidente Kamala Harris, 59 anos (pouco querida em vários setores dos próprios democratas); o governador da Califórnia, Gavin Newsom, 56 anos (que já disse depois do debate que mantém o apoio a Biden); a governadora do Michigan, Gretchen Whitmer (uma das diretoras da campanha Biden, forte num dos Estados mais importantes do Colégio Eleitoral para a presidência), 52 anos; o governador da Pensilvânia, Josh Shapiro, 51 anos; o governador do Illinois, JB Pritzker, 59 anos; o governador do Maryland, Wes Moore, 45 anos.

Só que há dois "pequenos problemas": nenhum deles deu até agora qualquer sinal de estar disponível para avançar em tempo recorde para substituir o presidente, num cenário tão difícil para os democratas; nenhum deles tem reconhecimento e dimensão nacional sequer comparáveis com Joe Biden.

As diferenças para a convenção aberta de 68

Há mais de meio século que não há uma convenção aberta para escolher um nomeado presidencial.

Em 1968, a Convenção Democrata realizou-se em Chicago (por ironia do destino, a mesma cidade que acolherá a deste ano).

Mas as circunstâncias eram bem diferentes. O presidente Johnson abdicou de buscar a reeleição. O vice-presidente Hubert Humphrey ingressou na disputa. O assassinato de Kennedy agravou ainda mais as divisões do Partido Democrata. O apoio dentro do partido foi dividido entre o senador Eugene McCarthy, visto como o candidato da paz, o vice-presidente Humphrey, que representava o ponto de vista de Johnson, e o senador George McGovern, que atraiu apoiantes de Bobby Kennedy.

Humphrey viria a ser o nomeado. A convenção foi perturbada por protestos antiguerra e confrontos violentos com a polícia.

Deixemos a forma (que comprometeu quase tudo) e olhemos para o conteúdo

Não ficará para a história do debate a parte do conteúdo (tão perturbadora foi a forma desastrada de Biden), mas vale a pena olhar para estes quatro aspetos: 1) economia: Biden não foi suficientemente eloquente a mostrar que os dados da sua Administração no emprego e no combate à inflação são melhores do que a perceção que os americanos têm disso; 2) aborto: Trump acenou ao eleitorado feminino que perdeu nas intercalares e disse que não travaria a pílula abortiva. Mostrou-se favorável à revogação do Roe *vs* Wade, pela liberdade que dá aos estados, deixou a entender que não avançará para uma "*national abortion ban*", mas não foi claro sobre isso; 3) defesa da democracia: Biden apontou o dedo a Trump no 6 de janeiro, com Trump a responder de forma delirante: "Nesse dia a economia estava ótima, o país estava ótimo." Biden replicou: "Como pode dizer que quem fez o ataque ao Capitólio eram grandes patriotas?"; 4) guerra russa na Ucrânia: Trump acusou Biden de não evitar que Putin fizesse a guerra e associou o desastre da saída do Afeganistão a um incentivo que Putin viu para avançar para a Ucrânia. Mas garantiu, após insistência na pergunta, que não aceitará "os termos da paz de Putin".

Especialista em política internacional.

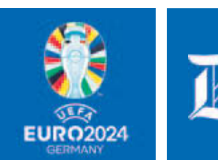
BREVES

Congresso da AfD marcado por confrontos

Confrontos entre manifestantes encapuzados e a polícia marcaram este sábado o início de um congresso do partido de extrema-direita da Alemanha AfD, semanas depois de ter obtido resultados recorde nas europeias, apesar de vários escândalos. Cerca de mil polícias foram destacados para a cidade de Essen, enquanto cerca de 600 delegados iniciavam uma reunião de dois dias. No congresso, os delegados serão convidados a votar uma moção que propõe o fim da prática de ter dois copresidentes, moção que, se for aprovada, poderá levar Tino Chrupalla, um crítico do eurodeputado Maximilian Krah, a perder o seu cargo, o que, segundo os *media* alemães, pode significar que está a ser alvo dos apoiantes de Krah, envolvido em várias polémicas e que foi excluído após as europeias da lista da AfD.

UE aprova novas sanções contra a Bielorrússia

O Conselho da União Europeia aprovou este sábado um novo pacote de sanções contra a Bielorrússia, tendo por objetivo evitar que a Rússia contorne as medidas restritivas através de Minsk. Entre as sanções aprovadas está a proibição da importação de carvão, petróleo bruto e quaisquer produtos minerais, ouro, diamantes ou hélio, da Bielorrússia. Por outro lado, Bruxelas proibiu os países de exportarem para Minsk bens e tecnologias de dupla utilização, ou seja, que possam ser adequados aos domínios militar e civil, bem como produtos para refinar petróleo. As novas sanções obrigam também as empresas da União Europeia que exportam armas de fogo, munições e tecnologias sensíveis para fora do mercado comunitário a incluírem nos seus contratos a denominada "cláusula não à Bielorrússia".





Oblak, o "trabalhador incansável" que lidera a Eslovénia desde a baliza

RAIO X O adversário da seleção nacional amanhã, nos oitavos de final do Europeu, joga de acordo com as "características do seu guarda-redes, que, numa equipa em bloco baixo, é dos melhores do mundo", defende o treinador Nuno Presume, que trabalhou com ele no Olhanense.

TEXTO **NUNO COELHO**

Quando o francês Clement Turpin apitou para o final do encontro em Colónia, a festa dos homens vestidos de azul não escondeu o feito que tinham acabado de conseguir. À quarta participação numa fase final de uma grande competição internacional, a Eslovénia, um dos países resultantes da cisão da Jugoslávia – cuja seleção independente se estreara de forma oficial em 1992 –, conseguiu por fim passar a fase de grupos e chegar às partidas a eliminar do Campeonato da Europa, ainda por cima num duelo com a Inglaterra.

Com três empates, um deles cedido já na compensação perante os antigos "irmãos" sérvios, numa altura em que parecia ir condenar a Eslovénia a mais uma saída precoce, o conjunto orientado por Matjaz Kek acabou por terminar no terceiro lugar do Grupo C, em igualdade quase total com a Dinamarca (perdeu o segundo posto por ter visto mais um cartão amarelo do que os nórdicos, curiosamente mostrado a um elemento da equipa técnica), e acabou por cair no caminho de Portugal, que defronta esta segunda-feira em Frankfurt, às 20h00.

"Foi um beijo do destino e tivemos alguma sorte, a mesma que nos faltou frente à Sérvia. Não esperava chegar aos oitavos, mas mostrámos com o nosso jogo que merecíamos passar e agora temos pela frente um dos favoritos à vitória no Euro", reconheceu o selecionador esloveno, que está na sua segunda passagem pelo cargo, que desempenhou entre 2007 e 2011, altura em que apurou a equipa para o Mundial 2010 – onde a Eslovénia obteve o seu único triunfo em fases finais perante a Argélia.

Curiosamente, as duas seleções até se defrontaram recentemente, em março, e a equipa de Kek não fez a coisa por menos aplicando a primeira derrota a Roberto Martínez desde que este assumiu o comando da seleção das quinas: 2-0 em Ljubljana, com golos de Adam Cerin e Timi Elsnik nos derradeiros 20 minutos. O treinador espanhol testou aí o sistema de três centrais, o mesmo que utilizou perante a Geórgia, com um resultado igual quer no desfecho, quer nos números, quer na pouca capacidade de criar perigo. E nem um penálti por marcar a favor da equipa das quinas escapou às semelhanças com o jogo de quarta-feira em Leipzig.

Já Kek tem mantido a sua ideia assente num 4x4x2, com uma organização defensiva bem montada e orientada da baliza pelo guarda-redes e capitão Jan Oblak ("criado" praticamente em Portugal e que alinhou no Benfica) e uma equipa capaz de sair em transições perigosas, normalmente através de Sesko, talvez o jogador mais talentoso da equipa, que atua na Alemanha, ao serviço do RB Leipzig, e que faz dupla no ataque com outro jogador bem conhecido dos adeptos portugueses, Andraz Sporar, que passou por Sporting e Sp. Braga.

Uma equipa à medida

Atualmente no Atlético Madrid, onde está desde 2014, o guarda-redes esloveno chegou a Portugal ainda muito novo, com 17 anos, contratado pelo Benfica ao Olimpija Ljubljana por quatro milhões de euros (dados do Transfermarkt), tendo sido emprestado sucessivamente até regressar à Luz, onde partilhou balneário com Bernardo Silva, João Cancelo, Nelson Semedo e Rúben Amorim, conquistando a titularidade da equipa principal a meio da temporada de 2013/2014, quando substituiu Artur Moraes no jogo da 13.ª jornada frente ao Olhanense. Curiosamente, foi no clube algarvio – ainda passou por União de Leiria e Rio Ave – que se cruzou com Nuno Presume, treinador e atual comentador no Canal 11.

> O treinador Nuno Presume recorda que, já no Olhanense, Jan Oblak "mostrava um comportamento de excelência", mas nunca pensou que chegaria a este nível.

"Trabalhei com ele meia temporada. O Oblak veio do Beira-Mar, porque não jogava, e ali acabou por não jogar também, nem um minuto sequer, pelo fator idade e também porque já apareceu a meio da época. Na altura registou uma evolução extraordinária porque foi orientado pelo Diamantino Figueiredo, o nosso treinador de guarda-redes que está agora com o Sérgio Conceição. Ele tinha uma noção clara do potencial do Oblak. Apesar de lá ter estado só seis meses, o Diamantino estava sempre a referir todo o potencial que ele tinha", começa por dizer ao DN o antigo adjunto de treinadores como José Peseiro, Daúto Faquirá ou Renato Paiva

Ainda assim, Nuno Presume confessa que a carreira posterior do agora capitão da Eslovénia acabou por surpreender toda a gente: "Um jogador tão jovem é sempre uma incógnita. Mostrava muito potencial e, sobretudo nas outras dimensões, ou seja, na capacidade de trabalho, na dimensão relacional – era muito tranquilo e de relação fácil com toda a gente – e sobretudo pela categoria que tinha entre os postes, perspetivava-se que pudesse chegar longe. Tão longe como chegou, confesso, acho que ninguém diria."

Obviamente que por essa altura "ainda não demonstrava a capacidade de liderança que tem hoje em dia, pois era muito novo". Mas Nuno Presume recorda outras características de Jan Oblak: "O que ele mostrava era um comportamento de excelência: uma atitude muito nobre em treino, para com os colegas e ainda era um trabalhador incansável." Isso torna-o num jogador de "uma importância extrema para a equipa". "A Eslovénia joga de acordo com as suas características. O forte dele não passa por ser afirmativo e positivo na construção, ou seja, no jogo com os pés, algo que já vem da forma como joga no Atlético de Madrid, onde não dão muita importância a isso. É um jogador que, jogando num bloco baixo, entre os postes, é dos melhores do



Jan Oblak, de 31 anos, é o porto seguro de uma seleção que está a surpreender no Europeu.



DAMIEN MEYER / AFP

Sesko é a referência da Eslovénia para os ataques rápidos.



OLIVIER MATTHYS/EPA

mundo. E este tipo de jogo apresentado pela Eslovénia favorece bastante as suas características. É a referência maior da equipa, que atua num 4x4x2 com o tal bloco baixo, tendo Sesko, mais que Sporar, como referência maior para as transições rápidas de que a Eslovénia tanto gosta."

Ter bola contra quem não a quer

Quanto ao jogo de segunda-feira, Nuno Presume mostra-se algo preocupado, até por recordar o tal particular de março. "Pensei que os erros que a seleção cometeu nesse jogo estivessem relacionados com o facto de ser um jogo de preparação, mas depois desta última partida com a Geórgia fiquei com algum receio de que não tenham só a ver com aspetos de concentração. A nossa seleção tem tido a intenção de ter um lado estratégico que lhe permite adaptar-se ao adversário de jogo para jogo, e nisso está implícita uma estratégia diferente para cada partida. Neste Europeu, a nossa seleção, entre aquelas que o querem vencer, tem sido a única que promove alterações estruturais. Compreendo o selecionador, mas os resultados mostram-nos que isso não tem sido positivo, porque há jogadores que não se sentem muito confortáveis", assinala.

"A Eslovénia joga num bloco baixo e não vai abdicar disso. É neste momento a equipa com menos posse de bola do Europeu (36,4%), e Portugal, em parceria com a Alemanha, é a equipa com mais (64,3%). A grande diferença é que precisamos de soluções para atacar a profundidade – ou seja, quando temos a bola não podemos ter tantos jogadores no apoio ao portador, é preciso gente para esticar a linha defensiva do adversário e circular a bola de forma muito mais rápida", refere Nuno Presume, acreditando que vão existir alterações na partida de Frankfurt: "Creio que o jogo com a Geórgia foi o fim da linha de três. A história do lateral por dentro, um contexto de seleção, não pode ser. Isto não é coisa que se trabalhe em tão pouco tempo. Para mim, em relação à equipa titular, só há uma dúvida: quem vai jogar a partir da esquerda, se é Diogo Jota ou Rafael Leão, o resto acho que está definido, não há lugar para mais trocas. Vão jogar Diogo Costa, Cancelo, Rúben Dias, Pepe, Nuno Mendes, Palhinha, Vitinha, Bruno Fernandes, Bernardo e Cristiano e a tal dúvida. E podemos aproveitar o facto de o lateral esquerdo titular esloveno [Erik Janza] não poder jogar através do Cancelo e do Bernardo."

dnot@dn.pt

A receita de João Palhinha: "Temos de ser mais objetivos e fazer mais movimentos"

SELEÇÃO O médio garante que Portugal irá dar "uma grande resposta" no jogo dos oitavos com a Eslovénia, "seja em que sistema for".

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

João Palhinha mostrou ontem uma grande confiança para o jogo com a Eslovénia, marcado para amanhã, e que vale um lugar nos quartos de final. No entanto, o médio admitiu que a seleção nacional tem de fazer algo diferente para melhorar e evitar surpresas como a que aconteceu com a Geórgia. "Temos de ser mais objetivos, fazer mais movimentos, haver menos jogadores a pedir a bola no pé e tentar penetrar mais no espaço interior", explicou o internacional português, mostrando-se convencido de que "é isso que a equipa vai tentar fazer" contra os eslovenos, reconhecendo ainda que com a Geórgia "muitos jogadores pediram a bola no pé e isso facilitou o trabalho defensivo" do adversário.

Uma das questões mais quentes em torno do sistema tático a utilizar: os três centrais ou uma defesa a quatro? Palhinha relativizou esse tema, considerando que "Portugal tem equipa para jogar com vários sistemas", mas em jeito de brincadeira recusou-se a revelar qual será utilizado amanhã, deixando uma certeza: "Vamos estar mais do que preparados para dar uma grande resposta. Vamos com tudo."

O médio admitiu ainda que é preciso que a equipa não seja tão lenta e previsível. "Olhámos para esse aspeto como algo a melhorar. Temos de ser mais objetivos e temos de criar mais oportunidades", sublinhou, garantindo que nos treinos "a resposta foi ótima" à derrota com a Geórgia e que todos os jogadores estão "muito ansiosos pelo próximo jogo para dar uma grande resposta".

A equipa das quinas vai voltar a enfrentar um adversário que deverá jogar num bloco muito baixo, o que tem dificultado bastante a tarefa da seleção nacional, sendo por isso que diz ser obrigatório serem "mais objetivos", pois essa forma de jogar obriga "a crescer enquanto seleção". "O *mister* é que é o responsável e vai escolher a melhor equipa e sistema para defrontarmos a Eslovénia. Não tenho dúvidas de que vamos fazer um excelente jogo, seja em que sistema for", assumiu.

Quanto à Eslovénia, vinca tratar-se de "uma excelente equipa" e "uma das boas surpresas" do Europeu, destacando o avançado Sporar, que foi seu colega de equipa no Sporting: "É um excelente jogador, muito móvel, e um jogador que dá muita luta e se esforça. Essa é também a imagem da Eslovénia, que joga com ele e com o Sesko na frente."

E alertou para o facto de, à medida que as fases finais avançam, "a competitividade aumenta" e, nesse sentido, admite que pela frente estará uma Eslovénia "muito forte", que irá "apanhar um Portugal muito forte". Será um reencontro entre as duas seleções, depois do particular de março, em Ljubljana, que os eslovenos venceram, mas que o médio diz não ter nada a ver: "Será completamente diferente."

Nesse contexto, promete "uma grande resposta" depois de um jogo que correu mal com a Geórgia. "Não há maior motivação para um jogador do que representar o seu país. É com essa motivação que vamos encarar os jogos", assumiu, revelando as seleções que mais o impressionaram na primeira fase do Europeu: "A Espanha, que é sempre muito forte, e a Áustria, que está a ser uma belíssima surpresa. Têm muito mérito pela qualificação. A Alemanha também está num grande nível... Acho que essas devem ser as mais fortes."

carlos.nogueira@dn.pt



MIGUEL A. LOPES/LUSA

João Palhinha garante que a seleção vai entrar "com tudo" para vencer a Eslovénia.



Áustria com uma dúvida

Gernot Trauner é a grande preocupação da seleção austríaca para o jogo com a Turquia. O defesa recupera de lesão muscular e no dia em que o técnico Ralf Rangnick comemorou o 66.º aniversário a sua utilização ainda era incerta.



Hjulmand fez golo de maior distância do Europeu

Morten Hjulmand foi o autor do golo com remate a maior distância da baliza durante a fase de grupos do Euro 2024. Foi no Dinamarca-Inglaterra que o médio do Sporting fez o remate a cerca de 25 metros, segundo a UEFA, superando os remates com êxito do romeno Razvan Marin, com a Ucrânia, e do turco Arda Güler, com a Geórgia. O remate mais forte que deu golo pertenceu ao esloveno Erik Janza, com a Dinamarca. Este jogador não vai defrontar Portugal.

Alemanha passa pelos pingos da chuva e está nos quartos

OITAVOS Numa partida cheia de incidências, duas indicações corretas do VAR inclinaram o jogo para o lado dos anfitriões que venceram 2-0.

TEXTO **NUNO COELHO**

O futebol é onze contra onze mais o VAR e no fim ganha a Alemanha (2-0). Num minuto apenas a Dinamarca sofreu dois golpes graças à intervenção (correta) do videoárbitro, e os anfitriões do torneio conseguiram colocar-se em vantagem, numa partida cheia de incidências incluindo uma interrupção devido ao mau tempo. Nos quartos já se perspetiva um duelo com a Espanha, numa espécie de final antecipada

Em Dortmund, num estádio repleto, a seleção anfitriã não pôde contar com Tah ao lado de Rüdiger no centro da defesa, com esse papel a ser preenchido por Schlotterbeck. Também por castigo, a equipa orientada por Kasper Hjulmand teve de prescindir do homónimo leonino do selecionador, com Delaney na sua vaga.

Sem surpresa, a *Mannschaft* lançou-se ao ataque desde o primeiro minuto, empurrando o adversário nórdico para trás e nos primeiros minutos ganhou quatro cantos: o primeiro resultou num golo de Schlotterbeck mas Michael Oliver anulou o lance devido a uma falta (4'); os outros resultantes de boas defesas de Schmeichel a remates de Kimmich e Havertz.

A pressão era asfixiante de uma Alemanha transfigurada nos últimos meses sob o comando de Nagelsmann, mas a Dinamarca lá sobreviveu ao primeiro impacto e por volta dos 20 minutos já estava mais aliviada. Tanto que Eriksen aproveitou um lançamento longo para tentar a sua sorte, com Rüdiger a intercetar o remate.

O certo é que o jogo ficou equilibrado até ser suspenso devido às condições climatéricas, com chuva forte, granizo e trovoada, por volta dos 35 minutos. Foi um momento de festa, sobretudo para os adeptos nórdicos, com alguns a aproveitar um banho à borla nas cascatas que caíam da cobertura. Depois de 25 minutos de interregno, os anfitriões voltaram em força e Havertz, de cabeça, obrigou Schmeichel a uma defesa por instinto. Mas a Dinamarca manteve-se organizada e respondeu em duas ocasiões, com Hjolund a ameaçar o golo: na segunda, Neuer (que se tornou no alemão com mais jogos em Europeus, 19) saiu bem da baliza e evitou o pior.

A "terceira" parte começou como a primeira: com um golo anulado, desta feita aos dinamarqueses (Andersen), devido a um fora de jogo milimétrico de Delaney. Na resposta, o VAR alertou Oliver para mão de... Andersen na área nórdica e penálti para a Alemanha. Havertz não perdoou e fez o 1-0, numa reviravolta incrível de eventos.

Tentou reagir a Dinamarca mas quem aproveitou o espaço foi a equipa da "casa". Um lançamento longo de Schlotterbeck deixou Musiala sozinho e a hesitação de Schmeichel revelou-se fatal, permitindo que o extremo fizesse o 2-0 (o seu terceiro na prova) e arrumasse a questão (68'). Morten Hjulmand e Bah podem entrar de férias...



Musiala marcou o segundo da Alemanha, frente a Schmeichel.

TOBIAS SCHWARZ / AFP



Ruben Vargas celebra o 2-0 para a Suíça.

Geórgia promete atacar para surpreender Espanha

ANTEVISÃO Georgianos tentam repetir o feito de 2016, quando venceram os bicampeões europeus em Getafe. Ingleses obrigados a responder aos críticos com a Eslováquia.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

A Geórgia volta a entrar esta noite em campo, no estádio Rhein Energie, em Colónia, depois da histórica vitória frente a Portugal. Desta vez o sonho vai voltar a comandar os georgianos frente a Espanha, que vão querer repetir o feito de 7 de junho de 2016, em Getafe, quando ganharam (1-0) à seleção espanhola bicampeã da Europa. O guarda-redes Mamardashvili disse estar "confiante" em que a Geórgia "vai criar perigo" a uma Espanha que "vai jogar ao ataque", pelo que é preciso "estar bem na defesa". O selecionador Willy Sagnol avisou que a sua equipa não irá só defender: "Vamos demonstrar que somos bons com a bola nos pés."

Luis de la Fuente, selecionador espanhol, é que não está muito recetivo a surpresas e frisou que este "será um jogo diferente" daquele em que a Geórgia venceu Portugal. Nesse sentido, pediu aos seus jogadores "a máxima intensidade e concentração", uma vez que o adversário "tem evoluído muito" desde que em setembro, nas eliminatórias para o Euro 2024, foi goleado (1-7) pela Espanha, em Tbilissi.

No primeiro jogo do dia, a Inglaterra vai tentar responder às muitas críticas de que tem sido alvo por parte de antigos jogadores. O selecionador, Gareth Southgate, lembrou ser "importante que os ingleses apoiem", acrescentando que da sua parte está "a fazer o melhor possível para garantir o melhor ambiente em torno dos jogadores". Harry Kane já assumiu a vontade de "marcar golos" frente a um adversário "muito forte fisicamente".

Francesco Calzone, selecionador da Eslováquia, lembrou que "os ingleses valem 1500 milhões de euros" e a sua equipa "150 milhões", contudo acredita que "a diferença em campo é feita pelos jogadores". Já o capitão Milan Skriniar garantiu que os eslovacos vão "tentar alcançar a maior vitória da história" da sua seleção.







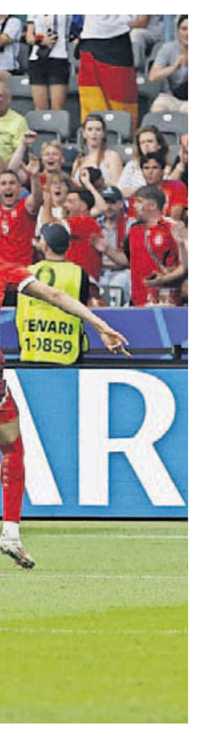
A culpa é de Guardiola

O inglês Wayne Rooney responsabilizou Pep Guardiola, treinador do Manchester City, por não haver rasgos no Euro. "O jogo tornou-se posicional. Todos tentam fazer o golo perfeito. Isso é culpa do Pep, foi ele que trouxe essa ideia", disse à BBC.



Belgas pedem desculpa por vídeo polémico

A federação belga pediu ontem desculpa à sua homóloga francesa por um vídeo que se tornou viral nas redes sociais em que o médio Amadou Onana surge ao lado de um elemento do *staff* a cantar uma música inventada pelo comediante belga Pablo Andres. "Quem vai atacar Mbappé nas canelas, Amadou Onana!", cantavam nesse vídeo, a dois dias do confronto entre França e Bélgica a contar para os oitavos de final do Campeonato da Europa.



Organização suíça manda campeões em título para casa à primeira

OITAVOS Itália nunca justificou o estatuto com que chegou à fase final e perdeu por 2-0 frente a um adversário superior sem precisar de deslumbrar.

TEXTO **NUNO COELHO**

Pela história teria sido uma surpresa. Pelo que se tem visto no Euro 2024, o triunfo da Suíça frente à Itália no jogo de abertura dos oitavos de final foi tudo menos isso. Onze jogos depois, os helvéticos voltaram a vencer o seu vizinho, por 2-0, e qualificaram-se para a próxima fase, onde defrontam Ingaterra ou Eslováquia, afastando uns campeões em título que nunca justificaram o seu estatuto e vão justamente para casa bem cedo.

Para a partida no imponente Olímpico de Berlim a Suíça mudou pouco em relação à equipa que tem utilizado na competição, ao contrário dos italianos, onde Spalletti procedeu a várias alterações em relação ao conjunto que evitou a eliminação na partida frente à Croácia. E a verdade é que desde o pontapé de saída as duas equipas deram seguimento a tudo aquilo que vinham fazendo na prova. A Suíça claramente mais organizada e sem medo de assumir as rédeas do jogo, embora mostrando-se algo limitada no último terço, onde falta algum talento para desequilibrar; a *squadra azzurra* perdida em campo e amontoada à frente da sua área. E assim a vantagem helvética ao intervalo não surpreendeu ninguém.

Apesar do domínio dos homens de vermelho, que desperdiçaram uma boa transição em vantagem numérica e até proporcionaram um livre perigoso a favor dos homens de Spalletti , a primeira grande ocasião só surgiu aos 24 minutos, com Embolo a surgir isolado perante o guardião *azzurro*, que evitou o golo com uma excelente intervenção. Um bom lance de Chiesa ainda deu para assustar Yakin (26'), mas a Suíça chegou mesmo ao 1-0 aos 37 minutos: Vargas cruzou para a área, onde Freuler, vindo de trás, dominou e rematou de pé esquerdo, com a bola a raspar em Mancini antes de entrar na baliza de Donnarumma, que ainda evitou outro num livre traiçoeiro de Rieder na compensação.

Não foi aí, foi logo a abrir o segundo tempo. Uma triangulação na esquerda entre Vargas, Xhaka e Aebischer com a defesa transalpina a ver, deixou o primeiro solto na esquina na área. Sem marcação olhou para a baliza e colocou a bola no ângulo, de nada valendo o voo de Donnarumma (46'). Perante qualquer outro adversário o jogo estaria resolvido. Mas a Itália não deixa de ser a Itália, mesmo com um onze muito distante da qualidade de outros tempos, e é capaz de marcar do nada. Podia ter sido num desvio infeliz de Schär a um cruzamento que bateu no poste (52') ou num lance de Scamacca que teve o mesmo destino, quando Spalletti já colocara um segundo avançado em campo, Retegui (74'). Mas desta feita nem a sorte quis nada com uma equipa que não a merecia.

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES



	P	J	G
1.º Alemanha	7	3	8-2
2.º Suíça	5	3	5-3
3.º Hungria	3	3	2-5
4.º Escócia	1	3	2-7



	P	J	G
1.º Espanha	9	3	5-0
2.º Itália	4	3	3-3
3.º Croácia	2	3	3-6
4.º Albânia	1	3	3-5



	P	J	G
1.º Inglaterra	5	3	2-1
2.º Dinamarca	3	3	2-2
3.º Eslovénia	3	3	2-2
4.º Sérvia	2	3	1-2



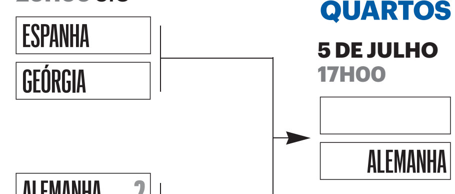
	P	J	G
1.º Áustria	6	3	6-4
2.º França	5	3	2-1
3.º Países Baixos	4	3	4-4
4.º Polónia	1	3	3-6



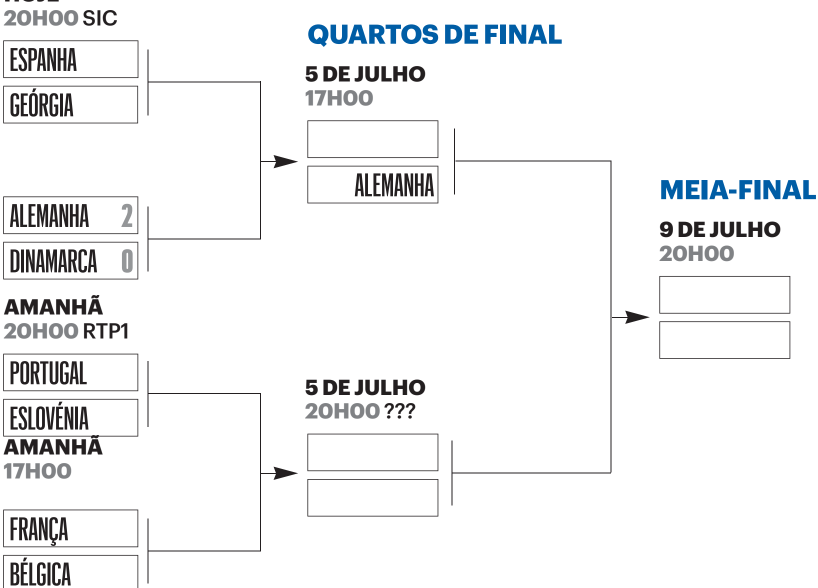
	P	J	G
1.º Roménia	4	3	4-3
2.º Bélgica	4	3	2-1
3.º Eslováquia	4	3	3-3
4.º Ucrânia	4	3	2-4

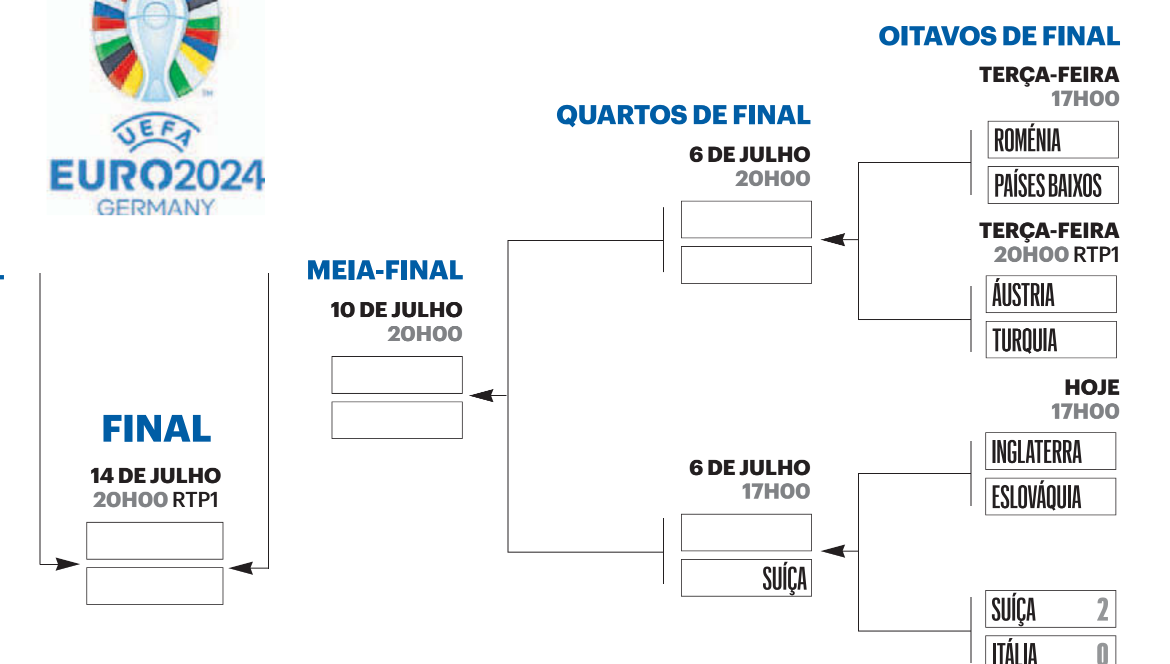


	P	J	G
1.º Portugal	6	3	5-3
2.º Turquia	6	3	5-5
4.º Geórgia	4	3	4-4
3.º Rep. Checa	1	3	3-5

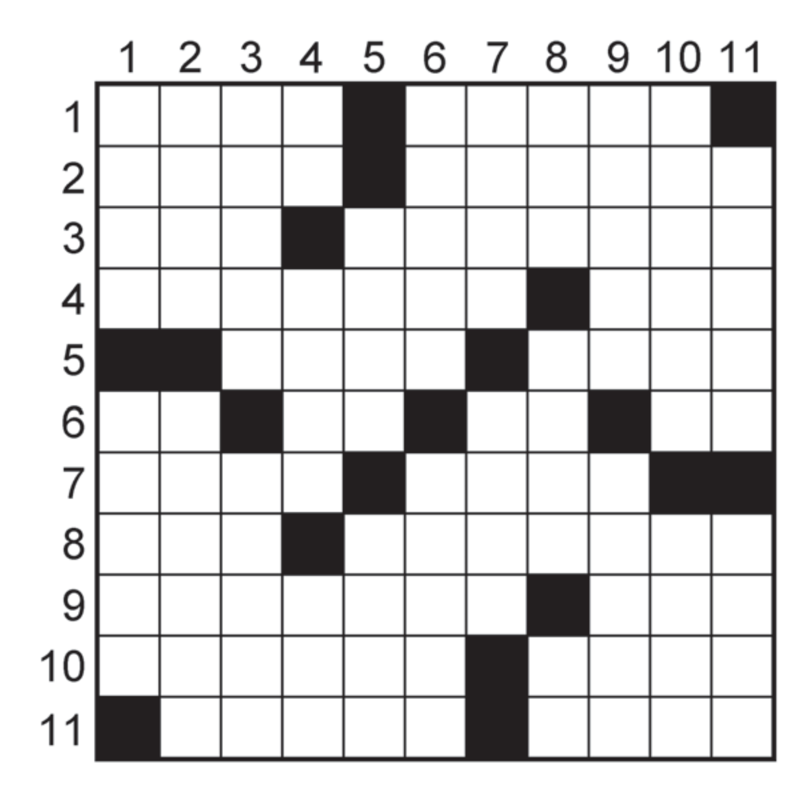


TODOS OS JOGOS TÊM TRANSMISSÃO NA SPORTTV
TODOS OS JOGOS TÊM TRANSMISSÃO NA SPORTTV





PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: **1**. Deve ser tomada no princípio da refeição. Limalha. **2**. Execução de encomendas. Vasilha em que se cozem os alimentos. **3**. Botequim. Engano dos sentidos (figurado). **4**. Religioso que vive num ermo. Procede. **5**. Desejo de dormir. Interjeição que designa repulsa ou raiva. **6**. Empresa Pública. Interjeição utilizada para chamar a atenção ou para cumprimentar. Gálio (símbolo químico). Érbio (símbolo químico). **7**. Aquilo que não pode ser discutido ou em que não se pode tocar (figurado). Pequeno mamífero roedor. **8**. Altar. Depósito de provisões. **9.** Pancada com a ponta do pé. Grande porção (popular). **10**. Amigo. Pé e perna do animal. **11**. Debruar. Irritar.

Verticais:
1. Está informado. Jornada. **2**. Aclamar. Pacóvio (regional). **3**. Pratinho sobre que se coloca a chávena. Excluir. **4**. «A» + «o». Reduziu a pó. Um certo. **5**. Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de pequenez. Qualquer de entre dois ou mais. **6**. Pequeno instrumento para assobiar. Tornar a pôr. **7**. Com destino a (preposição). Antiga embarcação de vela e remos. **8**. Nome feminino. Embarcação de recreio. Décima sexta letra do alfabeto grego. **9**. Banhar com água (a terra, as plantas). Enfeitar com oiro. **10**. Contente. Caminho. **11**. Guarnecer de ameias. Discursar.

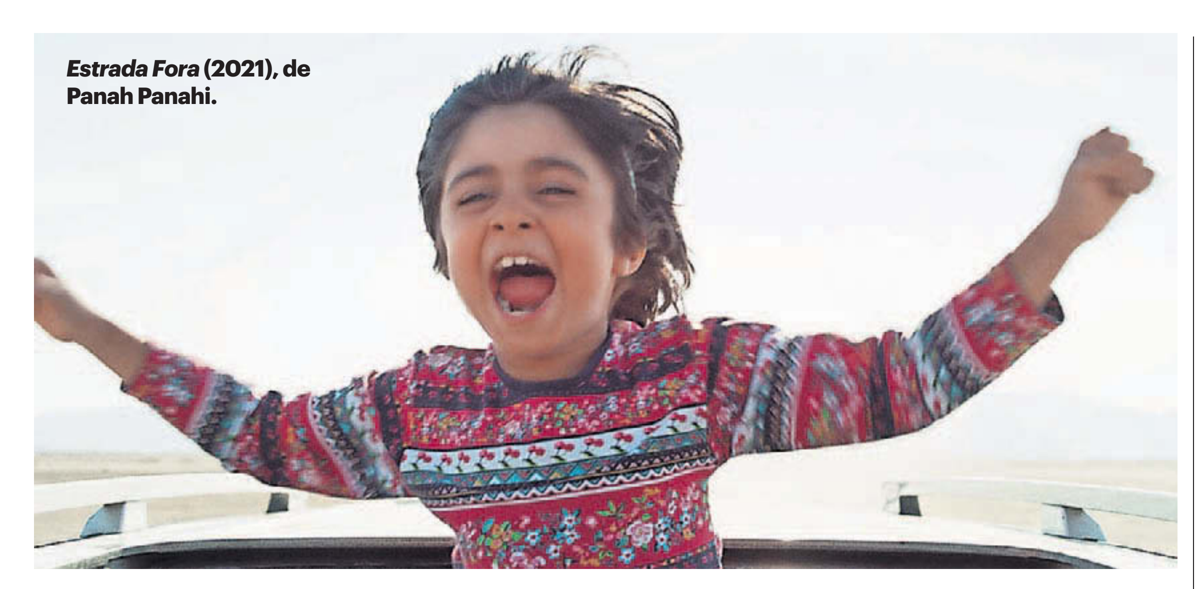
SUDOKU

		3		9			4	1
		5	2		8			
9	6					2	7	
					9			4
5		4				6	1	
	8		7					2
1				2			9	
3			6		5	7		8
	7			4				6

SOLUÇÕES

7	2	3	5	9	6	8	4	1
4	1	5	2	7	8	3	6	9
9	6	8	4	3	1	2	7	5
2	3	7	1	6	9	5	8	4
5	9	4	3	8	2	6	1	7
6	8	1	7	5	4	9	3	2
1	5	6	8	2	7	4	9	3
3	4	9	6	1	5	7	2	8
8	7	2	9	4	3	1	5	6

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Sopa. Apara. 2. Avio. Panela. 3. Bar. Miragem. 4. Eremita. Age. 5. Sono. Irra. 6. EP. Ei. Ga. Er. 7. Tabu. Rato. 8. Ara. Celeiro. 9. Pontapé. Ror. 10. Aliado. Pata. 11. Orlar. Irar.
Verticais:
1. Sabe. Etapa. 2. Ovar. Parolo. 3. Pires. Banir. 4. Ao. Moeu. Tal. 5. Mini. Cada. 6. Apito. Repor. 7. Para. Galé. 8. Ana. Iate. Pi. 9. Regar. Oirar. 10. Alegre. Rota. 11. Amear. Orar.


Estrada Fora (2021), de Panah Panahi.

Está aberta a época dos filmes na esplanada da Cinemateca

CICLO Arranca amanhã a temporada de cinema ao ar livre no andar de cima da Cinemateca. Sessões debaixo das estrelas e sob o signo do espírito revolucionário, com uma panóplia de propostas.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Há clássicos estimados, há contemporâneos que passam pela primeira vez, há cinema do Irão e pérolas francesas ou italianas, há dramas e musicais, comédias e documentários, terror e ficção científica, filmes para aquecer o coração e outros para fazer gelar o sangue. De tudo isto, e mais qualquer coisa, se farão as noites de julho na esplanada da Cinemateca, uma tradição estival lisboeta que este ano corresponde mesmo à totalidade da programação mensal – uma vez que estão a decorrer trabalhos técnicos nas salas M. Félix Ribeiro e Luís de Pina, as sessões ao ar livre (sempre às 21h45) tornam-se aqui a grande atração do verão cinéfilo, respondendo, de formas muito diferentes, aos ideais de Abril, ainda no âmbito das comemorações do cinquentenário da nossa data mais cinematográfica.

Assim, e embora o programa esteja dividido em quatro tópicos – Liberdade, Revolução, Comunidade e Futuro –, é interessante olhar para ele pelo ângulo da diversidade de produções que abrange. Desde logo, podemos começar por dois belíssimos títulos contemporâneos que dão conta da riqueza do atual cinema iraniano: *Ursos Não Há*, de Jafar Panahi (dia 30), retrato da clandestinidade desse realizador, numa povoação rural junto à fronteira com a Turquia, e *Estrada Fora*, de Panah Panahi (dia 18), *road movie* centrado numa família, que não sabemos bem para onde vai, mas pressentimos estar à beira da catarse. Dois filmes recentes a refletirem um quadro de repressão, duas gerações de cineastas, pai e filho, que representam a postura de resistência proveniente da cinematografia deste país (basta lembrar que ainda há pouco, no Festival de Cannes, o filme *The Seed of the Sacred Fig* foi o momento político do palmarés, Prémio Especial do Júri para um realizador, Mohammad Rasoulof, que fugiu do Irão...).


Cary Grant e Jean Arthur em *Paraíso Infernal* (1939), de Howard Hawks.


Para Sempre Mulher (1955), de Kinuyo Tanaka

As outras propostas contemporâneas voltam-se para um dos nomes mais acarinhados pela Cinemateca Portuguesa, o finlandês Aki Kaurismäki e o seu *O Outro Lado da Esperança* (dia 10), que em 2017 vinha contar-nos a história de um refugiado sírio em Helsínquia, e *O País das Maravilhas* (dia 4), de Alice Rohrwacher, imagem pura de uma infância na Toscana perturbada pelas movimentações em torno de um *reality show*. No primeiro caso, estamos a falar do realizador que este ano tocou realmente os espectadores portugueses com o êxito *Folhas Caídas*, iniciando muita gente na ternura proletária da "kaurismakilândia", e no caso de Rohrwacher, de quem se estreou no início do mês o fabuloso *A Quimera*, é uma ocasião para conhecer melhor ou reforçar os laços com a licença poética desta italiana.

Isto sem esquecer os portugueses. De João Pedro Rodrigues e Catarina Mourão (de quem serão mostrados, no dia 8, a curta *Turdus Merula Linnaeus, 1758*, sobre um primeiro voo, e *Desassossego*, três narrativas sobre mudanças de casa) a João Rosas, com três curtas-metragens (*Entrecampos, Maria do Mar* e *Catavento*, no dia 22), passando pela dupla João Salaviza e Renée Nader Messora, no seu primeiro encontro com a comunidade indígena krahô, *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos* (dia 23), eis uma seleção que explora sensibilidades urbanas, por um lado, e um olhar defensor das culturas ancestrais, por outro.

Os clássicos a que queremos sempre voltar

Bem mais regulares na Cinemateca são títulos clássicos como *Paraíso Infernal* (dia 9), obra-prima de Howard Hawks, com Cary Grant e Jean Arthur a protagonizarem um dos mais belos romances enquadrados pelo tema da aviação; *Uma Noite Aconteceu* (sessão que abre o ciclo amanhã) e *Do Céu Caiu Uma Estrela* (dia 25), ambos de Frank Capra e ambos exemplos cristalinos de uma arte tão apaixonada quanto humana, com méritos absolutos na comédia e na fantasia dramática. Note-se que a sessão deste último abre com a curta de animação *História Trágica com Final Feliz*, de Regina Pessoa. Um excelente jogo de afinidades.

No conjunto de filmes americanos dos anos 30/40 há ainda *An American Romance* (dia 3) e *A Ave do Paraíso* (dia 19), os dois de King Vidor, um realizador cuja obra merece ser aprofundada para lá do épico *Guerra e Paz* (1956), e para quem tem desejos de musical, nada como *Orgia Dourada* (dia 16), no original *Gold Diggers of 1933*, de Mervyn LeRoy, que é sobretudo uma prodigiosa demonstração das técnicas coreográficas de Busby Berkeley, autêntico "pintor" de caleidoscópios humanos.

> Da América da década de 90 será possível revisitar preciosidades como *Um Coração Selvagem*, de David Lynch (dia 13), *Jogos de Prazer* (dia 20), de Paul Thomas Anderson, e *Jackie Brown* (dia 27), de Quentin Tarantino.

Da América da década de 90 será possível revisitar preciosidades como *Um Coração Selvagem*, de David Lynch (dia 13), *Jogos de Prazer* (dia 20), de Paul Thomas Anderson, e *Jackie Brown* (dia 27), de Quentin Tarantino, para além das mestrias em cinema de género representadas por *A Semente do Diabo*, de Roman Polanski (dia 6), e *Nova Iorque 1997*, de John Carpenter (dia 29).

Em língua francesa projetar-se-á no grande ecrã da esplanada *Os Quatrocentos Golpes*, de François Truffaut (dia 12), reencontro marcado com o jovem Jean-Pierre Léaud, assim como o mais raro *A Inglesa e o Duque*, de Eric Rohmer (dia 2), um drama histórico com métodos atípicos, ambientado na Revolução Francesa. Já do lado italiano surgem outras raridades, desde a satírica segunda longa-metragem do hoje veterano Marco Bellocchio, *China Vizinha* (dia 11), ao militante *Seduto alla sua Destra* (dia 15), de Valerio Zurlini, passando pela vida de São Francisco de Assis tal como a concebeu Roberto Rossellini em *O Santo dos Pobrezinhos* (dia 17), o seu filme mais despojado, precisamente nos termos franciscanos.

Quase como uma nota solta, deparamo-nos também neste programa com *Para Sempre Mulher* (dia 24), o *magnum opus* de Kinuyo Tanaka, a realizadora japonesa dos anos 50/60 que descobrimos em sala no último ano, através da retrospetiva integral proporcionada pela distribuidora The Stone and The Plot. *Para Sempre Mulher* é aqui talvez a nota feminina mais gloriosa: a história de uma poeta submetida a uma mastectomia (onde é que se viu outro filme da época a abordar o cancro da mama?), cuja postura se opõe à vitimização, escolhendo celebrar o prazer do corpo enquanto a alma se prepara para abandoná-lo. Não há lição revolucionária como esta.



Movimento projeta os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

RUI MANUEL FONSECA / GLOBAL IMAGENS

Arranca o movimento que vai dar a conhecer o que se faz de melhor pela sustentabilidade

MOODS Diálogos, momentos, concertos, fórum ou festival entre as ações de uma parceria com entidades públicas e empresas privadas. Arranque a 5 de julho, em Famalicão, com Jorge Moreira da Silva, diretor da agência da ONU que ajuda a concretizar a Agenda 2030.

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

Dar a conhecer o que de melhor se faz na área da sustentabilidade em Portugal. Quem faz, o que faz, porque faz, com que resultados. No setor público como nas empresas privadas. É o objetivo do Movimento pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (MOODS), cujo lançamento está marcado para 5 de julho, em Famalicão. Com a presença de Jorge Moreira da Silva, o diretor executivo da UNOPS, a agência das Nações Unidas que coordena o esforço mundial para concretizar a Agenda 2030 da ONU.

Cientes do seu papel na sociedade e da urgência em abordar os desafios globais de forma sustentável, sob a iniciativa do JN, o Diário de Notícias, o Dinheiro Vivo e a TSF associaram-se no MOODS. Um movimento que vai desenvolver ações concretas na divulgação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), através da partilha de experiências, pensamentos, ideias e projetos, com recurso a informação envolvente, criativa e direcionada.

O MOODS é, no entanto, mais do que um projeto deste conjunto de títulos. É, sobretudo, uma rede de parceiros, empresas ou instituições públicas. E o melhor exemplo dessa rede colaborativa é a conferência que vai decorrer na Casa das Artes, em Famalicão.

Diálogo em Famalicão

O primeiro de uma série de "Diálogos de Sustentabilidade" está marcado para a próxima sexta-feira, arrancando com a apresentação do projeto Sons do Bairro, promovido pela Câmara de Famalicão, um exemplo da estratégia local face aos 17 ODS das Nações Unidas. Um encontro que terá como peça central um "diálogo" entre Jorge Moreira da Silva, subsecretário-geral da ONU e diretor executivo da UNOPS, e Isabel Furtado, CEO do grupo TMG. Uma forma de cruzar o trabalho de planeamento, financiamento e gestão de projetos da agência da ONU com o desenvolvimento e inovação de uma empresa privada que é uma referência nacional no têxtil e no setor automóvel.

Esta iniciativa será então o pontapé de saída de um movimento que se prolongará no tempo e pelos próximos anos, a exemplo da Agenda 2030. Depois de uma primeira experiência durante o ano passado, com os "Diálogos de Sustentabilidade" (que juntaram políticos e especialistas nacionais), com o Fórum da Sustentabilidade (que reuniu um prémio Nobel da Paz, duas comissárias europeias, o Presidente da República e uma dúzia de especialistas nacionais e estrangeiros) e com o Festival MOODS (uma festa que celebrou a sustentabilidade através da cultura e da música), propomo-nos dar novos passos.

O encontro de Famalicão será o primeiro de uma série de "Diálogos" que nos conduzirão numa viagem pelo território e pelos 17 ODS, que, recorde-se, são os pilares em que assenta um crescimento sustentável, regenerativo e inclusivo, para enfrentar a emergência climática e as desigualdades e assimetrias sociais.

Metas da Agenda 2030

A Agenda 2030 aponta para metas concretas em áreas como a erradicação da pobreza e da fome, saúde e educação de qualidade, igualdade de género, água potável e saneamento, energias renováveis e acessíveis, trabalho digno e crescimento económico, promoção da industrialização e a inovação, redução das desigualdades, construção de cidades e comunidades sustentáveis, produção e consumo sustentáveis, combate às alterações climáticas, proteção das vidas marinha e ter-



JORGE MOREIRA DA SILVA, diretor executivo da UNOPS, estará no arranque do MOODS.

restre, a promoção da paz, justiça e instituições eficazes e, finalmente, a construção de parcerias que permitam implementar os ODS, que é, afinal, o objetivo central do MOODS.

Para além dos "Diálogos de Sustentabilidade", o MOODS prevê outro tipo de ações, como os "Momentos MOODS", cujo foco é promover conversas entre especialistas e jovens atentos e comprometidos, ou os "Concertos MOODS", em que nos propomos usar a cultura e a música como veículos de promoção da sustentabilidade, em pequenos espetáculos em ambiente escolar ou em espaços públicos, com músicos e compositores emergentes ou talentos locais.

Em data a anunciar, e num evento que será marcante, mas não final, uma vez que o MOODS não se extingue, teremos então um grande fórum e um festival. No fórum vamos debater ideias, mobilizar energias e promover políticas para garantir um futuro sustentável e inclusivo: dois dias com a presença de peritos nacionais e grandes figuras internacionais, que nos trarão as suas propostas e os seus compromissos.

Em ligação com o fórum, teremos a segunda edição do Festival MOODS, uma festa ao ar livre para celebrar a sustentabilidade e dedicada às famílias. Um fim de semana de concertos, espetáculos de rua, animações itinerantes, exposições, oficinas, jogos e debates.

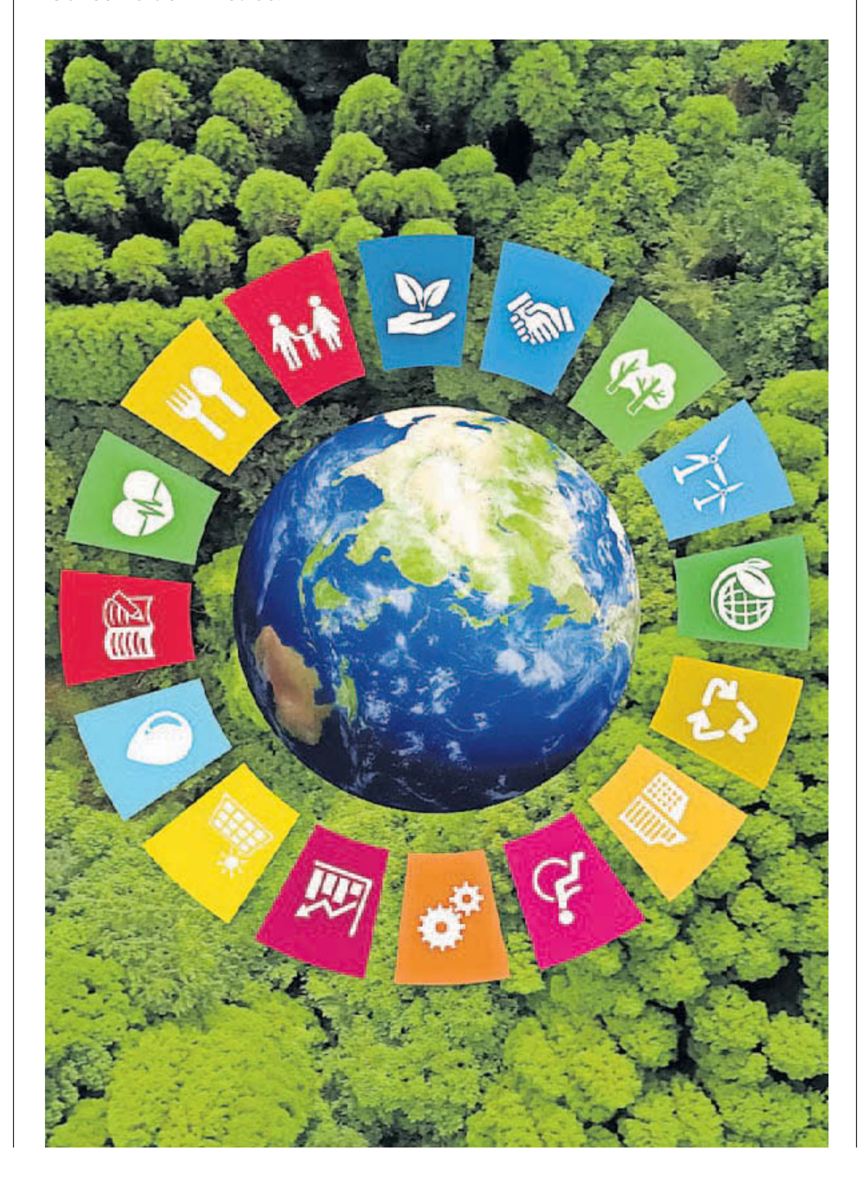
rafael@jn.pt



DIÁLOGO

Dos Sons do Bairro aos projetos da ONU

O primeiro "Diálogo de Sustentabilidade" e pontapé de saída do MOODS está marcado para 5 de julho, no Café Concerto da Casa das Artes, em Famalicão. Um evento organizado em parceria com a autarquia e que terá cobertura e transmissão em direto nas plataformas digitais do DN, JN, TSF, Dinheiro Vivo e no *site* do Movimento MOODS *(moods.jn.pt)*.
O primeiro momento será às 14h30, com a apresentação do projeto Sons do Bairro (no jardim da Casa das Artes), para, um quarto de hora depois, o presidente da Câmara Municipal de Famalicão, Mário Passos, dar as boas-vindas. Às 15h00 será a vez de Domingos de Andrade, administrador da Notícias Ilimitadas, fazer uma apresentação do Movimento MOODS. Às 15h15, Vítor Moreira, diretor municipal, falará sobre "O MOODS no território. O caso de Famalicão".
Pelas 15h30 teremos então o "diálogo" entre Jorge Moreira da Silva, diretor executivo UNOPS, a agência da ONU com sede em Copenhaga, na Dinamarca, e Isabel Furtado, CEO da Têxtil Manuel Gonçalves (Grupo TMG). O encerramento, marcado para as 16h30, ficará a cargo de Rui Armindo Freitas, secretário de Estado Adjunto da Presidência do Conselho de Ministros.





Ponto de situação dos ODS

Portugal em 16.º lugar
No *Relatório de Desenvolvimento Sustentável* Portugal surge em 16.º lugar, entre 167 países, no *ranking* de cumprimento dos ODS das Nações Unidas. Mas o documento também diz que apenas 16% das metas estão no bom caminho para um cumprimento global até 2030.

Finlândia na liderança
Portugal obteve uma pontuação de 80,2, numa lista que é liderada pela Finlândia (86,4), de acordo com o relatório divulgado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. O Estado português fica ligeiramente acima da média regional (77,2).

Combate à pobreza
O único ODS dado como atingido por Portugal é o da erradicação da pobreza, registando-se ainda avanços noutras três áreas: igualdade de género, energias renováveis e acessíveis e cidades e comunidades sustentáveis.

Atrasos nas metas
Algumas das metas com mais atrasos em Portugal são na área do consumo e produção sustentável (baixa taxa de reciclagem e de reutilização de resíduos), na ação climática (emissões de gases com efeito de estufa de produtos importados) e na proteção da vida marinha (excesso de captura de algumas espécies).

2030 é uma miragem
O mundo vai falhar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em 2030, alerta Júlia Seixas, presidente em Portugal da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. É preciso rever a forma de os alcançar, incluindo mudanças na própria ONU.

Sustentabilidade global
Ainda que o desempenho de Portugal e da Europa em geral seja globalmente positivo, com 27 países nos primeiros 30 lugares, Júlia Seixas lembra que "só estaremos bem quando todos os países estiverem alinhados com o desenvolvimento sustentável".

Países lusófonos
Entre os restantes países lusófonos o Brasil está em 52.º lugar. Cabo Verde ocupa o 88.º lugar, sendo o País Africano de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) mais bem classificado. Seguem-se São Tomé e Príncipe (118.º), Moçambique (148.º), Angola (155.º) e Guiné-Bissau (156.º).

O papel da UNOPS
A agência liderada por Jorge Moreira da Silva fornece serviços de infraestrutura, aquisição e gestão de projetos para apoiar a concretização dos ODS e a visão de um mundo onde as pessoas possam viver vidas plenas, apoiadas por infraestruturas adequadas, sustentáveis e resilientes.

Apoio a pessoas e países
Através dos seus serviços – incluindo infraestruturas, aquisições, gestão de projetos, recursos humanos e serviços de gestão financeira –. o UNOPS apoia os governos, as Nações Unidas e outros parceiros na concretização dos objetivos locais para pessoas e países.

Prova de Vida*

Aristides Teixeira

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

Um é Pereira, outro é Teixeira, mas, sendo os dois Aristides, ainda há quem julgue que o Teixeira é filho do Pereira, ou que o Pereira é pai do Teixeira, o que não é o caso. Caso, aliás, que se adensa e complica por serem os dois de “cor crioula”, para usar a expressão da jornalista Maria João Gama, em conversa no “Há Conversa”, de 4/4/2014; por terem ambos origens nas ilhas de Cabo Verde; por um deles, o Pereira, ter sido funcionário dos serviços de telecomunicações e o outro, o Teixeira, funcionário da RTP; e, enfim, por um ter sido Presidente da República e o outro candidato a sê-lo. Além do apelido, também o nome próprio de Aristides (Teixeira) provoca certos equívocos e mal-entendidos, pois já houve quem o chamasse “Aristides da Ponte”, lembrando o cônsul homónimo, hoje panteonizado. A cor da pele, de seu lado, fez com que, quando começou a apresentar programas na TV, muitos julgassem que era filho de Alice Cruz e do locutor Rui Romano, de tez africana, e, como não bastasse, num passado não remoto, era habitual confundirem-no na rua com o futebolista Shéu Han, com o qual tem indiscutíveis parecenças.

Por tudo isto, seria tentador pensarmos que Aristides Teixeira não existe, que é um holograma, o fruto de uma clonagem entre um antigo chefe do Estado de Cabo Verde, um diplomata heróico da 2.ª Guerra, e, no aspecto extrínseco, um antigo central do Benfica, camisola 11. Simplesmente, Aristides está vivo e recomenda-se, e, aliás, não tem perdido ocasião de mostrá-lo. Para alguns, não passará de um vaidoso, mais um, sedento de protagonismo e de palco. Para outros, um cidadão exemplar, activíssimo, sempre empenhado num carrossel de causas, seja a dos direitos dos utentes de transportes públicos, da contestação às portagens na Ponte, da poesia de intervenção, do fim das touradas, de uma homenagem ao seu amigo Carlos Castro, de outra em prol de Florbela Queiroz, de um busto à memória antifascista do seu pai ou, em termos mais prosaicos, da reabertura das casas-de-banho públicas na estação ferroviária Roma-Areeiro.

Na escola, muito miúdo, chamavam-lhe “Pepe Rápido” e, para lhe percebermos a cinética, importa conhecer o seu pai, Eleutério Teixeira, filho natural de pais burgueses, nascido em Cabo Verde, em 1910, e vindo aos nove anos para a metrópole, onde estudou, abriu uma mercearia e uma firma de construção civil em Albarraque e desde cedo se envolveu na oposição ao salazarismo, começando pelas revoltas de 1927, que o fizeram acabar em Peniche, onde conheceu Júlio Fogaça, e, mais tarde, pela campanha de Humberto Delgado e pelo golpe de Beja. À conta deste, foi preso e torturado em Caxias e Aristides lembra-se de ir vê-lo à cadeia, na companhia da sua mãe. A memória dessas visitas dramáticas – e das marcas das sevícias no rosto do pai – ainda hoje o acompanha, explicando muito do seu percurso de vida.

No julgamento dos implicados no golpe, Eleutério acabou absolvido, mas, como é evidente, passou por dificuldades no regresso à liberdade: trabalhou na remodelação do Cinema Europa, foi cenógrafo, pediu emprego aos amigos, Soares respondeu-lhe que não tinha nada, nem no escritório da Rua do Ouro nem no Colégio Moderno, mas comprometeu-se a meter “uma cunha” por ele, que continuou militando contra o regime, em conjunto com o seu advogado e ídolo, Salgado Zenha, em iniciativas como o Congresso Republicano de Aveiro, entre outras. Rejubilou com o 25 de Abril, é óbvio, mas, em finais de Maio de 1974, já estava a vociferar no seu diário contra os “oportunistas” da revolução, gente que, sem nada ter feito nos tempos sombrios do fascismo, esbracejava agora pelas sinecuras do novo regime. Nas fotografias do 1.º de Maio de 1974 vemo-lo na manifestação retumbante, logo atrás de Cunhal e Soares. Ao lado dele, muito mexido, o jovenzinho Aristides, que encontramos igualmente, sempre a furar, sempre a aparecer, nos vários eventos públicos em que o pai participava: jantares, comícios por El Salvador, marchas da paz, funerais, velórios, romarias republicanas.

Eleutério, um homem que, nas palavras do filho, “cedo aprendeu a navegar nas águas tempestuosas da luta de classes”, pertenceu a um grupo social curioso, jamais estudado, o dos amargurados ou deserdados de Abril, gente geralmente boa, idealista, que depositou enormes esperanças no regime novo, mas a quem este acabou por desiludir, fosse porque tardava a implementar as reformas necessárias a um país mais justo e fraterno, onde todos seriam felizes, fosse porque não lhes dava os empregos, os lugares de destaque e a vida melhor a que julgavam ter direito pelo seu passado “antifascista”, sobretudo no confronto com outros, os que cedo abocanharam os tachos e as ribaltas, logo apodados de “vira-casacas”, “golpistas”, “videirinhos” ou pior. À medida que a revolução regredia, com a política e os cargos a passarem para o controlo dos partidos e das suas máquinas e cliques, e depois com o ascenso da AD e, pior ainda, de Cavaco Silva, a desilusão deslocou-se para o país como um todo, visto como uma “choldra”, quando não para o seu próprio povo, agora figurado como atrasado e ignaro (“É triste, mas é verdade. Somos o povo mais atrasado da Europa”, anotou Eleutério no seu diário). Com o tempo, conformaram-se, resignaram-se, envelheceram, ficando tão-só com a mágoa e o ressentimento, um mar de ilusões perdidas (Eleutério insurgia-se contra os “doutores”, que “travaram lutas contra a ditadura dentro das universidades e no conforto dos seus lares”). Erradicados dos partidos, quase sempre por vontade própria, passaram a fazer política por outros meios, menos operantes, é certo, mas muito mais amigáveis, entregando o que lhes restava de energia e esperança à causa da “cidadania”, uma nebulosa ou albergue espanhol onde tudo cabia, mas onde tinham, ao menos, o lenitivo de reencontrar cumplicidades antigas, dessas a toda a prova, forjadas e testadas nas trevas da “resistência”.

O diário de Eleutério Teixeira, publicado pelo seu filho Aristides (*Um Herói Discreto*, pref. de Urbano Tavares Rodrigues, 2000), constitui um documento histórico notável pelo que revela das angústias e dos quotidianos de um “antifascista” no ocaso da vida. Vegetando entre o PS e o PCP, militante da União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), Eleutério envolveu-se na Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, de Vasco da Gama Fernandes, que depois, com amargura, viu ser transformada na CIVITAS – Associação de Defesa da Promoção dos Direitos dos Cidadãos, quanto a si mais conformista e alinhada com o sistema. Continuou a pôr o cravo à lapela nas ocasiões da praxe, a ir às almoçaradas dos capitães de Abril e aos jantares na Casa do Alentejo, a participar em comissões de homenagem a falecidos, a frequentar a tertúlia do café Luanda, na Avenida de Roma, onde pontificava o dr. Zenha, a apoiar a candidatura deste a Belém. A dado passo, desentendeu-se com Soares, por considerar que este fora complacente em excesso com os ex-agentes da PIDE (escreveu mesmo que “milhares de democratas sentem-se traídos nas suas convicções democráticas pelo camarada Soares”), mas reconciliou-se com ele aquando do acidente de João na Jamba e acabou condecorado com a Ordem da Liberdade, em 1995. No 10 de Junho, no Porto, onde recebeu a comenda, evitou apertar a mão a Cavaco, figura que sempre odiou (“A minha mulher serviu-me um almoço fraco, mais parecia uma refeição à Cavaco Silva”; “Anthony Hopkins foi armado cavaleiro pela Rainha. E nós andamos armados em parvos pelo Cavaco”; “A princesa Ana caiu do cavalo. Só Cavaco não cai do cavalo do poder”). No seu diário, além do desprezo pelos EUA e das reservas quanto à CEE, abundam as tiradas mordazes, como esta: “Zita Seabra diz que continua a ser comunista. E eu digo que continuo a ser D. Afonso Henriques…”.

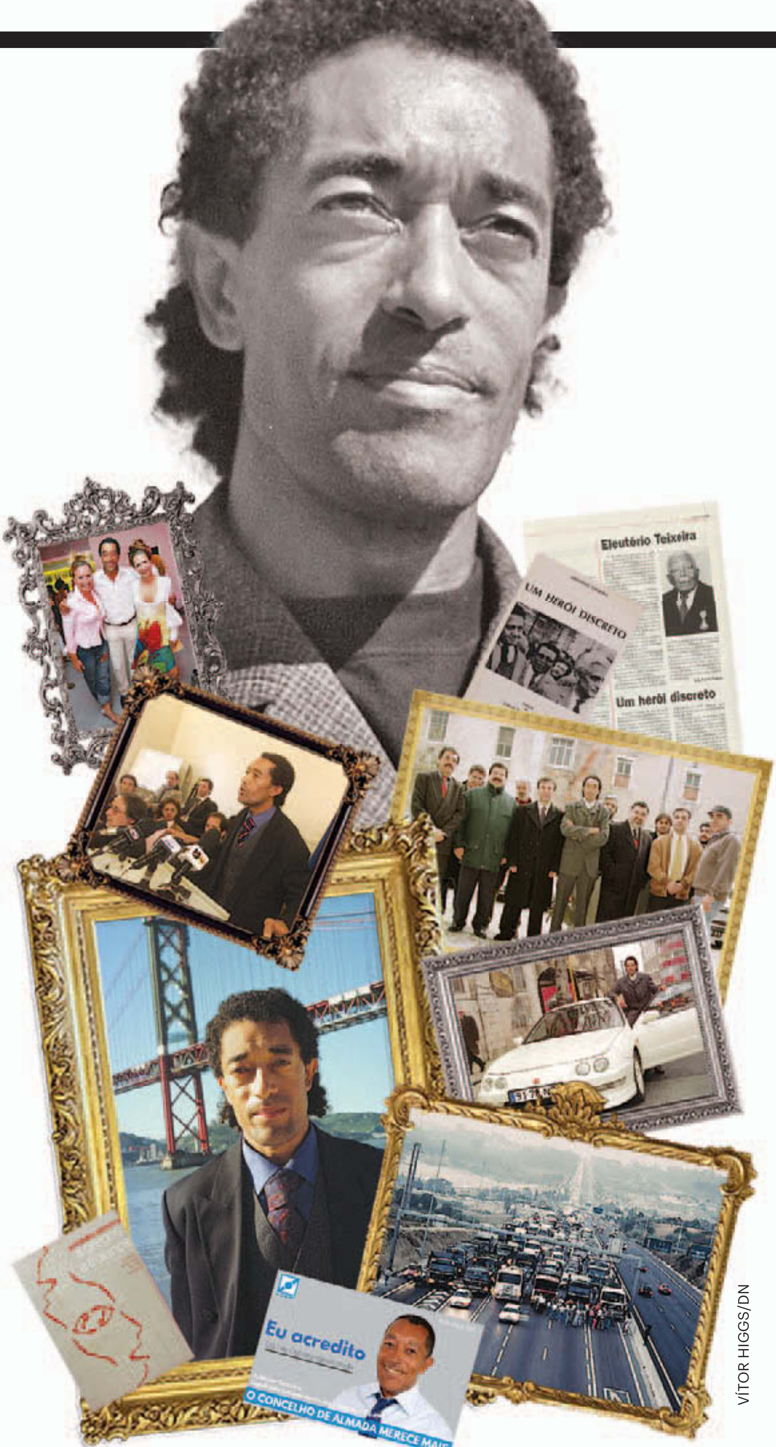
Em boa medida, Aristides Teixeira, de seu nome completo Aristides Francisco Martins Teixeira, nado na Maternidade Alfredo da Costa aos 6 de Julho de 1959, Caranguejo portanto, é – ou pretende ser – uma versão *aggiornata* e mais colorida do seu pai, cujo exemplo honrou, desde logo, através de uma pequena biografia, *Vale a Pena Conhecerem…*, saída em 1977, com prefácio de Vasco da Gama Fernandes, e cujo propósito, bem plasmado no título, visava reparar uma injustiça histórica, resgatando Eleutério do vil esquecimento a que o tinham votado. Mais do que o pai, porém, seria ele a tirar os dividendos dessa empresa memorialística, pois, segundo diz, o livrinho converteu-se em *best-seller* e, graças a ele, foi convidado por Maria do Sameiro Souto para entrar no programa “Bota das Sete Léguas”, da RTP, onde prosseguiu com “Tele-Juvenil”, “Gente Nova”, “O Jornalinho”, “Lugar aos Novos”, “Sempre em Forma”, “Quadrados e Quadradinhos”, “Porque Hoje é Sábado”, de Manuel Luís Goucha e Fátima Medina, “Luz Verde”, “Cacilheiro do Amor”, ou ainda “Eu Show Nico” e “EuroNico”, em que fazia de pirata num barco saudoso, capitaneado por Nicolau Breyner. Como se não bastasse, ainda fez dobragens para o “Urso de Colargol” e para a “Rua Sésamo”, apresentou uma Grande Noite do Fado, andou pelo mundo da moda, entrou na peça “Arsénico e Rendas Velhas”, foi jornalista de *A Luta*, júri no Festival da Canção Política, ao lado de Mário Castrim, Ary dos Santos e de Baptista-Bastos, esteve nas brigadas de alfabetização, na zona de Mértola.

Na infância e juventude, frequentara a Creche da Tapada das Necessidades, o Centro Republicano de Alcântara, a Escola Francisco Arruda (onde foi colega de Marina Mota), a Escola Industrial Fonseca Benevides e, depois, o Pedro Nunes. Sucessivamente, sonhou ser engenheiro naval, arquitecto paisagista, jurista e médico-veterinário, pois, confessa, tem “panca” por animais. Nos alvores dos anos 1980, criou e liderou um autointitulado Movimento de Escritores Novos, que se apresentava assim: “esta associação intelectual é o nosso florete contra a hostilização e contra o silêncio que os trapos, mandarins pletóricos e barrigudos teimam vicejar. Não cederemos. Não nos demitiremos desta oportunidade de chamada Abril.” O Movimento perpetrou três números de *Madrugada: Poemas*, uma antologia de horrores em verso e em prosa onde encontramos – delicioso! – um jovem aspirante a ficcionista e a economista, Francisco Jaime Quesado, o qual, segundo o próprio, tinha já obra na forja (*O Incêndio das Palavras*, contos) e alimentava “projectos para o futuro, com vista à instalação duma nova ordem literária para Portugal”. Ignoramos se aquele *Incêndio das Palavras* terá mesmo vindo a lume e, em caso afirmativo, se pôs realmente em fogo a república das letras lusas ou até se, por via dos seus contos pirómanos, o autor terá logrado instalar uma nova ordem literária em Portugal. O que se sabe, sim, é que, com o poema “Para Sempre” (“A ti, flor da minha perdição / exaltação do meu ser, / realização dos desejos meus, / este poema”), Francisco Jaime Quesado ganhou o Prémio Nacional de Literatura do Feijó e, talvez por isso, acabou nomeado presidente da ESPAP (Entidade de Serviços Partilhados da Administração Pública) em 2014, pelo governo de Passos Coelho. Que diria disto o velho Eleutério, é melhor nem perguntar.

Enquanto isso, Aristides terminou o liceu, frequentou sociologia, parece, fez-se professor a contrato, deu aulas na Azambuja e nos Olivais, mudou-se para o Laranjeiro em 1982, ano em que publicou, em edição de autor, *A Gregos e Troianos*, com pre-



Não tendo participado na organização do protesto, a cargo dos manos camionistas Jaime e Mário Pinto, Aristides Teixeira logo se juntou a ele […]. Rapidamente se tornaria o principal rosto da contestação ao pagamento das portagens na antiga Ponte Salazar.



VÍTOR HIGGS/DN

fácio de Urbano. O pai, um homem conservador, que saíra enojado de um filme de Cicciolina no cinema Olímpia (já antes não apreciara *Emmanuelle*, "por não perceber francês"), chamava-lhe um "estraga-vergas" (*sic*) e anotaria, a dado trecho: "o Aristides festejou o aniversário numa discoteca em Campo de Ourique. Creio que ele anda de namorico com uma rapariga que é relações públicas do Pátio Alfacinha". Noutra entrada, fenomenal, quase pidesca: "Vi o Aristides acompanhado de uma garota às 8h45, corrijo, às 8h46 na Rua da Prata." E outras ainda: "Lavei a louça que o senhor meu filho deixou para que o velho Eleutério lave. Enfim…"; "O meu filho deixou loiça para o preto lavar". No mesmo registo higiénico: "Lavei o carro do meu filho. Ele é um relaxado." Ainda assim, Eleutério ficava encantado pelas proezas do rebento, que comprara um "Citroen, linha de luxo" e que, por causa das aparições televisivas, era uma "figura pública".

Aristides navegava então nas águas da CDU, pela qual foi candidato independente às legislativas de 1987 escrevia artigos na *Seara Nova* (sobre "origem e desenvolvimento do capitalismo") e no *Diário* (contra o *apartheid*), discursava em comícios na Fonte Santa ao lado de Cunhal, Baptista-Bastos e Maria Santos, aos quais Eleutério assistia, embevecido: "o Aristides discursou sobre a esperança da Juventude num Futuro melhor. A sua sentida intervenção torna-o um excelente orador. Incendiou a assistência. Resumindo: foi brilhante. Para mim foi uma grande emoção ver e ouvir o meu filho e também vê-lo incluído numa galeria de notáveis."

Em 1989, viajou até à Coreia do Norte, para o Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, integrando uma comitiva onde avultavam Teresa Salgueiro, dos Madredeus, a jornalista Maria Flor Pedroso e o actor André Maia. Trouxe um relógio para o pai, veio de lá fascinado, achando a viagem "espectacular". "Sobre o festival vem encantado com as coreografias, os ginastas o convívio entre povos de várias línguas, umas mais compridas que outras…", escreveu Eleutério no seu caderno íntimo. Compreende-se: o Festival fora a resposta de Pyongyang às Olimpíadas de Seul do ano anterior e nele tinha sido gasta uma quantia astronómica, 4,5 mil milhões de dólares, um quarto do PIB anual do país, gerando uma dívida externa de 5 mil milhões de dólares, e precipitando as grandes fomes das décadas subsequentes.

***

Em 1 de Agosto de 1987, Eleutério, premonitório, anotava no seu diário: "As portagens da Ponte aumentaram de preço. Um dia um "tornado" atingirá os utentes". Descreverá depois, em Maio de 1992, uma audiência do filho em Belém, na qualidade de dirigente da Associação de Utentes dos Transportes Colectivos da Grande Lisboa, por causa dos passes sociais. Às voltas com as meias que descaíam dos pés, Soares recebeu-o "semi-deitado numa poltrona e enquanto bocejava manifestava a sua confiança numa solução próxima. No final do encontro, o estadista perguntou por mim."

Mais tarde, no histórico dia 24 de Julho de 1994, nova entrada no diário, eivada de mil esperanças: "um grupo de camionistas bloqueou o trânsito na Ponte 25 de Abril contra o brutal aumento da portagem anunciado pelo Ministro Ferreira do Amaral. Será que vai ser desta que o Povo começará a lutar em defesa dos seus interesses? Será isto o princípio do fim do cavaquismo?"

Nesse mesmo dia 24, quando subia a rampa dos Estúdios do Lumiar (a lendária rampa da RTP, sita ao lado dos terrenos da viúva do Batata), na companhia do jornalista Mário Lindolfo e de Alípio de Freitas, para gravarem o documentário "À Procura do Socialismo", Aristides Teixeira soube que decorriam acesos protestos na Ponte 25 de Abril e logo se pôs em campo: "O meu filho como é irrequieto e cabeça de motim, não segue os conselhos do pai. Atira-se para as lutas cívicas. Eu já me sacrifiquei. Abdiquei do meu bem-estar. Sacrifiquei o núcleo familiar. O nosso contributo para um Portugal melhor já tem dose. O meu rapaz não concorda. Quer ser perseguido e esquece-se que tem família. Então pegou no telefone e falou com o Manuel Poças e com mais alguns amigos seus, utentes da Ponte, e convidou-os a apresentarem publicamente a proposta da Pró-Associação de Utentes da Ponte 25 de Abril. E foi o que fizeram esta manhã. Hoje ao fim da tarde realizou-se um debate na SIC no «Praça Pública» conduzido pela amiga do meu filho, Júlia Pinheiro. Foi uma emissão em directo que contou com a presença de autarcas e Aristides."

Não tendo participado na organização do protesto, a cargo dos manos camionistas Jaime e Mário Pinto, Aristides Teixeira logo se juntou a ele, na qualidade de dirigente da Associação de Utentes dos Transportes Colectivos da Grande Lisboa, atrás citada, que fundara em 1992. Rapidamente se tornaria o principal rosto da contestação ao pagamento das portagens na antiga Ponte Salazar.

"Tempo de Partir", é o nome do capítulo em que, nas suas memórias políticas, Cavaco Silva descreve o "buzinão da Ponte" e a sua decisão de abandonar o cargo de primeiro-ministro (*Autobiografia Política* II, 2004, pp. 459ss). O seu assessor de imprensa na altura, Fernando Lima, falou, a este propósito, da "mais grave crise vivida pelos governos de Cavaco Silva" (*O Meu Tempo com Cavaco Silva*, 2004) e é indesmentível que, naquele Verão Quente de 1994, estava montada a tempestade perfeita: ao fim de vários anos de governação, a maioria PSD acusava indisfarçáveis sinais de desgaste; em Belém, no seu segundo mandato, Soares mostrava-se cada vez mais interventivo, colmatando aquilo que julgava serem as debilidades da oposição socialista, liderada por um Guterres desejoso de dar provas das suas capacidades de liderança. Por outro lado, e tirando partido da natureza mais institucional e circunspecta da televisão pública, os canais privados pressentiram o potencial do momento, a sua espectacularidade imagética, fazendo directos até às cinco da madrugada e debates castigadores para o governo, com destaque para o "Praça Pública", na SIC, com Júlia Pinheiro. Para agravar as coisas, as habituais trapalhadas lusitanas: o aumento das portagens fora decidido em Conselho de Ministros cinco meses antes, mas arrastou-se pelos gabinetes ministeriais e a portaria só acabou publicada no jornal oficial a 3 de Junho, surpreendendo tudo e todos, Cavaco inclusive; pior ainda, a portaria era equívoca quanto ao dia da sua entrada em vigor, suscitando declarações desencontradas de Álvaro Magalhães, secretário de Estado das Obras Públicas, e Rangel de Lima, presidente da Junta Autónoma das Estradas. Além de um *timing* desastroso, a menos de duas semanas das eleições europeias, a portaria não fora acompanhada de nenhum esforço pedagógico ou comunicativo e quando, com o arraial montado, Ferreira do Amaral tentou explicar-se, dizendo que se tratava de um "actualização", não de um "aumento", ninguém percebeu a *nuance*, cuja subtileza esbarrava com o facto evidente de as portagens estarem efectivamente mais caras. Ao início, os protestos fizeram sentir-se de modo mais tímido, com os automobilistas em marcha lenta ou a pagarem a portagem com notas de valor estratosférico, para atrasar e dificultar o troco, isto enquanto iam vitimando os tímpanos dos portageiros com apitadelas incessantes. No dia 24 de Julho, uma sexta-feira, era feriado municipal em Almada, havendo, pois, uma enorme massa de gente disponível para lutar contra as portagens ou apenas para ir até à Ponte ver quem o fizesse. Com Cavaco Silva ausente em Corfu, numa cimeira europeia, Fernando Nogueira tornou-se o homem do leme, no que contou com o auxílio de Marques Mendes e dos assessores do PM, tarefa de que Nogueira saiu airoso, pese os percalços da praxe: o ministro da Administração Interna, Dias Loureiro, aterrou de helicóptero Puma na zona da confusão, mas, após ter falado com os manifestantes, regressou sem solução à vista; a GNR não dispunha de equipamentos para rebocar os camiões monstruosos e, quando se pediu o poderoso Rechover M-88 ao Regimento de Engenharia Santa Margarida, suscitou-se uma cruciante dúvida jurídica, a de saber se a Lei de Defesa Nacional permitia o recurso a meios militares naquelas circunstâncias. Obtida a resposta afirmativa, os militares de Santa Margarida decidiram apagar da viatura todos os elementos que indicavam que a mesma era pertença do Exército e, na vinda da máquina para Lisboa, seguindo instruções superiores, pararam em Alpiarça para um merecido e descansado almoço. Alcançaram Lisboa já a meio da tarde e o M-88, como é óbvio, nem chegou a ser usado, tanto mais que, entretanto, os camionistas, que transportavam brita e areia de Sesimbra para Lisboa, ameaçaram despejá-las ao chão do Pragal, bloqueando a capital.

O governo acabaria por recuar em parte, prometendo cartões pré-comprados, anunciando descontos para os motociclistas e suspendendo as portagens nos meses de Julho e Agosto, não sem antes se terem verificado graves incidentes entre os manifestantes e a GNR, dos quais, além de um ex-fuzileiro agredido, resultou um ferido grave, um jovem ajudante de pedreiro de 18 anos, vítima de uma bala perdida, que ficou paraplégico: Luís Miguel Figueiredo pediria uma indemnização ao Estado, em acção na qual foi representado por advogado Tiago Crisóstomo Teixeira, após o processo-crime ter sido arquivado, por nunca se ter provado que a bala fora disparada pela polícia. Convertidos em celebridades instantâneas, os irmãos Pinto foram rapidamente ultrapassados pelos acontecimentos, que, como é evidente, cedo deixaram de se centrar nas portagens para assumirem contornos políticos mais amplos. Na noite de 30 de Agosto, Pedro Abrunhosa & Os Bandemónio davam o mote para novos protestos, convertendo a música "Não Posso Mais" num hino de contestação ao cavaquismo, bisado no ano seguinte com a faixa "Talvez Foder", do álbum *F.*

Na *reentrée* de Setembro, regressou o caos. Em Belém, Vítor Ramalho recebeu os manifestantes da Ponte e, num colóquio sobre direitos humanos, Soares usaria uma expressão célebre, o "direito à indignação", palavras que Guterres considerou justas, mais do que legítimas, mas que passavam em claro o facto de, em 1983, o governo do Bloco Central ter aprovado uma resolução em que autorizava o uso da força para impedir os cortes das estradas e das comunicações, coisa que o PSD logo lembrou nos jornais, para irritação de Soares.

Em Outubro, anunciou-se uma gigantesca caravana automóvel na Ponte, apoiada por 58 notabilidades, entre as quais Manuel Alegre, Hele-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

na Roseta, Francisco Louçã, José Saramago e Baptista-Bastos. Na caravana, destacar-se-ia dois deputados socialistas, Armando Vara e Crisóstomo Teixeira, enquanto Guterres proclamava que o aumento das portagens era ilegal, que o governo devia ceder aos protestos e que eram ilegítimas as portagens nas regiões suburbanas. À direita, curiosamente, ou talvez não, Manuel Monteiro radicalizou ainda mais, instando o Presidente da República a convocar uma reunião extraordinária da Assembleia para discutir a questão das portagens e da violência policial, proposta que acabou sendo apoiada pelo PS e pelo PCP, mas a que Soares, obviamente, não deu seguimento. Na bancada laranja, Duarte Lima liderava a difícil defesa das posições do governo, dando as tácticas aos ministros mais precisados, com destaque para Ferreira do Amaral, que por duas vezes tentou demitir-se.

Os ânimos acabaram por serenar, surgiu o tabu de Cavaco, Guterres venceu Nogueira, e, uma vez chegado ao poder, o governo do PS informou, através do ministro da Presidência, António Vitorino, que, afinal, não iria abolir as portagens na Ponte 25 de Abril (cf. *Público*, de 12/10/1995). Por azar dos Távoras, 25 deputados socialistas tinham apresentado, em Julho de 1994, no calor do "buzinão", um requerimento para que o Tribunal Constitucional declarasse a inconstitucionalidade da portaria de Ferreira do Amaral: em Novembro de 1995, o Tribunal decidiu, por unanimidade, que a portaria não era inconstitucional, coisa que já nem mereceu destaque nos media, mas que foi uma bênção para o novo governo do PS, cujo primeiro-ministro, António Guterres, informou não ter agenda para receber a associação de Aristides (e o secretário de Estado da Administração Interna, Armando Vara, remeteu-a para a GNR).

Não foi o piquenicão, mas tudo comeu da ponte: segundo o juiz Carlos Moreno, a derrapagem financeira da Lusoponte orçava já, em 2010, os 400 milhões de euros (*Como o Estado Gasta o Nosso Dinheiro*, 2010). Nos anos vindouros, Ferreira do Amaral seria deputado, candidato à câmara de Lisboa e, em 2006, por morte de Morais Leitão, tornou-se presidente do conselho de administração da Lusoponte, cargo que exerceu durante 16 anos, até Março de 2023. Fernando Nogueira foi trabalhar discretamente para o BCP, Dias Loureiro envolveu-se em negócios complexos, nos quais, segundo Aristides, "pagou a factura de nos ter mandado espancar" (DN, de 28/6/2008), enquanto Armando Vara subiu a secretário de Estado da Administração Interna e, mais tarde, a ministro de Sócrates. Crisóstomo Teixeira seria nomeado secretário de Estado das Obras Públicas, de 1955 a 1997, presidente do conselho de administração da CP, cargo que exerceu de 1997 a 2003, e, de 2007 a 2011, presidente do Instituto de Mobilidade e Transportes Terrestres (o *Tal & Qual*, de 21/6/1995, promoveria um aprazível encontro entre Crisóstomo e Aristides, no qual o governante foi afirmando, muito simpático, que não pagar portagens era um "desafio", um "elemento saudável" que "levava o Governo a reflectir", mas tirou-lhe o sentido quanto a uma abolição, culpando de caminho o anterior executivo e o contrato com a Lusoponte). Também no domínio da música, o incendiário concerto da Caparica deu "um novo fôlego à carreira de Abrunhosa" (*Público*, de 15/4/2009), salvando-a do marasmo em que se encontrava.

Em Dezembro de 1994, Duarte Lima foi substituído por Pacheco Pereira na direcção da bancada laranja, após *O Independente* ter noticiado que uma sobrinha sua, pese ter rendimentos modestos, era proprietária de uma quinta com três hectares em Sintra. O processo fiscal da quinta de Sintra seria arquivado e, em 1998, Duarte Lima derrotou Passos Coelho e Pacheco Pereira na corrida à distrital de Lisboa do PSD. Hoje, aguarda julgamento por alegado homicídio de uma cliente sua, no Brasil, enquanto Armando Vara, aguarda igualmente um eventual regresso à cadeia, onde já cumpriu pena. Jaime e Mário Pinto foram condenados, em 2005, a oito e sete anos de prisão, respectivamente, por tráfico de droga e contrabando de tabaco: Jaime andou três anos em fuga, com identidade falsa, mas acabou detido em Vilamoura, em Fevereiro de 2013. Faleceu em 2021 e, pior do que isso, recebeu as condolências de André Ventura, por ser um destacado militante algarvio do Chega, o partido dos "portugueses de bem". Faleceu também, em larga medida, o partido de Manuel Monteiro, entretanto apeado da liderança pelo seu mentor, Paulo Portas. Aníbal Cavaco Silva foi eleito e reeleito Presidente da República e António Guterres cumpre actualmente o seu segundo mandato como secretário-geral da ONU.

Em face de tudo isto, quase apetece dizer que Aristides Teixeira acabou por ser o tolito deixado a meio da ponte, o *idiot utile* que deu a cara pelo protesto, mas que acabou usado por gente mais habilidosa do que ele, que o descartou e deixou cair logo à primeira curva. Em finais de Julho de 1994, o seu nome ainda surgia em destaque, como gostava, dando uma conferência de imprensa em nome da Pró-Associação dos Utentes da Ponte 25 de Abril; mas, duas semanas depois, em 18 de Agosto, queixava-se já de estar a ser marginalizado da associação que fundara e de que esta era alvo de instrumentalização de "um grupo de pessoas pró-comunistas" (*A Capital*, de 18/8/1994). Muito alinhado com os contestatários da Ponte, *O Independente* traçou-lhe na altura um perfil radioso e heróico, chamando-lhe "Pirata Negro", para júbilo de Eleutério, mas nem isso evitou que Aristides caísse no esquecimento, contra o qual procurou lutar desesperadamente, esbracejando com o ardor dos náufragos. No início de 1995, constituiu uma nova associação, desta feita a ADU, Associação Democrática de Utentes da Ponte 25 de Abril, e, dois meses depois, anunciava a sua candidatura à Presidência da República, por sinal no mesmo dia em que surgiu outro *challenger* de igual quilate, Carlos Ferreira, 46 anos, empregado de mesa, com candidatura lançada no Massamá Shopping Center e a promessa de "fiscalizar as empresas que mandam reprimir os trabalhadores."

Aristides adoptou o lema "Uma Ponte para Belém", assumiu-se como "alternativa ao exercício do poder discricionário." No lançamento da candidatura, segundo o próprio, e além dele e do mandatário, o fiel Manuel Poças, compareceram os encarregados da sala, uma mulher de limpeza e um funcionário da Securitas. A campanha andou pela Pedreira dos Húngaros, pela Feira da Ladra, foi até à Musgueira, onde o candidato apreciou ser comentado por duas moças, "com o despudor inquietante da Lolita de Nabokov". Enquanto tal sucedia, o mandatário acumulava multas por estacionamento indevido e, a dado passo, viu mesmo o seu Dyane rebocado para o parque da GNR em Algés. Na candidatura colaboravam, acentuou Aristides, um electricista, com curso tirado na Fonseca Benevides, um fiel de armazém do Café Nicola, uma vendedora de *lingerie* porta-a-porta, uma funcionária da Câmara de Comércio Portugal-Itália, um informático e, naturalmente, um camionista de pesados. Às voltas com o aluguer de uma sala, questão tratada com "o sr. Araújo, da Imobiliária Bem-Hajam", Aristides nem resposta teve aos seus pedidos para visitar o Museu Maçónico, o Museu da República, o Atlético Clube da Musgueira, o Futebol Clube do Casal Ventoso ou o Clube Recreativo "Estrelas do Feijó". Curiosamente, na Assembleia só seriam recebidos pelo deputado António Vairinhos, do PSD.

Apesar disso, o candidato, é óbvio, acabou ofuscado pelas luzes da ribalta e, entre outras infantilidades, deu uma entrevista piadética e patética ao *Tal & Qual*, de 3/11/1995, na qual surgia de peito ao léu, reclinado numa espreguiçadeira, de charuto na mão e óculos escuros, rodeado de moças em biquíni. "Votem em mim e gozem a vida", dizia, refestelado na Quinta dos Cavaquinhos, para os lados do Fogueteiro. "Ele promete-nos uma boa vida!", exclamava o tablóide, informando que o "sr. buzinão" tinha como programa político "vivendas com piscina e bons carros para todos os portugueses". Acabou por desistir por falta de verbas e de assinaturas, deixando desalentados aqueles a quem já tinha prometido emprego em Belém, como o actor Octávio de Matos e o radialista Nunes Forte. Depois, é evidente, escreveu um livro sobre essa jornada inglória (*Histórias da Desistência. Por que não fui Presidente da República*, 1997), obra que enternece e comove ao mostrar o que é uma campanha política destituída de cabeça, meios e apoios, excepção feita, e o autor agradece-lhes, aos cabeleireiros Moda Jovem e Helenarte, à Novimago, à Ervanária Nova Esperança, ao Bazar do Vídeo e ao Clube de Vídeo Mil.

Aquando do impedimento temporário de Jorge Sampaio, em 1996, Aristides ofereceu-se para o substituir em Belém, algo que teria sido original e até engraçado, mas contrário à letra da Constituição da República. Em 1997, segundo Eleutério, o filho ainda conspirava com "algum secretismo" para um novo "buzinão", na companhia de Manuel Poças. Três anos depois, voltaria a protestar na Ponte do Pragal, acção que durou alguns minutos, mas que Teixeira considerou "muito positiva" (*Visão*, de 23/10/2021). De permeio, notícia de uma Frente Nacional Contra Portagens (FNCP), fugaz e inconsequente, tudo em claro contraste com as carreiras mais promissoras de outros da sua idade, a quem Eleutério, certeiramente, prognosticara grandes futuros, como Santana Lopes ("este rapaz ainda há-de ser alguém") e António Costa ("este miúdo ainda vai a ministro"). Num certo sentido, Aristides Teixeira é um António Costa às avessas, azarado, desmiolado, alguém que, guardadas as devidas distâncias, tem uma genealogia antifascista em tudo idêntica à do primeiro-ministro, que trata aliás por tu, pois foram colegas no Liceu Pedro Nunes, onde se tornaram amigos justamente por descenderem ambos de resistentes ao salazarismo. O que é o encanto da vida, as linhas cruzadas do destino: António Costa também esteve na TV, no mesmíssimo programa por onde Aristides começou, "Bota das Sete Léguas", e aí entrevistou, *inter allia*, Paulo de Carvalho e Carlos Mendes. Numa vida-outra, António poderia ter sido Aristides, e este primeiro-ministro, não foram as contingências da existência e muita falta de tino, que, entre o mais, o levaram a não acabar o curso, a não apostar no partido e nos amigos certos, a preferir a boémia e a companhia das celebridades da TV e outras, como Lili Caneças, entre as demais e muitas vedetas que abrilhantam o seu último livro, *Abril que os Pariu*, prefaciado por Joana Amaral Dias.

Além de ter estado ao lado de Pina Moura numas tertúlias organizadas pelo PSD no ano 2000, no Martinho da Arcada, com moderação de Leonor Beleza, Aristides Teixeira continuou a desmultiplicar-se num sem-fim de iniciativas, como um minuto de silêncio em memória de Carlos Castro, no Jardim da Estrela, uma rua em seu nome (Catarina Vaz Pinto informou-o que não existiam ruas disponíveis), as causas dos infortunados Licínio França e Florbela Queiroz (esta, com o apoio de "Querido, Mudei a Casa"), o SOS Moçambique, para auxílio às vítimas das cheias (em conjunto com Eusébio), fundou a associação cívica Lusofonia, Cultura e Cidadania, que, entre o mais, promoveu uma manifestação em prol dos moradores num bairro semiclandestino da Costa da Caparica. Falou no 1.º Congresso da Democracia Portuguesa, em 2004, foi cronista do *Destak*, comemorou os 20 anos do "buzinão da Ponte", ao lado de Vasco Lourenço. Depois, o impensável: nas autárquicas de 2017, candidatou-se como independente nas listas do CDS-PP, imagine-se, almejando a vice-presidência da câmara de Almada, mas os populares não foram além dos 2,78%, abaixo do PAN e pouco acima do PCTP.

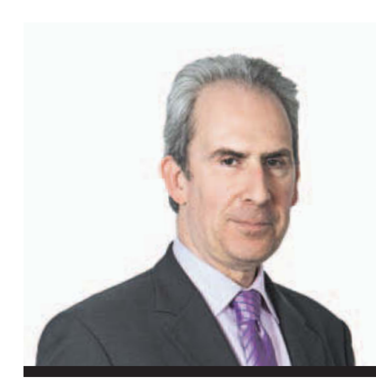
Comparados os percursos de Eleutério e de Aristides, e salvaguardadas as devidas distâncias, somos tentados a concordar com Mark Twain, quando um dia disse que "a História jamais se repete, mas às vezes rima." Aristides Teixeira continua a morar na Margem Sul, passeia pela Mata dos Medos. Desprezou a "troika", apoiou a "geringonça", é hoje avô e decerto feliz, mas não está contente com o actual panorama televisivo, onde "reina a mediocridade em apresentadores, jornalistas e conteúdos". Em entrevista a Fernando Alvim, disse, com mágoa, que só ele e a "malta dos lares de terceira idade" o reconheciam. Deitou ao lixo os recortes dos jornais e revistas com a sua pessoa, que eram muitos, confessa, talvez menos dos que ambicionasse. Na RTP, onde trabalha na direcção de produção, encontrou por casualidade António Costa, rodeado de administradores e seguranças. Abraçaram-se, Aristides convidou-o para apresentar o seu último livro, Costa pediu que lho enviasse para São Bento, prometeu que iria lê-lo. Depois, nada mais se soube.

**Prova de vida (52) faz parte de uma série de perfis*



Em face de tudo isto, quase apetece dizer que Aristides Teixeira acabou por ser o tolito deixado a meio da ponte, o *idiot utile* que deu a cara pelo protesto, mas que acabou usado por gente mais habilidosa do que ele, que o descartou e deixou cair logo à primeira curva.

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.



Entre as imagens
João Lopes

O olho direito da Lua

Nas últimas semanas tenho sido acompanhado pelas palavras de Salman Rushdie no seu livro *Faca* (edição D. Quixote, tradução de J. Teixeira de Aguilar). Estamos perante um exercício radical de memória, embora transcendendo a mera inventariação de factos. O que, evidentemente, não banaliza a perturbação inerente a tais factos, assim resumidos na contracapa: "A 12 de agosto de 2022, trinta e três anos depois da *fatwa* contra ele decretada pelo *ayatollah* Khomeini, assim que subiu ao palco do anfiteatro de Chautauqua, Nova Iorque, para falar sobre a importância de manter os escritores fora de perigo, Salman Rushide foi atacado, e quase morto, por um jovem com uma faca."

O desafio do escritor poderá resumir-se através do enraizamento literário, político e simbólico a que, justamente, as suas palavras tentam responder e corresponder. Na certeza de que o labor da escrita está muito para lá do falacioso conceito corrente – entenda-se: televisivo – de "descrição" do mundo.

Com objetividade e ironia, Rushdie refere o "modo de livre associação" da sua mente. Cita até os seus pensamentos cruzados na noite de 11 de agosto, essa "última noite inocente". Face ao esplendor da "lua cheia que brilhava sobre o lago", pensou, entre outras coisas, no instante em que Neil Armstrong pisou a Lua, numa história de Italo Calvino e, por fim, no "momento mais famoso" do filme *Viagem à Lua* (1902), de Georges Méliès (evocado através da reprodução do respetivo fotograma). E acrescenta: "Não fazia ideia, ao recordar a imagem da nave a ferir o olho direito da Lua, daquilo que a manhã seguinte reservava ao meu próprio olho direito."

O atentado de que foi alvo suscita-lhe outras associações cinéfilas, incluindo os "sonhos que eram reminiscências" de *Un Chien Andalou* (1929), de Luis Buñuel e Salvador Dalí, filme "em que uma nuvem que corta a lua cheia se converte numa lâmina a cortar um olho". Para desembocar na tragédia consumada pelos erros estúpidos da morte: "Uma das razões pelas quais o filme *Psycho*, de Alfred Hitchcock, é tão assustador é morrerem as pessoas erradas. A maior estrela do filme, Janet Leigh, morre passado cerca de meia hora. Aparece o seguro e avuncular detetive Martin Balsam, tipo deixem-isso-comigo e, mal damos por isso, morre também. É aterrador. Era assim que eu começava a sentir-me. A morte estava a apresentar-se nas moradas erradas."

Há uma mensagem implícita nestas palavras: o naturalismo pueril da mais formatada linguagem televisiva pode dominar (e, de facto, domina) as trocas informativas em que vivemos, mas revela-se irremediavelmente escasso para lidar com a complexidade da experiência humana. E há também em tudo isto uma tragédia de comunicação que o escritor não sabe como resolver (e o leitor ainda menos): como lidar com o próprio autor do atentado?

Escreve Rushdie, designando-o por "A.": "Como hei de abordá-lo, o detentor da faca? Circundo-o na minha mente, penso em maneiras de iniciar a conversa." E também: "Não quero ser demasiado amistoso. Não me sinto amistoso. Mas também não quero ser demasiado hostil. Quero abri-lo, se puder. Como um encontro real é improvável – digamos impossível –, tenho de imaginar a maneira de entrar na sua cabeça. Tenho de tentar construí-lo, torná-lo real. Não sei se conseguirei."

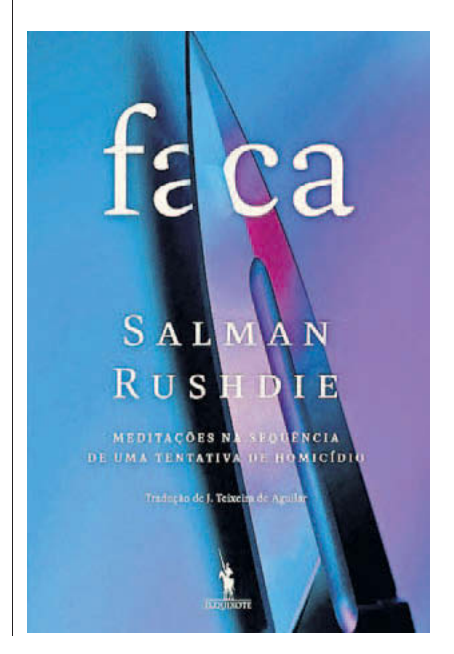
Ao longo de quarenta páginas, Rushdie arrisca mesmo um exercício teatral em que redige esse diálogo "improvável/impossível" com o homem que tentou matá-lo. Quase no fim, diz-lhe: "Começo a perceber. Você quer ser um servo. Andou à procura de um amo ou de uma ideia que fosse maior que você e perante a qual pudesse curvar-se. Não queria ser livre. Queria submeter-se." Que acontece, então? O agente da morte responde: "Ainda não percebeu. Só a submissão conduz à liberdade. Essa é que é a porra da questão."

Subitamente, o nosso tão fútil idealismo coletivo encontra a questão que sempre lá esteve, mas que teimamos em iludir ou menosprezar: a palavra "liberdade" não tem uma significação unívoca, nem é uma moeda de troca universal.

Jornalista



***Viagem à Lua* (1902), de Georges Méliès: a memória que persiste.**



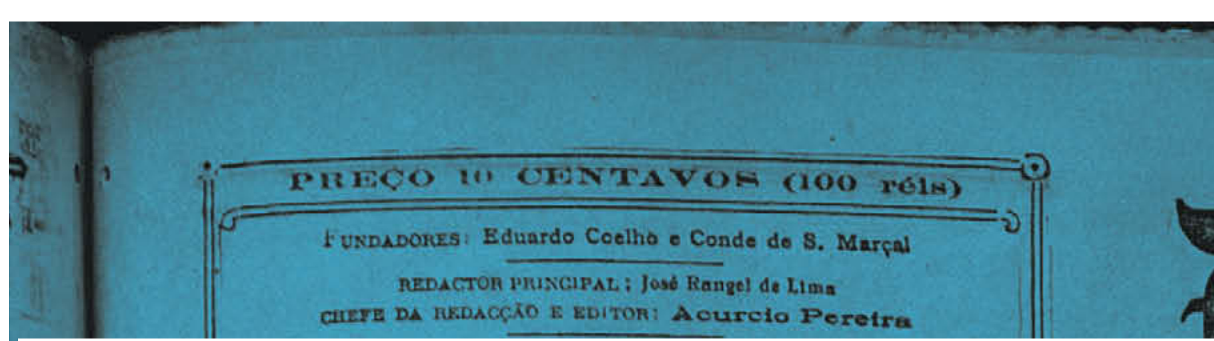
"Através de palavras concisas, Salman Rushdie ajuda-nos a lidar com os erros cometidos pela morte.



O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 30 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

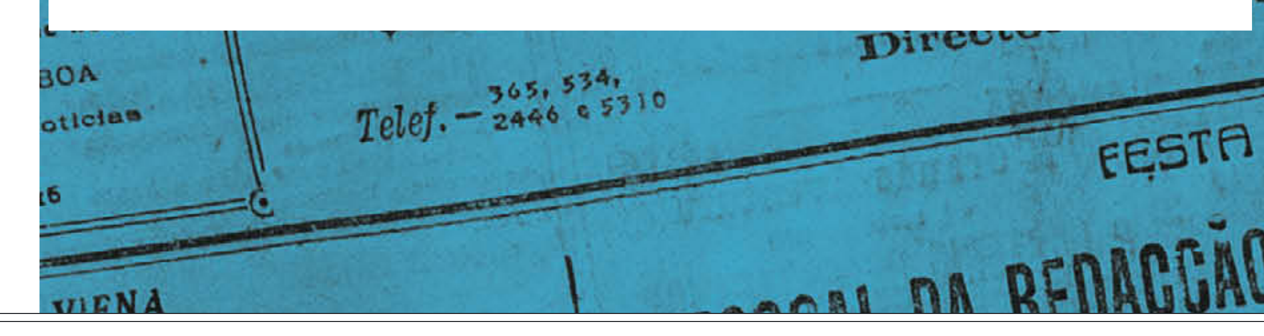


BOMBEIROS VOLUNTARIOS
de Campo de Ourique
O sr. Presidente da Republica assistiu ontem á inauguração do consultorio medico e do novo automovel de pronto socorro



O sr. Presidente da Republica assistiu ao exercicio

Estreia oficial do Auto Pronto Socorro

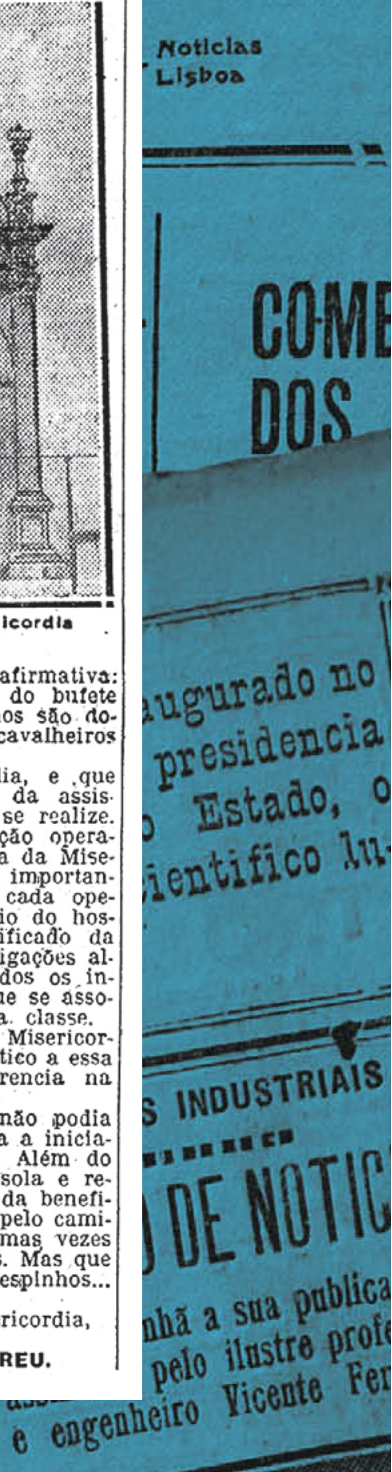


O sr. Presidente da Republica inaugurou ontem o novo consultorio medico da «Cruz Branca», serviço de saude dos Bombeiros Voluntarios de Campo de Ourique, e o novo carro automovel de pronto soccorro da mesma instituição.

A's 3 horas e meia da tarde chegou o sr. Teixeira Gomes á rua Ferreira Borges acompanhado do chefe do protocolo, sr. Barreto da Cruz, e do sr. Arantes Pedroso, oficial ás ordens, sendo recebido pelos srs. dr. Filipe Mendes, Governador Civil, Matos Alves, comandante da corporação, José Dias da Silva presidente da direcção, dr. Carrasco Guedes, medico da «Cruz Branca» e pelo chefe do saude, Antonio Rocha.

Sua ex.ª depois de receber os cumprimentos de todos os presentes dirigiu-se ao gabinete da Direcção onde o sr. Dias da Silva leu uma saudação, ao ilustre visitante tendo, antes, feito larga referencia á vida da instituição, salientando os importantes serviços por ela prestados em especial os que diariamente são feitos pelo posto de soccorros, onde já receberam curativos, no primeiro semestre do corrente ano, cerca de 5.000 pessoas.

Finda a leitura da saudação, o sr. Dias da Silva apresentou ao sr. Teixeira Gomes a pupila da «Cruz Branca» que foi salva por voluntarios, da corporação nuns casebres da Ponte



A MISERICORDIA de Abrantes

A Misericordia de Abrantes enferma do mal que actualmente tortura todas as suas congeneres. Esse mal tem causas proximas e remotas. Destas, a principal está nas antigas leis de desamortização que fizeram travar bens de raiz, que seriam hoje consideraveis riquezas, por papeis de credito, que dão actualmente insignificantes rendimentos. As causas proximas estão na carestia das drogas, dos pensos, dos comestiveis e dos salarios.

O remedio para esse mal não se pode pedir todo ao Estado, porque as Misericordias são pela sua origem, pelo seu caracter, pela sua tradição, instituições de assistencia particular e regional.

Ao Estado não devem pedir dinheiro, mas só o auxilio que lhes é devido, a que têm todo o direito, pelo fim a que se dedicam, facilitando, completando a obrigação que o Estado e os particulares têm de dar assistencia a todos os enfraquecidos pela idade e pela doença.

O Estado é uma individualidade colectiva que tem de cumprir o que não era possivel que fizesse, só por si, cada um dos membros da colectividade.

Os particulares têm o dever da assistencia que lhes é imposto pelo principio da solidariedade humana, inerente á propria natureza.

Mas até onde, com respeito a Misericordias, deve ir aquele auxilio do Estado?

Até ao ponto em que não transforme as Misericordias em estabelecimentos do Estado. Não é dinheiro que lhes deve dar, mas leis de protecção com que elas possam desafogadamente desempenhar a missão a que se destinam com os recursos unicos da região em que estão instituidas.

Resumia-se tudo isso na possibilidade do lançamento dum imposto em cada concelho, mas simplesmente da importancia necessaria para saldar o «deficit» das Misericordias na conta da receita ordinaria e a despesa obrigatoria.

Para a despesa extraordinaria de melhoramentos, ampliações, etc., ficava a assistencia particular, facultativa.

Remedio tão facil, tão simples, tão pronto, não podia ou, pelo menos, não devia, repugnar aos contribuintes de cada concelho, que assim viam bem a aplicação que tinha o imposto da assistencia, que actualmente não vêem com aquela precisão, com aquela directa aplicação aos pobres do seu concelho, apesar de o pagarem quando lhes morre o pai ou o filho, quando escrevem para o correio em determinados dias, quando comem no restaurante, quando se hospedam no hotel, quando viajam no caminho de ferro, quando vão ao teatro, quando quasi satisfazem qualquer acto essencial da vida, para no fim vêrem a sua Misericordia sem recursos para sustentar o asilo e o hospital!

Dr. Solano de Abreu

Outro auxilio do Estado seria a anulação das leis de desamortização. Essa anulação impõe-se porque, com ela, não só o Estado auxilía as Misericordias, mas, o que é mais, deixa de as prejudicar.

O mais fica para a assistencia particular, tão generosa em terras portuguesas.

Aquela assistencia a que não repugna, como temos ouvido, o pagamento daquele imposto, aquela assistencia que, apesar de tudo e contra tudo, não tem deixado fechar por esse país fóra asilos, créches, hospitais. E' essa assistencia que o «Diario de Noticias», num gesto de nobre altruismo, numa acção de elevada solidariedade humana, agita onde ela está mais adormecida, sacode onde ela é menos activa, entusiasma onde ela maior expansão está tendo.

Abrantes tem generosamente acolhido todos os apêlos que a Mesa da Misericordia lhe tem feito. E assim o hospital do concelho de Abrantes não só se tem mantido, mas até utlimamente tem passado por uma grande e progressiva transformação. A' generosa gente do concelho de Abrantes isso se deve. E para esse facto tambem muito tem concorrido o corpo clinico composto de três facultativos, os srs. drs. Manuel Fernandes, Sant'Ana Maia e Prior, verdadeiros benemeritos, como a Mesa da Misericordia já oficialmente os proclamou.

Principiaram em junho, com uma vacada, promovida pelos ferro-viarios da estação de Abrantes, as festas a favor da Misericordia, durante este verão.

Na noite de S. João foi inaugurado um parque de festivais, que se repetirão em muitos domingos, com palco ao ar livre, coreto para banda, bufete, etc.

Para se avaliar bem o que é a generosidade da gente de Abrantes para obras de beneficencia, basta dizer que, ha quatro anos, saiu da Misericordia, com independencia propria, uma instituição denominada «Sopa dos Pobres», que principiou o exercicio da sua missão sem um centavo e que hoje distribui 40 jantares diarios, com dois pratos nos dias feriados, e perto de 90 esmolas semanais nos domicilios.

Apesar da carestia dos generos vive desafogadamente, administrada por senhoras, incansaveis na prática dessa meritoria obra.

Ainda mais um facto que, se não tem a importancia deste, é contudo bem significativo para a nossa afirmativa: todos os artigos de serviço do bufete nas festas a que nos referimos são donativos de senhoras e de cavalheiros desta cidade.



Portico da igreja da Misericordia de Abrantes

Ainda outro de suma valia, e que será um poderoso auxiliar da assistencia em Abrantes, quando se realize. Ha nesta terra uma associação operaria, que alvitrou á provedoria da Misericordia a recolha anual da importancia dum dia de salario de cada operario do concelho, a beneficio do hospital. Este alvitre é o significado da elevada compreensão das obrigações altruistas, que competem a todos os individuos e ainda mais aos que se associam para dignificarem uma classe.

Brevemente o provedor da Misericordia, para dar um caracter prático a essa lembrança, fará uma conferencia na séde daquela associação.

Num meio desta natureza não podia deixar de ser muito aplaudida a iniciativa do «Diario de Noticias». Além do mais essa santa cruzada consola e retempera quem nos trabalhos da beneficencia não encontra só flôres pelo caminho, mas sente tambem algumas vezes nos pés as picadas dos cardos. Mas que fazer-lhe, se até as rosas têm espinhos...

O provedor da Misericordia,

SOLANO DE ABREU.



totoloto SORTEIO: 052/2024
CHAVE: 15-26-33-34-48 + 8
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Apelo aos médicos para travarem horas extra

SAÚDE A Fnam pede aos médicos que não façam mais horas do que aquelas a que são obrigados e lamenta ainda não haver data para negociar com o governo.

A Federação Nacional dos Médicos (Fnam) apelou este sábado, 29, aos clínicos para não fazerem mais do que as 150 horas extraordinárias anuais ou as 250 caso estejam em exclusividade. "Desde já apelamos à questão da colocação das minutas para os médicos não fazerem mais do que as 150 horas a que estão obrigados por ano, ou 250 horas, caso estejam no regime de dedicação plena", afirmou a presidente da Fnam.

Joana Bordalo e Sá falava no final do Conselho Nacional da Fnam, que decorreu durante toda a manhã, em Coimbra, para avaliar a disponibilidade negocial do Ministério da Saúde e decidir as formas de luta necessárias, nomeadamente o reforço do movimento dos médicos que se recusam a ultrapassar o limite legal das horas suplementares. "Discutimos os vários tópicos e decidimos a nossa estratégia. Acima de tudo, reiteramos as soluções que já tínhamos entregue ao Ministério da Saúde como sendo os pontos principais para conseguirmos fixar médicos no Serviço Nacional de Saúde (SNS)", afirmou. E sublinhou que a Fnam entende que as soluções que tem vindo a defender "são as únicas capazes de fixar médicos no SNS, que quer que seja público e universal e que consiga garantir cuidados a toda a população". A dirigente lamentou que, "por agora, não haja nenhum sinal de que o Ministério da Saúde, de Ana Paula Martins, queira efetivamente chegar a uma solução".

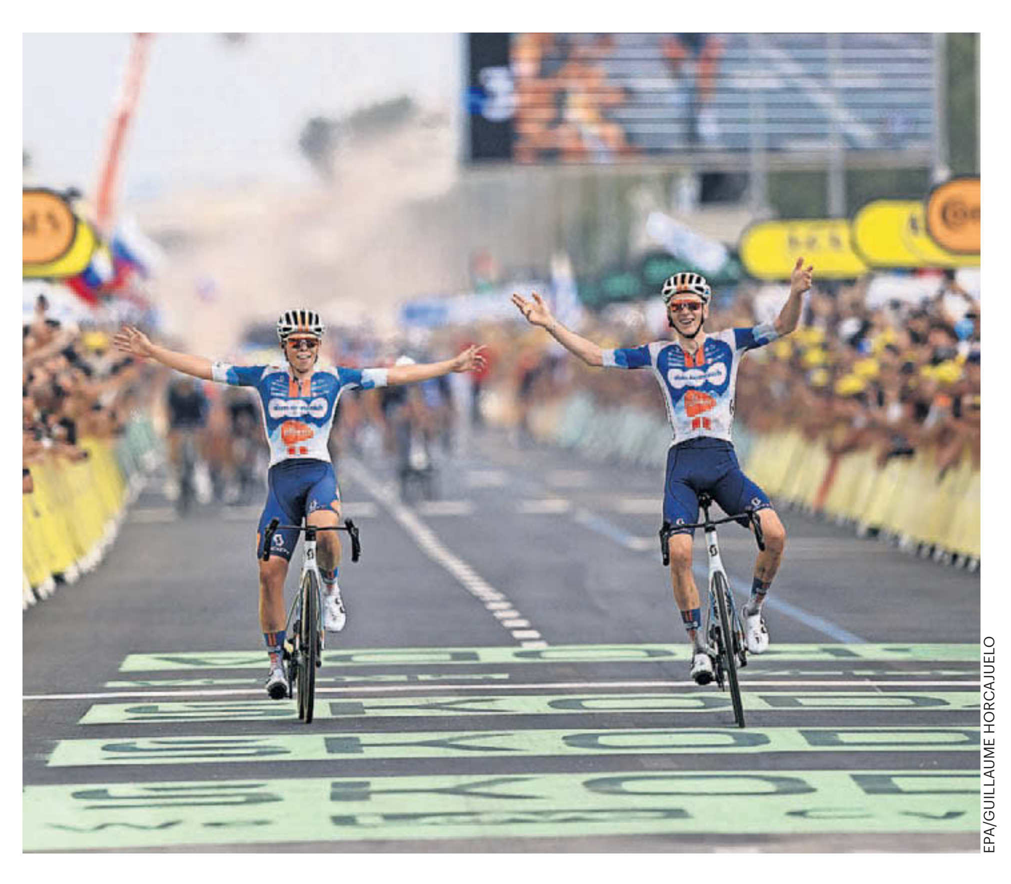
Aliás, realçou o facto de a associação sindical ter tido uma reunião agendada para o dia 25 de junho com o Ministério da Saúde que foi praticamente cancelada na véspera. "Ainda não temos data para arrancar com este protocolo negocial, que é extremamente importante para uma negociação séria e para que consigamos ter soluções para o SNS. Olhamos para isso com muita preocupação", sintetizou.

DN/LUSA



Bardet é o primeiro líder do Tour 2024

O ciclista francês Romain Bardet (à direita na foto) – da equipa dsm-firmenich PostNL –, a disputar a sua última Volta a França, é o primeiro camisola amarela da 111.ª edição, depois de vencer ontem a primeira etapa, em solo italiano, com partida em Florença e chegada a Rimini. Aos 33 anos, o vice-campeão do Tour 2016 e terceiro classificado da edição de 2017 veste pela primeira vez na carreira a camisola amarela na Grande Boucl', depois de ter cortado a meta, no final dos 206 quilómetros da etapa, ao lado do seu companheiro de equipa neerlandês Frank Van den Broek.



EPA/GUILLAUME HORCAJUELO

BREVES

Montenegro recebe Costa ao almoço, em São Bento

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, recebe amanhã, segunda-feira, António Costa na residência oficial de São Bento, após a eleição deste para a presidência do Conselho Europeu na quinta-feira à noite.
O primeiro encontro de Montenegro com Costa após a eleição vai decorrer pelas 13h00, durante um almoço na residência oficial do primeiro-ministro em São Bento, em Lisboa.
Esta será a primeira reunião entre Luís Montenegro e António Costa depois de os chefes de Estado e de governo da União Europeia terem escolhido, na passada quinta-feira, o ex-primeiro-ministro socialista como presidente do Conselho Europeu para um mandato de dois anos e meio, a partir de 1 dezembro de 2024.
António Costa é o primeiro português e o primeiro socialista à frente do Conselho Europeu.
Montenegro nunca escondeu o apoio a António Costa para aquele alto cargo europeu desde que chegou ao governo, no início de abril, e Costa agradeceu ao atual primeiro-ministro logo após a eleição, na quinta-feira passada.

Greve dos comboios até 14 de julho foi suspensa

A greve na CP, convocada pelo sindicato dos maquinistas (SMAQ) e que decorria até 14 de julho, foi suspensa após um acordo para aumentos salariais que beneficia todos os trabalhadores da empresa, anunciou hoje o governo.
O Ministério das Infraestruturas e Habitação adiantou que o SMAQ comunicou formalmente a suspensão da greve, que começou na quinta-feira e se prolongava até 14 de julho. As negociações entre a CP e o SMAQ, mediadas pela secretária de Estado da Mobilidade, Cristina Pinto Dias, permitiram "chegar a um acordo sobre várias matérias laborais, nomeadamente aumentos dos salários e do subsídio de refeição, beneficiando todos os trabalhadores da empresa".
Já a CP salientou que as partes chegaram "a um acordo quanto ao regulamento de carreiras", sublinhando que o SMAQ se comprometeu a terminar com a greve com efeitos imediatos. "O acordo alcançado é extensível a todas as categorias profissionais da CP, garantindo que todas as áreas da empresa beneficiem das melhorias acordadas. Gostaríamos de expressar o nosso agradecimento ao SMAQ. A cooperação e a abertura ao diálogo foram fundamentais para alcançar este consenso, que promove o bem-estar dos trabalhadores e a eficiência da CP", destacou ainda a empresa.



Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt





5 605290 023026 56682